

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
MESTRADO EM LETRAS — ESTUDOS LITERÁRIOS

WALDETE FREITAS BARBOSA

**A FACE DO CAOS: A CRÔNICA DE GUERRA EM  
GUIMARÃES ROSA**

BELÉM  
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
MESTRADO EM LETRAS — ESTUDOS LITERÁRIOS

WALDETE FREITAS BARBOSA

**A FACE DO CAOS: A CRÔNICA DE GUERRA EM  
GUIMARÃES ROSA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador:  
Prof. Dr. Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

BELÉM  
2011

WALDETE FREITAS BARBOSA

*A FACE DO CAOS: A CRÔNICA DE GUERRA EM GUIMARÃES ROSA*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Aprovado em: 27 de abril de 2011.

Conceito:

Banca Examinadora:

---

Membro (1): Prof. Dr. Sílvio Augusto de Oliveira Holanda - Orientador  
Instituição: Universidade Federal do Pará

---

Membro (2): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marlí Tereza Furtado  
Instituição: Universidade Federal do Pará

---

Membro (3): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmem Lúcia Negreiros  
Instituição: Universidade Estadual do Rio de Janeiro

“A crônica é a canção da literatura. Pode dizer o mesmo que a sinfonia. Mas faz aos poucos. Ao simples. Para todos. No volume diário de oferta de leitura, a crônica é, ao mesmo tempo, a poesia, o ensaio, a crítica, o registro histórico, o factual, o apontamento, a filosofia, o flagrante, o miniconto, o retrato, o testemunho, a opinião, o depoimento, a análise, a interpretação, o humor. Polivalente.”

(Artur da Távola)

“Um diplomata é um sonhador e por isso pude exercer bem essa profissão. O diplomata acredita que pode remediar o que os políticos arruinaram. [...] e também, por isso, mesmo gosto muito de ser diplomata. [...] Mas eu jamais poderia ser político com toda essa constante charlatanice da realidade.”

(Guimarães Rosa)

## AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, pois a gratidão tem início quando se reconhece quem Deus é e o que Ele tem feito. A própria vida é um presente gracioso de Deus. Só existe gratidão baseada nesse fundamento;

Ao meu esposo Ailton Barbosa, pelas palavras de incentivo, paciência e dedicação;

Aos meus filhos Danglar e Glaucia, que sempre torceram por mim;

A minha mãe Raimunda Freitas, pelas orações, cuidado e carinho durante este percurso;

A minha avó Sra. Odete Navegantes Freitas, com 90 anos, lúcida e alegre, pelo incentivo;

A tia Wanda Navegantes Freitas, exemplo de filha e dedicação aos pais e à família;

À amiga Maria das Neves, pela amizade sincera. A “Senhora De Campos Ribeiro”, como eu a chamei, por conta da sua dissertação de mestrado;

Aos amigos da biblioteca do Mestrado, que me receberam muito bem nesse espaço de estudo e pesquisa;

Aos Professores do Curso de Mestrado em Letras, pela transmissão de conhecimentos;

Ao Prof. Dr. Sílvio Holanda, amigo e incentivador, que, com a simplicidade de sua profunda sabedoria, orientou a feitura deste trabalho;

À Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC), pela concessão de bolsa de Mestrado.

## RESUMO

O volume *Ave, palavra*, de João Guimarães Rosa, obra póstuma, publicada em 1970, transcreve 54 textos considerados pelo escritor uma “miscelânea”, que reúne notas de viagem, diários, poemas, contos, crônicas, flagrantes, reportagens poéticas e meditações, tudo o que, aliado à variedade temática de alguns textos em verso e de feição filosófica, constituiu sua colaboração de vinte anos em jornais e revistas brasileiras. Objetiva-se, nesta dissertação de Mestrado, estudar a crônica de João Guimarães Rosa, no período compreendido entre 1948-1961, tomando por base o referido livro de 1970, com enfoque no problema da classificação dos textos e no caráter de testemunho destes. Para esse estudo, selecionaram-se os seguintes textos: “O mau humor de Wotan” (29.02.1948 — *Correio da Manhã*); “A senhora dos segredos” (06.12.1952 — *Correio da Manhã*); “Homem, intentada viagem” (18.02.1961 — *O Globo*); “A velha” (03.06.1961 — *O Globo*). A leitura e interpretação das crônicas citadas seguem um viés histórico-cultural, no período correspondente à Segunda Guerra Mundial. Considerando os estudos de Massaud Moisés (1978), Afrânio Coutinho (1997) Antonio Candido (1997) e Jorge de Sá (2005), compreendeu-se que este gênero textual merece necessário estudo e avaliação. Fundamenta-se esta Dissertação nos estudos formulados por Hans Robert Jauss (1979), que focaliza a primazia da hermenêutica centrada no leitor, aclarando, de um lado, o processo atual que concretiza o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstrói o processo histórico pelo qual o texto é recebido e interpretado por leitores de tempos diversos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Guimarães Rosa. *Ave, Palavra*. Crônica. Guerra.

## ABSTRACT

João Guimarães Rosa's anthology, *Ave, palavra*, was posthumously published in 1970. It is a compilation of 54 texts described by the author as a "miscellany", a collection of travel notes, journals, poems, short stories, chronicles, events, poetic reports and meditations, all of them, associated to the thematic variety of some texts in verse with a philosophical approach. They formed his collaboration during the 20 years he wrote for Brazilian newspapers and magazines. This Master's dissertation aims to study João Guimarães Rosa's chronicle based on his 1970 book, focusing on the problem of classification of texts in their testimony nature. For this study the following chronicles were selected: "O mau humor de Wotan" (*Wotan's Bad Humor*) (02.29.1948 — *Correio da Manhã* Newspaper); "A senhora dos segredos" (*The Lady of Secrets*) (12.06.1952 — *Correio da Manhã*); "Homem, intentada viagem" (*Man, The Intended Trip*) (02.18.1961 — *O Globo* Newspaper); "A velha" (*The Old Lady*) (06.03.1961 — *O Globo*). Reading and interpretation of the mentioned chronicles address the historical context of the 20th Century, during World War II. Considering the studies done by Massaud Moisés (1978), Afrânio Coutinho (1997), Antonio Candido (1997) and Jorge de Sá (2005), it was understood that this textual genre teaches us to live intimately with the word, considering that everything is life and a reason for reflection, which is perceived throughout the reading of the *Ave, palavra* author's chronicles, for the writer, who was born in the State of Minas Gerais, does not lose sight of the fact that reality is not merely duplicated, but recreated. The paper is based on studies formulated by Hans Robert Jauss (1979), which focus the primacy of hermeneutic centered on the reader, clarifying, on one side, the current process that concretizes the effect and meaning of the text for the contemporary reader and, on the other side, reconstructs the historical process by which the text is received and interpreted by readers of different eras.

**KEYWORDS:** Guimarães Rosa. *Ave, palavra*. Chronicle. War.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1. CRÔNICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES</b> .....	13
1.1 Diferentes conceituações.....	13
1.2 João Guimarães Rosa: um prosador da guerra.....	22
<b>2. ESTUDO INTERPRETATIVO DA CRÔNICA DE GUIMARÃES ROSA</b> .....	27
2.1. “O mau humor de Wotan” .....	27
2.1.1. A crônica “O mau humor de Wotan” e o “Diário de Guerra”.....	46
2.1.2. Beleza poética na crônica de guerra .....	48
2.1.3. “O mau humor de Wotan”: do jornal ao livro impresso .....	49
2.2. “A senhora dos segredos” .....	51
2.2.1. Beleza poética em “A senhora dos segredos”.....	55
2.2.2. “A senhora dos segredos”: do jornal ao livro impresso .....	56
2.3. “Homem, intentada viagem”.....	58
2.3.1. Beleza poética em “Homem, intentada viagem”.....	62
2.3.2. “Homem, intentada viagem”: do jornal ao livro impresso.....	64
2.4. “A velha”.....	65
2.4.1. Beleza poética em “A velha” .....	68
2.4.2. “A velha”: do jornal ao livro impresso .....	70
<b>3. EXAME DA RECEPÇÃO CRÍTICA DAS CRÔNICAS</b> .....	72
<b>CONCLUSÃO</b> .....	88
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	94
<b>ANEXOS</b> .....	97

## INTRODUÇÃO

“A crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. [...] a sua perspectiva não é a dos escritores que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo, consegue quase que sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um; e, quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava.”

(Antonio Candido)<sup>1</sup>

A crônica moderna surge, no século XIX, quando a imprensa escrita atinge ampla difusão. Inicialmente, a crônica tinha a função de comentar, refletir, num tom dissertativo, sobre questões políticas, econômicas, sociais, culturais. Aos poucos, as crônicas deixaram de ter a intenção primeira de comentar e de informar e passaram a assumir um caráter mais descomprometido, cada vez mais leve e com toques humorísticos. Os textos foram deixando de lado a preocupação argumentativa, opinativa e passaram a se aproximar mais da subjetividade e do lirismo da poesia.

Em meio a tantos assuntos cotidianos, a crônica aparece em jornais, revistas, rádio, TV e, mais recentemente, na Internet, como entretenimento, fazendo com que o leitor, o ouvinte e o espectador reflitam sobre a sua própria história. Essa reconfiguração criativa da crônica que se apresenta num tom mais pessoal, lírico ou humorístico e coloquial, como ocorreu no Brasil, faz com que ela seja vista, hoje, como um gênero literário tipicamente brasileiro.

Como afirma Antonio Candido: “a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas.”<sup>2</sup> Para o crítico, a crônica tem um olhar minucioso, particular sobre os fatos e acontecimentos. Esse gênero humaniza o mundo, dando sentido à realidade aparentemente caótica, recuperando a singularidade do sujeito no mundo.

No período compreendido entre 1938 e 1942 o escritor João Guimarães Rosa estabeleceu-se em Hamburgo como diplomata, entrando em contato com a Alemanha num momento significativo da história desse país. Em algumas crônicas do livro *Ave, Palavra* (1970), do referido autor, as suas experiências vividas no continente europeu são recriadas, de

---

<sup>1</sup> CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 24.

<sup>2</sup> *Idem, ibidem*, p. 24.

maneira que vão desde uma mirada de espanto sobre o que foi feito dos sujeitos pelo braço da guerra, como se lê em “O mau humor de Wotan”, até observações poéticas e minuciosas no Aquário (Berlim), escritas à maneira de aforismos poéticos.

Ao entrarmos em contato com estudos formulados por Hans Robert Jauss, em *A história da literatura como provocação à teoria literária*, compreendemos que a leitura de certas obras permite reconstruir o horizonte de expectativas, uma das tarefas da estética da recepção, a fim de esclarecer o relacionamento da obra com o leitor. Na tese III, Jauss discute sobre o horizonte de expectativas e expõe que uma obra, ao ser publicada, em uma determinada época, já tem um público à sua espera, entretanto, esta produção pode ou não preencher o horizonte de expectativas dos leitores.

Tal conceito tem como resultado o diagnóstico relativo à atualidade delas e ao impacto que causaram no decurso do tempo, apoiando-se na noção de emancipação, de uma parte resultado da obra literária que rompe os paradigmas dominantes na época de sua produção, de outra, o efeito e o significado do texto para o leitor.

Levando-se em consideração os aspectos observados, a obra tem um horizonte e o leitor tem outro, os dois horizontes se fundem, a relação do leitor com o objeto estético se constitui por uma mão dupla. Dessa forma, a obra provoca um efeito no leitor, e este, por sua vez, dará vida à obra e com ela dialogará.

Justifica-se a escolha desse projeto de pesquisa, tendo por base a leitura das crônicas de guerra de Guimarães Rosa, reunidas no volume *Ave, palavra* de 1970 e por reconhecer que sendo textos pouco conhecidos e estudados, precisariam receber necessária atenção e avaliação, para serem apresentados ao público acadêmico. Deste acompanhamento, surgiu a hipótese de que os textos analisados podem ser nomeados como crônicas, pois, apesar de publicarem o gênero, não valorizavam e, em alguns casos, até mesmo deturpavam o sentido da crônica.

Assim, é objetivo geral desse estudo contribuir para a compreensão da leitura da crônica de Guimarães Rosa que envolvem assuntos histórico-culturais, ampliando o horizonte de expectativa do futuro leitor dessa dissertação, para que este alcance um diálogo maior entre o texto do passado e sua época, do que resulta a fusão de horizontes, nos temos de Gadamer<sup>3</sup>

Como objetivos específicos, propõe-se: a) examinar quatro crônicas: “O mau humor de Wotan” (29.02.1948 — *Correio da Manhã*); “A senhora dos segredos”; (06.12.1952 —

---

<sup>3</sup> GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I*. Trad. Flávio Paulo Meurer. 7. ed. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Ed. São Francisco, 2005. p.503.

*Correio da Manhã*); “Homem, intentada viagem” (18.02.1961 — *O Globo*); “A velha”; (03.06.1961 — *O Globo*), reunidas no livro *Ave, palavra*, de João Guimarães Rosa, sem perder de vista o contexto da Segunda Guerra Mundial e, por outro lado, evidenciar o resgate cultural da Alemanha por parte do escritor mineiro; b) investigar a recepção crítica dessas crônicas no período compreendido entre 2002 e 2009, sob a perspectiva da Estética da recepção, formulada por Hans Robert Jauss; c) aplicar às crônicas em estudo a proposta jaussiana dentro de uma hermenêutica centrada no leitor, a qual a relação dialógica entre literatura e leitor se dá numa experiência de implicações tanto na dimensão do estético, quanto na do histórico.

Por questões metodológicas, interpreta-se as quatro crônicas rosianas sob o ponto de vista de três considerações fundamentais da Hermenêutica literária, a saber, a *compreensão*, a *interpretação* e a *aplicação*. Na primeira leitura das crônicas rosianas, aparecem as primeiras impressões que orientam a percepção estética das crônicas. Na *interpretação*, torna-se estável as possíveis leituras das crônicas e na *aplicação* apresenta-se a atualização estética das crônicas, possibilitando a abertura dos textos para a vida social, considerando os significados que resistiram, sob uma perspectiva histórica e quais as expectativas do público sobre as crônicas.

Na perspectiva de Jauss, a experiência estética é desenvolvida em três atividades importantes, complementares e simultâneas: *poíeses* [momento de produção], *aísthesis* [momento de recepção], e *katharsis* [comunicação] – experiência subjetiva. No entendimento do teórico alemão, a fruição da leitura somente se efetivará quando for experiência estética, isto é, quando levar o leitor a tomar certa atitude sobre a obra.

Este trabalho divide-se em três capítulos. O primeiro capítulo, sob o título “Crônica: algumas considerações” subdivide-se em dois tópicos: Em “Diferentes conceituações”, far-se-á uma breve discussão sobre a questão das definições da crônica, pois estudos variados foram feitos no sentido de compreender essa espécie, isso sem contar que, diante do hibridismo a ela inerente, disparidades classificatórias se têm confrontado, já em “Considerações sobre João Guimarães Rosa: um prosador da guerra”, registrar-se-ão as futuras impressões de um diplomata brasileiro na Alemanha nazista.

Para o desenvolvimento da primeira parte deste trabalho, recorreremos a alguns estudiosos como Massaud Moisés (1978), que considera a crônica quando esta possui apenas caráter literário, propõe uma crônica poema e uma crônica conto. Afrânio Coutinho (1997), que toma como base a tipologia literária: a crônica narrativa, a crônica metafísica, a crônica poema em prosa, a crônica comentário e a crônica informação. Antonio Candido (1997), que

leva em consideração a estrutura da narrativa e assim caracteriza a crônica: crônica diálogo; crônica narrativa; crônica exposição poética e crônica biográfica lírica e Jorge de Sá (2005), sob perspectiva diversa, aponta a ambiguidade do foco narrativo. Apresenta-se um quadro demonstrativo, com a citação de alguns cronista e suas características como escritores da crônica.

No segundo capítulo, empreender-se-á uma tentativa de analisar as quatro crônicas sem perder de vista o contexto histórico da Segunda Guerra Mundial e a intenção de resgate cultural alemã, por parte do escritor Guimarães Rosa. Nesse capítulo, apresentam-se quadros comparativos, referentes as quatro crônicas, mostrando as mudanças na escrita quando a crônica passou do jornal ao livro; a beleza poética das quatro crônicas e no caso da crônica “O mau humor de Wotan”, a comparação com alguns fragmentos do *Diário de guerra*.

O terceiro capítulo consiste no exame da recepção crítica das crônicas de Guimarães Rosa, selecionadas para este estudo, que, apesar dos poucos títulos, reflete um fenômeno importante na bibliografia crítica de escritor de *Ave, palavra*.

## 1. A CRÔNICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A crônica não é um “gênero maior”. [...] parece mesmo que a crônica é um gênero menor. “Graças a Deus”, seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura [...] Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia.

(Antonio Candido)<sup>4</sup>

### 1.1. Diferentes conceituações

A crônica desenvolveu-se ao longo dos séculos e o vocábulo adquiriu diferentes sentidos, definições e classificações. No entanto, a ideia de um tempo cronologicamente determinado sempre esteve ligada ao gênero<sup>5</sup>. O objetivo, na primeira etapa deste trabalho, não é defender nenhuma tese, e sim, apresentar algumas considerações por meio de uma pesquisa aberta sobre a espécie literária crônica, já que as definições são lacunares e, às vezes, um conceito complementa ou nega o outro.

Estudos continuam sendo feitos no sentido de compreender essa espécie. Ocorre que diante do hibridismo a ela inerente, disparidades classificatórias se têm confrontado. De um lado, a consideração da crônica enquanto espécie menor; de outro, a dúvida sobre sua natureza jornalística ou literária. Tais considerações e dúvidas se têm construído sob critérios adequados?

Como ponto de partida, apresentamos as definições de, pelo menos, três dicionários, porquanto há termos na língua portuguesa, cujo radical, etimologicamente, está ligado ao sentido original — tempo.

O *Novo Dicionário* de Aurélio Buarque de Holanda define a crônica como:

[Do lat. *chronica* (Pl.)] S.f. -1. Narração histórica feita por ordem cronológica. -2. Genealogia de família nobre. — 3. Revista científica ou literária, que constitui uma seção de jornal. — 4. Pequeno conto de enredo

<sup>4</sup> CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 23.

<sup>5</sup> Considerando-se a bibliografia acerca da crônica, utilizar-se-ão, indistintamente, os termos *gênero* e *espécie*.

indeterminado. -5. Seção ou coluna de revista ou jornal de assunto especializado. — 6. Biografia.<sup>6</sup>

Já o *Dicionário On-line* de Aurélio Buarque de Holanda apresenta a definição da crônica da seguinte maneira:

Coletânea de fatos históricos, de narrações em ordem cronológica: a “Crônica de D. Fernando”, de Fernão Lopes. / Conjunto de notícias que circulam sobre pessoas: a crônica mundana. / Seção de um jornal em que são comentados os fatos, as notícias do dia: crônica política, teatral. / Gênero literário que consiste na apreciação pessoal dos fatos da vida cotidiana. / Estatística. Conjunto de valores que uma variável toma em diferentes épocas sucessivas.<sup>7</sup>

No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* pode-se ler essa outra definição:

-1. HIST compilação de fatos históricos apresentados segundo ordem de sucessão do tempo [Originalmente a crônica limitava-se a relatos verídicos e nobres; entretanto, grandes escritores a partir do séc. XIX passam a cultivá-la, refletindo, e com argúcia e oportunismo, a vida social, a política, os costumes, o cotidiano etc. do seu tempo em livros, jornais e folhetins.] — 2. Noticiário a respeito de fatos atuais. — 3. LIT texto literário breve, em geral narrativo, de trama quase sempre pouco definida e motivos, na maior parte extraídos do cotidiano imediato. — ETIM lat. *chronica*, relato de fatos em ordem temporal, narração de histórias segundo a ordem em que sucedem no tempo.<sup>8</sup>

Os três dicionários se completam, apresentando basicamente as mesmas informações. Fatos históricos, de narrações em ordem cronológica, ordem de sucessão de tempo, reportando a ideia de reflexão da vida social, política, costumes, cotidiano etc., ou seja, no conteúdo da crônica estão os acontecimentos extraídos da vida cotidiana. Percebe-se uma exposição generalizada, portanto, não há uma definição clara sobre a crônica.

Para o crítico literário Eduardo Portella,

[a] presença da crônica, no conjunto de nossa produção textual, instiga a aproximação talvez crítica, em qualquer caso empurrada pela vontade perplexa de elucidação. É portanto uma aproximação muito mais acompanhada de perguntas que de respostas.<sup>9</sup>

<sup>6</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário de língua portuguesa*. 4 ed., Curitiba: Positivo. 2009, p. 580.

<sup>7</sup> Disponível em <http://www.dicionariodoaurelio.com>. Acesso em 03.03.2010.

<sup>8</sup> HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 877.

<sup>9</sup> II BIENAL NESTLÉ DE LITERATURA BRASILEIRA, 1984, São Paulo. *Ensaios/Seminários I. Literatura Brasileira: Crônica, Teatro, Crítica*. São Paulo: Norte, 1986, p. 7.

Refletindo sobre a citação acima, destaca-se a expressão: “É portanto uma aproximação muito mais acompanhada de perguntas que de respostas.”. A partir desse ponto, inúmeras perguntas são feitas por leitores estudantes, pesquisadores, jornalistas, escritores e pelos próprios cronistas, no sentido de tentar entender o que é “crônica”, formalizar uma resposta que contemple o desejo de conceituá-la.

Para tanto, recorreu-se à leitura de alguns estudiosos com Massaud Moisés (1978), Afrânio Coutinho (1997), Antonio Candido (1997), Jorge de Sá (2005), entre outros, que, *a posteriori*, terão seus nomes citados no *corpus* da pesquisa. A intenção é enriquecer o trabalho, seja com declarações que complementam, seja com opiniões divergentes; mas, sobretudo, esclarecendo sobre essa espécie tão discutida, apreciada e tão usada ultimamente.

Veja-se a proposta de Massaud Moisés:

Do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo latim *chronica*, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica. Situada entre os anais e a história, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los. Em tal acepção, a crônica atingiu o ápice depois do século XII, graças a Froissart, na França, Geoffrey of Monmouth, na Inglaterra, Fernão Lopes, em Portugal, Alfonso X, na Espanha, quando se aproximou estreitamente da historiografia, não sem ostentar traços de ficção literária. A partir da Renascença, o termo “crônica” cedeu vez a “história”, finalizando, por conseguinte, o seu milenar sincretismo.<sup>10</sup>

Massaud Moisés apresenta um estudo sobre a palavra “crônica”. Explica que o vocábulo “crônica”, ao longo dos séculos, estabeleceu uma “narrativa histórica”, limitando-se a registrar os eventos, sem a preocupação de apontar as causas ou interpretá-las. Atingiu o ápice depois do século XII, na França, Inglaterra, Portugal e Espanha. quando se aproximou da historiografia, mostrando acentuados traços de ficção literária. A partir da Renascença, o termo “crônica” cedeu vez à História. Liberto da conotação histórica, o vocábulo passou a revestir-se do sentido literário, a partir do século XIX, para encontrar seu significado jornalístico, como conhecemos hoje.

Jorge de Sá<sup>11</sup> ressalta a importância desse gênero narrativo e inicia seu estudo apontando a Carta de Pero Vaz de Caminha como a primeira crônica com sentido de narração histórica no Brasil. Esse tipo de relato cronológico feito pelos primeiros portugueses que aqui

<sup>10</sup> MOISÉS, Massaud. *A criação literária — Prosa*. São Paulo: Cultrix, 1982, p. 245-258.

<sup>11</sup> SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005, p. 5.

chegaram e foi denominado, por alguns estudiosos, de literatura de informação. Certamente, a crônica já foi crônica da história, e os nossos antepassados portugueses foram pródigos no seu exercício.

No século XIX, com o desenvolvimento da imprensa, a crônica passou a fazer parte dos jornais. Ela apareceu pela primeira vez em 1799, no *Journal de Débats*, publicado em Paris. Esses textos comentavam, de forma crítica, acontecimentos que haviam ocorrido durante a semana. Tinham, portanto, um sentido histórico e serviam, assim como outros textos do jornal, para informar o leitor. Nesse período, as crônicas eram publicadas no rodapé dos jornais, os “folhetins”. Os seguidores de Julien-Louis, principalmente no Brasil, traduziam o termo *feuilletons* por folhetim, daí dizer-se que, no Brasil, a crônica nasceu no folhetim. Era comum a expressão folhetinista para referir o cronista.

José de Alencar foi um dos primeiros escritores brasileiros a produzir esse tipo de texto nesse período. Com o passar do tempo, a crônica brasileira foi, gradualmente, distanciando-se daquela crônica com sentido documentário originada na França. Ela passou a ter um caráter mais literário, fazendo uso de linguagem mais leve e envolvendo poesia, lirismo e fantasia.

Com o surgimento dos periódicos, no século XIX, a crônica foi em grande parte exercitada pelos chamados escritores-jornalistas. Eram, geralmente, escritores estreates que viam na imprensa um caminho para se profissionalizarem, uma vez que o mercado editorial brasileiro era escasso e os jornais se constituíam numa ponte para uma possível publicação de seus livros.

Mais tarde, a crônica assumiu feição de gênero tipicamente nacional na década de 30. É Antonio Candido quem sugere seu marco histórico: “Acho que foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil, como gênero bem nosso cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, com os seus rotineiros e os seus mestres.”<sup>12</sup> Por isso, o professor Antonio Candido defende que a “crônica, sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu”.<sup>13</sup>

É nesta simplicidade de relatos da vida cotidiana que o professor Antonio Candido, também enfatizando o gênero voltado para a proximidade com o leitor, mostra que a crônica

elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado. [...] Por serem leves e acessíveis, talvez elas comuniquem mais

<sup>12</sup> CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 24.

<sup>13</sup> *Idem, ibidem*, p. 24.

do que um estudo intencional, a visão humana do homem na sua vida de todo o dia.<sup>14</sup>

A leveza da crônica ocorre porque o fato é visto sob a ótica da reflexão e, dessa forma, aborda aspectos da vida social e cotidiana, transmitindo os contrastes do mundo em que vivemos. Compartilhando da leitura e dos aspectos levantados por Antonio Candido<sup>15</sup>, observou-se que o crítico literário, orientando-se por meio da estrutura da narrativa, ao longo de “A vida ao rés-do-chão”, sugere quatro características: 1- crônica-diálogo — quando o cronista e seu interlocutor se revezam trocando pontos de vista e informações; 2- crônica narrativa — quando apresenta alguma estrutura de ficção, semelhante ao conto; 3- crônica exposição poética — o escritor faz uma divagação sobre um acontecimento ou personalidade, tecendo uma série de associações; 4- crônica biográfica lírica — quando se desenvolve em torno de uma estória ou de um episódio, o que se aproxima do conto.

Na classificação proposta por Massaud Moisés<sup>16</sup>, percebeu-se que o estudioso considera a crônica quando esta possui apenas caráter literário. Ele não se refere ao aspecto jornalístico e propõe uma crônica poema e uma crônica conto. A divisão de Massaud Moisés leva em conta que a crônica é, em certos momentos, um espaço voltado para expressar as emoções do seu autor — crônica poema — e, em outros, um espaço que não aponta essas emoções ou sentimentos, voltando-se apenas para a descrição de um acontecimento — crônica-conto.

Dessa maneira, o autor não se atém às ilimitadas possibilidades significativas da crônica, reduzindo-a a uma classificação fechada.

Para Massaud Moisés, enquanto poesia, a crônica explora a temática do “eu”, resulta de o “eu” ser o assunto e o narrador ao mesmo tempo, como ocorre na poesia; todavia, a crônica conto prima pela ênfase posta no “não-eu”, no acontecimento que provocou a atenção do escritor.<sup>17</sup>

Já a classificação de Afrânio Coutinho<sup>18</sup> leva em consideração diferentes tipos de crônicas: a crônica narrativa — cujo eixo é a estória ou episódio, o que a aproxima do conto; a crônica metafísica — constituída de reflexões de cunho mais ou menos filosófico; a crônica poema-em-prosa — de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida; a crônica-comentário — relata diferentes acontecimentos; a crônica-

<sup>14</sup> CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 24- 27.

<sup>15</sup> *Idem, ibidem*, p. 23- 29.

<sup>16</sup> MOISÉS, Massaud. *A criação literária — Prosa*. São Paulo: Cultrix, 1982, p. 251.

<sup>17</sup> *Idem, ibidem*, p. 251- 254.

<sup>18</sup> COUTINHO, Afrânio. Ensaio e Crônica. In: *A literatura no Brasil*. 4. ed. rev. atual. São Paulo: Global, 1997, v. 6, p. 133.

informação — é a que divulga os fatos, tecendo sobre eles comentários ligeiros.

Faz-se necessário frisar que essa tentativa de classificação não implica o reconhecimento de uma separação estanque entre vários tipos, os quais se encontram, frequentemente, fundindo traços uns com os outros, pois a flexibilidade, a mobilidade e a irregularidade são próprias da crônica. Por conta da sua forma, Afrânio Coutinho afirma que a crônica

é uma arte imaginativa, arte da palavra, a que se liga forte dose de lirismo. É um gênero altamente pessoal, uma reação individual, íntima, ante o espetáculo da vida, coisas, seres.<sup>19</sup>

Por isso mesmo, o professor Antonio Candido diz que “a crônica consegue transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, é possível verificar que a sua durabilidade pode ser maior do que se imagina.”<sup>20</sup>

A esse respeito Jorge de Sá afirma:

uma vez publicada em livro, assume uma certa reelaboração na medida em que é escolhida pelo Autor (em alguns casos, é outra pessoa quem organiza a coletânea). Além disso ela se torna mais duradoura, porque os textos que envelheceram devido à sua excessiva circunstancialidade não entram na seleção.<sup>21</sup>

Do periódico, a crônica pode migrar para um território menos efêmero, que é o livro. Portanto, é a atitude diante do texto que muda, como afirma Jorge de Sá. A modificação do suporte implica uma mudança de atitude do consumidor e, com isso, a crônica só ganha. Nesse sentido, como afirma o autor:

As possibilidades de leitura crítica se tornam mais amplas, a riqueza do texto, agora liberto de certas referencialidades, atua com maior liberdade sobre o leitor — que passa a ver novas possibilidades interpretativas a partir de cada releitura.<sup>22</sup>

Assim, quando a crônica passa do jornal para o livro, ampliam-se suas possibilidades de interpretação. O texto, como expõe Jorge de Sá, “permite ao leitor dialogar com o cronista e

<sup>19</sup> COUTINHO, Afrânio. Ensaio e Crônica. In: *A literatura no Brasil*, 4. ed. rev. atual. São Paulo: Global, 1997. v. 6, p. 136.

<sup>20</sup> CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 24.

<sup>21</sup> SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005, p. 83.

<sup>22</sup> *Idem, ibidem*, p. 85- 86.

com isso, o leitor é capaz de reinventar o mundo pelas vias da literatura.”<sup>23</sup> Esses aspectos vão certamente permitir ao leitor um campo semântico maior, entretanto, isso só é possível porque o cronista, segundo Massaud Moisés, “pretende-se não o repórter, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano, desentranhar do acontecimento sua porção imanente de fantasia.”<sup>24</sup> Por isso, mesmo referindo-se ao cotidiano, o cronista vai além dele, sempre de uma perspectiva pessoal, de observador ou até personagem, eternizando a crônica pela metáfora que cria.

Compiladas em um livro, as crônicas permitem que os leitores futuros conheçam as características e as inquietações que transformaram o seu passado, a sua cultura e o mundo em que vivem.

Segundo José Marques de Melo, não só os teóricos da literatura e do jornalismo se preocuparam em classificar a crônica: os cronistas também:

Numa série de crônicas sobre as “definições da crônica”, Luís Fernando Veríssimo oferece um esquema classificatório, tomando por ponto de referência a qualidade. Ele divide a crônica em: a) crônica, b) crônica curta, c) crônica longa, d) crônica grande. Como identificar cada subdivisão? Crônica é qualquer crônica, ou uma crônica qualquer. Crônica curta é o nome científico da crônica curta, como pode parecer. [...] Crônica longa é a crônica grande, substancial, com parágrafos gordos. [...] Crônica grande é o crônica longa. O crônica longa é consagrado; seu autor sai na rua e deixa um rastro de cochichos — É ele, é ele.<sup>25</sup>

Ao longo do tempo a crônica tem informado, comentado e divertido, buscando uma linguagem leve e descompromissada, afastando-se da lógica argumentativa ou crítica política para penetrar na poesia. Ela é o relato poético do real, e isso a torna ambígua e põe a descoberto a briga antiga e mal resolvida que existe entre literatura e jornalismo.

Marques de Melo afirma que ser a crônica um gênero jornalístico é ponto pacífico.

Produto do jornal, porque dele depende para a sua expressão pública, vinculada à atualidade, porque se nutre dos fatos do cotidiano, a crônica preenche as três condições essenciais de qualquer manifestação jornalística: atualidade, oportunidade e difusão coletiva.<sup>26</sup>

Da mesma forma, Luiz Beltrão afirma que “a crônica é a forma de expressão do jornalista; escritor para transmitir ao leitor seu juízo sobre os fatos, ideias e estados

<sup>23</sup> *Idem, ibidem*, p. 86.

<sup>24</sup> MOISÉS, Massaud. *A criação literária — prosa*. São Paulo: Cultrix, 1982, p. 247.

<sup>25</sup> MELO, José Marques. *A opinião do jornalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985, p. 118.

<sup>26</sup> *Idem, ibidem*, p.118

psicológicos pessoais e coletivos.”<sup>27</sup>

Sobre a palavra “crônica” Paulo Rónai<sup>28</sup> escreveu:

Para qualquer brasileiro a palavra crônica tem sentido claro e inequívoco, embora ainda não dicionarizado: designa uma composição breve, relacionada com a atualidade, publicada em jornal ou revista. De tal forma esse significado está generalizado que só mesmo os especialistas em historiografia se lembram de outro sentido bem mais antigo, o de narração histórica em ordem cronológica.<sup>29</sup>

Como se viu, no Brasil, a crônica é o relato poético do real, situada na fronteira entre a informação da atualidade e a narração literária. Um gênero plenamente definido. Conforme esclarece Paulo Rónai, “no jornalismo mundial a crônica está mais vinculada ao relato cronológico da narrativa histórica. Sua natureza é controvertida e varia de país para país.”<sup>30</sup>

A crônica se equilibra entre o efêmero do cotidiano e o imortal do fato literário, ambiguidade que a transforma em um gênero difícil de ser classificado ou analisado, quer no mundo jornalístico, quer no universo literário.

A facilidade para estar em dois espaços aparentemente opostos intriga quando se trata de compreender a crônica. Sua aparente efemeridade não se compara à matéria jornalística — a publicação em coletâneas e afins é prova disso — e é essa ligação com os acontecimentos do cotidiano que, para alguns, justifica o rótulo de gênero menor e dificulta a classificação enquanto literatura ou arte.

Escritas com a rapidez típica das redações de jornais e presas à necessidade da editoração e circulação do jornal diário, as crônicas nascem em um universo de urgência. O deus Cronos é constantemente respeitado — o tempo em seu fluir persistente. O cronista dispõe de pouco tempo, os acontecimentos são rápidos e ele precisa ter um ritmo ágil, por isso, como lembra Jorge de Sá, “sua sintaxe é mais solta e próxima da conversa entre dois amigos.”<sup>31</sup> O relato coloquial, a primeira pessoa e a opinião são utilizados com frequência e esses procedimentos são comumente pouco utilizados na narrativa literária.

Quando a crônica muda de suporte e migra para o livro, seu conteúdo semântico não é

<sup>27</sup> BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo Opinativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980, p. 66.

<sup>28</sup> Paulo Rónai nasceu em 1907 em Budapeste, Hungria. Seu pai era judeu, dono de uma livraria onde Rónai passou grande parte de sua infância. Doutor em Filologia Latina e Neolatina, estudou na Sorbonne e na Alliance Française de Paris, e na Università per Stranieri di Perugia, na Itália. Faleceu em 1992, em Nova Friburgo, aos 85 anos. Foi velado na Academia de Letras de Nova Friburgo, onde viveu durante muitos anos com a esposa, Nora Tausz Rónai e as filhas, Cora e Laura, no sítio *Pois é*, título de um de seus livros.

<sup>29</sup> RÓNAI, Paulo. *Um gênero brasileiro: a crônica*. In: HOWER, Alfred; PRETO-RODAS, Richard (org.) *Crônicas Brasileiras*. Miami: University of Florida, 1971, p. 145.

<sup>30</sup> Cf. *apud* MELO, José Marques. *A opinião do jornalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985, p. 111

<sup>31</sup> SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005, p. 11.

alterado, no entanto, o leitor terá sobre ela um outro olhar e, possivelmente, uma outra leitura. Essa mudança provém, sobretudo, da recepção do leitor em função do veículo de apresentação da crônica.

Quem lê crônica em livro pode também ler em um jornal e/ou revista, entretanto, nem todo leitor de jornal e/ou revista é leitor de livro. Logo, o leitor, diante do livro, tem uma postura diferente. Ele não busca no livro a informação, como no jornal, embora o livro traga também esse viés informativo.

Na tentativa de entender a diferença entre crônica e conto, pode-se fazer perguntas como: “Onde termina a crônica e começa o conto?”, “Quais são os limites entre crônica e conto?”, “Quais são as fronteiras?”. É o que se tem ouvido. Entretanto, considerando tais questionamentos, apresentaremos o posicionamento que alguns cronistas assumiram em relação a esse assunto, conforme verificaremos por seus comentários.

Na II Bienal Nestlé de Literatura Brasileira (1984), houve um encontro da maior significação sobre a contribuição da crônica para a nossa literatura, por meio da palavra de grandes cronistas, estudiosos e críticos dos mais atuantes e representativos de nossa contemporaneidade, no qual um dos temas foi “A crônica na Literatura Brasileira”. Estiveram presentes Artur da Távola, advogado e cronista especializado, Carlos Eduardo Novaes, advogado, jornalista e cronista, Eduardo Portella, crítico literário e cronista, Lourenço Diaféria, cronista, e Luís Fernando Veríssimo, cronista.

Inicialmente, a palavra foi dada a Luís Fernando Veríssimo (1936) que propôs algumas perguntas: “Por que a crônica é um gênero tão brasileiro? Por que prosperou tanto no Brasil e não em outros lugares? É uma pergunta que faço e não tenho resposta”.<sup>32</sup>

Em seguida Carlos Eduardo Novaes (1940) afirmou o seguinte sobre a diferenciação entre crônica e conto: “Na minha cabeça é uma confusão absoluta do que seja crônica, do que seja conto, e questionamento da crônica, enquanto forma jornalística, enquanto estilo literário.”<sup>33</sup>

Para finalizar a primeira parte do debate, o cronista Carlos Eduardo Novaes devolveu o questionamento à mesa pedindo que dessem a diferenciação, para o público, entre o que seria um conto e o que seria uma crônica. Onde estariam delimitadas as fronteiras dessas espécies literárias?

Eduardo Portella (1932), em seu discurso, disse o seguinte:

---

<sup>32</sup> II BIENAL NESTLÉ DE LITERATURA BRASILEIRA, 1984, São Paulo. *Ensaios/Seminários 1. Literatura Brasileira: Crônica, Teatro, Crítica*. São Paulo: Norte, 1986, p. 23.

<sup>33</sup> *Idem, ibidem*, p. 23.

[D]evo lembrar o início de minha exposição, quando disse que, trinta anos atrás, ao começar escrever sobre crônica, estava muito preocupado em saber o que era crônica. Ficava indagando se era um poema em prosa, um conto, uma história curta, um pequeno ensaio: e que hoje exatamente não estou preocupado em saber o que é a crônica, ou melhor, não estou preocupado em classificar a crônica. [...] logo, não sou a pessoa mais indicada para dizer exatamente o que é a crônica.<sup>34</sup>

Lourenço Diaféria (1933-2008), em relação à crônica, afirmou: “E uma hora penso que seja conto, outra hora acho que é a mais límpida das crônicas, mas depois imagino que possa ser um pedaço de romance, e de qualquer forma tenho certeza que — seja o que for — sem dúvida é poesia.”<sup>35</sup> Diaféria encerrou sua fala, convidando um dono de jornal para definir o que é conto e o que é crônica.

Artur da Távola (1936-2008) prestou um importante depoimento quando disse que

levar a crônica para o livro exige muito esforço. [...] A crônica tem uma ambiguidade terrível. A crônica se caracteriza exatamente pela inexistência de um trabalho excessivo sobre o texto. Ele costumava dizer que a boa crônica não é aquela que nós escrevemos, é aquela que nos escreve. Ou seja, é como algo que estava pronto dentro de nós, e conseguiu emergir com simplicidade.<sup>36</sup>

Diante do exposto, sabendo-se que, hoje, está cada vez mais difícil diferenciar esses dois tipos textuais, num tempo em que parece não haver mais territórios, e sim apenas fronteiras que se ultrapassam a cada instante, adotou-se a nomenclatura “crônica”, para os textos rosianos que serão analisados, diferentemente da postura adotada por alguns estudiosos que os classificam conto, respeitando, porém, a iniciativa de cada um.

### 1.1 João Guimarães Rosa: um prosador da guerra

João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo (1908), Minas Gerais, filho de Florduardo Pinto Rosa e Francisca Guimarães Rosa. Autodidata, começou ainda criança a estudar diversos idiomas, iniciando pelo francês quando ainda não tinha 7 anos, como se pode

<sup>34</sup> II BIENAL NESTLÉ DE LITERATURA BRASILEIRA, 1984, São Paulo. *Ensaios/Seminários 1. Literatura Brasileira: Crônica, Teatro, Crítica*. São Paulo: Norte, 1986, p. 25.

<sup>35</sup> *Idem, ibidem*, p. 26.

<sup>36</sup> *Idem, ibidem*, p. 27.

verificar neste trecho de entrevista concedido a uma prima, anos mais tarde:

Eu falo: português, alemão, francês, inglês, espanhol, italiano, esperanto, um pouco de russo: leio sueco, holandês, latim e grego (mas com dicionário agarrado); entendo alguns dialetos alemães; estudei a gramática: do húngaro, do árabe, do sânscrito, do lituano, do polonês, do tupi, do hebraico, do japonês, do checo, do finlandês, do dinamarquês; bisbilhotei um pouco a respeito de outras. Mas tudo mal. E acho que estudar o espírito e o mecanismo de outras línguas ajuda muito à compreensão mais profunda do idioma nacional. Principalmente, porém, estudando-se por divertimento, gosto e distração.<sup>37</sup>

Durante os dez anos que João Guimarães Rosa viveu em Cordisburgo, o Brasil, assim como o resto do mundo, enfrentava as novidades das duas primeiras décadas do século XX. A primeira Guerra Mundial, iniciada em 1914, e a Revolução de 1917, que fez da Rússia o país pioneiro na implantação de uma sociedade socialista, foram os dois acontecimentos marcantes de um momento em que o capitalismo, especialmente o americano, iniciava uma fase de espetacular ascensão.

Enquanto o escritor mineiro pululava de concurso em concurso, sem oferecer à literatura brasileira o primeiro produto de sua genialidade, o Brasil ressentia-se, com o resto do mundo, dos efeitos da crise econômica iniciada nos Estados Unidos, em 1929. Repercutindo de forma catastrófica no principal produto de exportação da economia brasileira — o café —, a crise de 1929 acelerou a derrocada do velho regime sustentado pela oligarquia rural e possibilitou a vitória dos liberais. Entre 1930 e 1945, fase marcada por grandes transformações, a Revolução de 1930 coloca no poder Getúlio Vargas, que, sete anos depois, apoiado pelo Exército, desfecha um golpe de Estado e instaura a ditadura do Estado Novo.

O período de correspondência à ditadura do Estado Novo é também o momento em que acontecia a Segunda Guerra Mundial, conflito de que o Brasil participou, efetivamente, enviando à Europa, em 1944, a Força Expedicionária Brasileira, que combateu na Itália, juntamente com o exército americano.

João Guimarães Rosa ingressa na carreira diplomática em 1934. O consulado de Hamburgo foi o primeiro posto internacional do escritor brasileiro. Assim, o futuro autor de *Grande Sertão: veredas* fez sua travessia aquática pelas veredas do Oceano Atlântico quando em maio, a bordo do vapor alemão General Artigas, saiu do Rio de Janeiro e desembarcou em Bremerhaven, de onde seguiu por estrada à cidade de Hamburgo.

Durante quatro anos, ele havia trabalhado na Secretaria do Ministério das Relações

---

<sup>37</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Guimar%C3%A3es\\_Rosa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guimar%C3%A3es_Rosa). Acesso em 15/03/2010.

Exteriores, no Rio de Janeiro. Contudo, antes de ser diplomata, trabalhara como médico no interior de Minas Gerais; à época da prova para ingressar no Itamaraty, servia como oficial-médico no 9º Batalhão de Infantaria em Barbacena. Em 1938, Guimarães Rosa foi nomeado Cônsul Adjunto em Hamburgo, na Alemanha, onde permaneceu quatro anos e testemunhou a eclosão da Segunda Guerra Mundial.<sup>38</sup>

O Cônsul Adjunto Guimarães Rosa chegou a Hamburgo no ano da anexação da Áustria pela Alemanha, em 1938. Em 1939, a invasão da Polônia desencadeia o início da Segunda Guerra. Com a queda da França em 1940, invadida pela Alemanha, a Inglaterra protagonizou, praticamente sozinha, a resistência a Hitler até 1941, período em que a União Soviética e os Estados Unidos entram na guerra.

Quando em 1938 entrou em vigor no Brasil a lei que restringia a entrada de judeus no país, João Guimarães Rosa mostrou ao mundo o seu lado humanitário, no que concerne à ajuda prestada aos judeus. Em entrevista concedida ao tradutor alemão Günter Lorenz, em 1965, Guimarães Rosa acrescenta: “Eu, homem do sertão, não posso presenciar injustiças”<sup>39</sup>

Entre 1938 e 1942, João Guimarães Rosa registrou as impressões de um diplomata brasileiro na Alemanha nazista. Juntamente com sua futura segunda esposa, D. Aracy Moebius de Carvalho, à época funcionária do consulado brasileiro, em Hamburgo, ajudou dezenas de judeus a fugirem da perseguição nazista.

Os vistos eram proibidos pelo governo brasileiro e pelas autoridades nazistas, exceto quando o passaporte mencionava que o portador era católico. Sabendo disso, D. Aracy, responsável pela documentação, conseguia que os passaportes fossem confeccionados sem mencionar religião do portador e sem a Estrela de Davi.<sup>40</sup>

João Guimarães Rosa e D. Aracy Moebius não mediam esforços para ajudar os judeus. Embora soubessem que o plano nazista recairia sobre qualquer um que não se enquadrasse em sua concepção de povo e nação, o mundo saberia que os nazistas haviam assassinado centenas de judeus nos campos de concentração, incendiado, saqueado e destruído sinagogas, lojas e empresas hebraicas, confinado centenas pessoas homens em campos de concentração.

<sup>38</sup> ROSA, João Guimarães. Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico e exercícios por Beth Brait. São Paulo: Abril Educação, 1982, p. 95-98.

<sup>39</sup> LORENZ, Günter W. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 77.

<sup>40</sup> Estrela de Davi (em português brasileiro) ou Estrela de David (em português europeu) conhecida também como escudo supremo de Davi (David), é um símbolo em forma de estrela formada por dois triângulos sobrepostos, iguais, tendo um a ponta para cima e outro para baixo, utilizado pelo judaísmo e por seus adeptos. Durante a Alemanha nazista, os judeus que estavam aprisionados em campos de concentração possuíam a “estrela dos judeus” costurada em sua camisa. Dentro da *estrela de Davi*, ficava escrita a palavra “Jude”, que em alemão significa “Judeu”. O símbolo era usado para facilitar a identificação dos Judeus.

Nos arquivos do Museu do Holocausto, em Israel, existe um grosso volume de depoimentos de pessoas que afirmam dever a vida ao casal Guimarães Rosa. Em reconhecimento, o nome do casal foi dado a um bosque ao longo das encostas de Jerusalém, em 1985.

Segundo D. Aracy, que, na época, compareceu a Israel por ocasião da homenagem, seu marido sempre se absteve de comentar o assunto já que tinha muito pudor de falar de si mesmo. Apenas dizia: “Se eu não lhes der o visto, vão acabar morrendo; e aí vou ter um peso em minha consciência”.<sup>41</sup>

Na escrita do *Diário de Guerra*<sup>42</sup>, o então aspirante a escritor registrou sua passagem por Hamburgo,<sup>43</sup> anotando tanto as notícias sobre a cidade como outros informes de seu cotidiano: alarmes constantes de bombas; impressões pessoais sobre leituras; registro de saídas e visitas aos amigos; recortes, em alemão, de fatos sobre a guerra; anotações para futuros textos literários; desenhos de lugares e de pessoas; anedotas, listas em alemão de nomes da flora, etc.

Em 1942, a Força Aérea Britânica bombardeou Hamburgo, na Alemanha. O ataque começou na noite de 24 de julho. O mau tempo que havia mantido em terra os bombardeiros pesados durante uma semana cedeu lugar a um céu limpo e com bons ventos, tornando possível o esforço mais intenso até então realizado na história da guerra aérea.

O primeiro ataque foi o mais forte e o mais concentrado até então efetuado pela RAF [Força Aérea Britânica] sendo lançadas contra Hamburgo 2.300 toneladas de bombas, num período de menos de uma hora, numa combinação de ataques diurnos e noturnos.

Hamburgo foi quase que totalmente destruída como porto [o maior do país] e centro de produção. Com uma área devastada de 23 km<sup>2</sup>, docas e estaleiros destruídos, fábricas de armamento e de aviões e refinarias de petróleo arrasadas, e paralisados os serviços públicos, era um exemplo do que poderia ser esperado do crescente poderio aéreo aliado.

As intermediações comerciais entre a Alemanha de Hitler e o Brasil, sob o Estado Novo de Getúlio Vargas, eram realizadas por funcionários do consulado, entre eles Guimarães Rosa.

---

<sup>41</sup>Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0.EDG83045-6014-517-1,00-A+LISTA+DE+ARACY.html>. Acesso em 15.04.2010.

<sup>42</sup> O *Diário de guerra* de Guimarães Rosa, durante a sua estada no Consulado Brasileiro em Hamburgo, de 1938 a 1942 se encontra em fotocópia, no Arquivo Henriqueta Lisboa, Acervo de Escritores Mineiros da UFMG. Este trabalho continua à espera da liberação da família para publicação.

<sup>43</sup> Hamburgo foi assim denominada devido à primeira construção permanente no local, um castelo construído por ordem do Imperador Carlos Magno no ano 808. O castelo foi construído em um leito rochoso no pântano entre os rios Alster e Elba como defesa contra incursões eslavas. O castelo foi denominado *Hammaburg*, onde “burg” significa “castelo”. Hamburgo é uma cidade-estado, fica bem no norte da Alemanha, perto da Dinamarca, à margem do Rio Elba. Entre 1850 e 1934 mais de cinco milhões de emigrantes saíram da Europa para o Novo Mundo pelo porto de Hamburgo. Eram emigrantes dirigindo-se à América do Norte e do Sul, incluindo o Brasil.

O diplomata brasileiro morou na rua Moorweiden entre 1938 e 1940 próxima ao parque de mesmo nome, e do zoológico Hagenbeck Tierpark ao qual fazia frequentes visitas.

Retomando àquela época — 1930-1945 —, 15 anos do período getulista foram marcados, no plano internacional, por uma situação de crise mundial. Todas as grandes nações do mundo viviam problemas sócio-econômicos e políticos. Em janeiro de 1942, o Brasil rompeu relações com o Eixo (Alemanha, Itália, Japão).<sup>44</sup> Guimarães Rosa, Aracy Moebius e outros compatriotas foram confinados na cidade de Baden-Baden<sup>45</sup> por quatro meses à espera da negociação que os trocava por alemães residentes no Brasil.

Na viagem de volta ao Brasil, casaram-se por procuração no México. Em quase 30 anos ao lado de Aracy, o escritor mineiro inventou um mundo e reinventou a prosa em língua portuguesa. Ao lançar sua obra-prima, *Grande sertão: veredas*, escreveu: “A Aracy, minha mulher, Ara, pertence este livro”.<sup>46</sup>

A senhora Aracy Moebius de Carvalho Guimarães Rosa faleceu no dia 3 de março de 2011 aos 102 anos.

---

<sup>44</sup> A Alemanha foi unificada em 1871, após guerra com a Dinamarca, Áustria e França. Na primeira metade do século 20, a Alemanha foi duas vezes derrotada nas Guerras Mundiais. Na segunda metade, chegou a ser a terceira potência econômica do Planeta, atrás dos Estados Unidos e Japão (atualmente é a quinta). Em 1949, devido à Guerra Fria, a Alemanha foi dividida em Oriental (comunista) e Ocidental (liberal). Em 1990, após a queda do Muro de Berlim, as duas Alemanhas foram reunificadas.

<sup>45</sup> Baden-Baden é uma cidade alemã situada na região administrativa de Karlsruhe, no estado (*Land*) de Baden-Württemberg. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Baden-Baden>. Acesso em 30.04.2010.

<sup>46</sup> Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0.EDG83045-6014-517-1,00-A+LISTA+DE+ARACY.html>. Acesso em 15.04.2010.

## 2. ESTUDO INTERPRETATIVO DA CRÔNICA DE GUIMARÃES ROSA

Meu lema é: a linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive: e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. Isso significa que, como escritor, devo me prestar contas de cada palavra e considerar cada palavra o tempo necessário até ela ter novamente vida.

(Guimarães Rosa)<sup>47</sup>

### 2.1. “O mau humor de Wotan”

Crônica inicialmente publicada no *Correio da Manhã*, em 29 de fevereiro de 1948, é o texto mais longo das quatro crônicas selecionadas para esse estudo. Constitui 104 parágrafos, reunidos nas páginas 3 a 12, somando 10 páginas da primeira edição do volume *Ave, palavra*, de 1970.

A história se passou na Europa, no século XX, quando a Polônia foi invadida pela Alemanha, dando início à Segunda Guerra Mundial (1939-1945). As ações narradas e descritas de forma densa, intercalando os diálogos com maestria, aconteceram, especificamente, na cidade de Hamburgo, onde o narrador viveu suas experiências ao lado dos amigos europeus.

As personagens que fazem parte da história são: o narrador em primeira pessoa; o soldado Hans-Helmut Heubel; Márion Madsen (esposa de Hans-Helmut Heubel); Déty (filho do casal Hans e Márion); *Frau* Madsen (mãe de Márion); Annelise (amiga de Márion); Capitão K.(esposo de Annelise); Dr. Schwartz (Schw) (pai de Annelise).

A crônica rosiana apresenta o percurso de vida de Hans-Helmut Heubel e Márion Madsen. Hans foi convocado por duas vezes para apresentar-se junto ao exército alemão. O narrador é amigo do casal e acompanha o sofrimento de Márion que ficou angustiada por ver o marido partir para guerra. Os tempos são difíceis e as personagens refletem a complexidade da situação que as envolve.

Partindo da análise do título da crônica “O mau humor de Wotan”, pergunta-se: Quem é Wotan?

Segundo a análise feita por Jung,

---

<sup>47</sup> LORENZ, Günter W. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 83.

é o deus pagão dos germânicos, “um deus das tempestades e da efervescência que desencadeia paixões”. Pode-se relacionar Wotan com o fenômeno nazista. Wotan é uma personificação de forças psíquicas, corresponde a uma natureza irracional, um ciclone que anula e varre para longe a zona calma onde reina a cultura.<sup>48</sup>

Wotan, nome alemão de Vótan-Odin — o deus mitológico, surge como símbolo da força germânica, que num capricho de “mau humor” e prepotência, instaura seu poderio sobre os homens. Nesse sentido, observamos a presença do deus Wotan analogamente ao modo como os Gregos percebiam seus deuses, isto é, como personificações das forças terrenas. Temiam os castigos que provinham dos deuses, punições que, às vezes, não afetavam apenas um único indivíduo, mas poderiam até mesmo atingir toda a comunidade.

Para manter a ordem dentro da sociedade, as regras e os ritos usados para demonstrar o respeito para com as divindades, eram rígidos e deveriam ser seguidas fielmente. Daí o vínculo estreito entre os homens e os deuses.

Em 19 de agosto de 1934, foi realizado um plebiscito em que o povo alemão aprovou a posse de Adolf Hitler para o cargo de Presidente. Segundo os dados históricos, mais de 38 milhões, votaram a favor e apenas 4 milhões contra. A partir de então, Hitler exigiu de todos os oficiais e membros das forças armadas um juramento de fidelidade para com ele próprio. Eis o juramento: “Faço perante Deus este sagrado juramento de render incondicional obediência a Adolf Hitler, o *Fuehrer* do povo e do Reich alemão, supremo comandante das forças armadas...”.<sup>49</sup> Hitler foi deificado durante a vida. Foi Wotan, e seu mal humor consistiu em destruir tudo em nome da Paz.

Configura-se, nesse caso, o mito racista do arianismo, o qual foi revalorizado e difundido no Ocidente principalmente pela Alemanha. O homem ariano desejava ser o modelo exemplar, devendo por isso ser seguido e imitado por todos, pois, acreditava-se que dessa forma se recuperaria a pureza das raças, da força física e de um princípio onde tudo fora glorioso. Assim, Wotan é o deus da guerra alemão, encarnado naqueles propensos a acondicioná-lo.

O narrador, em primeira pessoa, inicia a história contando que Hans-Helmut Heubel relia a Cabala<sup>50</sup> ou a Bíblia e cria num destino plástico e minucioso, produzido pelo homem e

<sup>48</sup> Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Carl\\_Gustav\\_Jung](http://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Gustav_Jung) . Acesso em 03/05/2010.

<sup>49</sup> Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Adolf\\_Hitler](http://pt.wikipedia.org/wiki/Adolf_Hitler). Acesso em 03/05/2010.

<sup>50</sup> Os ensinamentos cabalísticos explicam as complexidades do universo material e imaterial, bem como a natureza física e metafísica de toda a humanidade. Mostra em detalhes como navegar por este vasto campo, a fim de eliminar toda forma de caos, dor e sofrimento.

por saudade relembrou a série de causas que trouxeram a conhecê-lo. Tendo Márion Madsen como referência, foi em busca da origem, da data e recordou os tempos passados.

Márion foi quase namorada do narrador, durante um dia, à margem do rio Alster, em 1938 quando já se falava com ira na Inglaterra, por causa da Tchecoslováquia. Mesmo com o insistente galanteio do narrador, Márion hesitou em ceder às facilidades do amor, porquanto se apaixonou por Hans-Helmut Heubel. Márion dizia que iria se casar e ter filhos. Seguindo o diálogo, o narrador perguntou-lhe se os filhos seriam para obedecer ao *Fuehrer*, Márion respondeu-lhe — “O *Fuehrer* não encontra tempo para amar... O *Fuehrer* sagrou-se à política...”.<sup>51</sup>

Márion e Hans-Helmut casaram-se antes do ataque à Polônia e viajaram para Bruxelas em lua de mel. O narrador afirma que por causa do namoro que não deu certo, veio a conhecer Hans-Helmut, o melhor amigo que descobriu na Europa. Antes de ingressar no exército alemão, Helmut trabalhava com o pai, que era proprietário de um viveiro de plantas em Halstembeck.

Quando Márion e Hans voltaram a Hamburgo, a Polônia estava vencida. O povo desejava a paz, enquanto Hitler intencionava sua paz forçosa, pairando em Berchtesgaden.<sup>52</sup>

Hans-Helmut apresentou-se pela primeira vez ao exército alemão, mas não o recrutaram. Na busca de entender sobre os discursos políticos em evidência naquele momento, o narrador referiu-se a uma luta travada entre Hitler e Churchill: “Lutava-se em sinuoso, pelo direito de uma alma, nos amáveis serões em que brincavam-se adivinhações inocentes ou se jogava o *skat* [jogo de cartas]”.<sup>53</sup> Assim, à medida que o narrador e *Frau* Madsen, mãe de Márion, se voltavam para Churchill<sup>54</sup>, Hans e Márion inclinavam-se para Hitler.

O narrador menciona, a ira da Inglaterra por causa da Tchecoslováquia, a esse respeito pode-se acompanhar o que esclarece o historiador britânico Eric Hobsbawm:

[O] “Acordo de Munique” foi o pacto em que França e Inglaterra, representantes da Tchecoslováquia, consentiram, em nome da paz, com a transferência de partes da Tchecoslováquia para Hitler. “O acordo de Munique, despedaçou a Tchecoslováquia e transferiu grandes partes dela para Hitler, mais uma vez pacificamente”. O resto foi ocupado em março de 1939. Quase imediatamente uma crise polonesa, mais uma vez resultante de mais exigências territoriais alemãs, paralisou a Europa. Disso veio a guerra

<sup>51</sup> ROSA, João Guimarães. “O mau humor de Wotan”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 3.

<sup>52</sup> Cidade alemã situada nos Alpes bávaros no extremo sul da Alemanha e da Baviera, a 30 Km de Salzburgo (Áustria).

<sup>53</sup> ROSA, João Guimarães. *Op. cit.*, p. 4

<sup>54</sup> Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Winston\\_Churchill](http://pt.wikipedia.org/wiki/Winston_Churchill). Acesso em 05.05.2010.

européia de 1939-1945.<sup>55</sup>

Nesta crônica, há um evento importante, que ganha o olhar subjetivo do autor. Assim, o leitor acompanha o acontecimento, como uma testemunha guiada pelo olhar do cronista que tem a pretensão de registrar de maneira pessoal o acontecimento. O cronista dá ao fato uma perspectiva que o transforma em fato singular e único.

Desse modo, a crônica “O mau humor de Wotan”, coincide com um contexto histórico importante — a Segunda Guerra Mundial. Observou-se na leitura do texto que há uma crítica à desumanização na cidade grande, aos direitos civis, ao conflito de classes, ao que acontecerá com o homem após a guerra, e, em meio a toda essa situação, somos apenas números e não pessoas, pois, como resultado, temos o rompimento de valores.

A palavra “rio” é uma constante nos textos rosianos. Vale ressaltar o que Guimarães Rosa afirmou em diálogo com Günter Lorenz: “quando escreve, repete o que viveu antes”.<sup>56</sup> Para o escritor mineiro,

[o]s grandes rios são profundos como a alma do homem, na superfície são vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como o sofrimento dos homens, porém amava mais uma coisa nos rios: sua eternidade.<sup>57</sup>

O rio simboliza nossa existência com todas as peripécias de nosso destino, é um símbolo da própria vida. Nesse ambiente, o narrador cronista conheceu Márion Madsen, à beira do rio Alster. Não namoraram nem casaram, mas se tornaram grandes amigos.

O narrador lembrou que encontrava frequentemente com Hans-Helmut Heubel e várias foram as conversas entre eles. Contava-lhe sobre o Brasil, o amigo europeu escutava com interesse e seguiam a conversa entrando pelos grandes assuntos internacionais e universais.

Prosseguindo o estudo, vale mostrar o significado do nome de Hans Helmut e Márion. Hans,<sup>58</sup> traduzindo do alemão para o português, tem-se João, que, do hebraico, significa agraciado por Deus, indicando uma pessoa que possui nobreza de caráter. Helmut<sup>59</sup> significa

<sup>55</sup> HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX :1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia da Letras, 2009, p. 148.

<sup>56</sup> LORENZ, Günter W. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.) *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 72.

<sup>57</sup> *Idem, ibidem*, p. 72.

<sup>58</sup> Disponível em: <http://www.iremar.com.br/nomes/index.php?q=hans#axzz1ABdRKmzf>. Acesso em 05.05.2010.

<sup>59</sup> Disponível em:<http://www.osignificadodonome.com/significado-do-nome-helmut-5966.html>. Acesso em 05.05.2010.

alegria, proteção. Como palavra composta: “Hel” em alemão é um adjetivo que significa inteligente e “Mut” — esforço, coragem.

Pelo perfil do nome, pode-se compreender Hans em sua postura filosófica, como um homem intelectual que dominava a cultura letrada do século XX. Não compactuava com as ideias que levariam o homem a continuar praticando os atos mais irracionais que se pudesse imaginar. Nomeou Itália, Goethe, Teutos, Cimbros, Música. Tinha preferência pelo que aparentava jovialidade, alegria, leveza. Transpirava as delícias do mundo, o vinho, a paisagem, o amor e o dinheiro.

Não apoiava ideologicamente o exercício da força e não tinha por ela nenhuma espécie de fascinação. Era capaz de sentir, apesar do caos, sofrimento e dor provocado pela guerra, a beleza da paz como forma de tranquilidade humanizadora.

Analisando o nome de Márion<sup>60</sup>, do alemão para o português, Maria. Do hebraico — amargura, mágoa, senhora. Indica serenidade, força vital e vontade de viver. Pode-se relacionar ao fato de Guimarães Rosa descrevê-la como “romântica, tonta [cautelosa/criteriosa] e femininamente prenehe [cheia] de prudência”, pois experimentava aos poucos trazer o marido à linha de *Heil Hitler* mais enfático. Essa descrição invalida uma trajetória de engajamento nazista em Márion e aviva-lhe a prudência como critério de sobrevivência.

Hans-Helmut Heubel foi recrutado pelo exército em dezembro e partiu despreocupado.

Hans se colocara, sob poder de sua boa estrela, de seu destino: trabalhou para o Estado-Maior da Divisão, dobrava funções de chofer e dactilógrafo e ganhava maior probabilidade para sair vivo da guerra. Isso tranquilizava o narrador e Márion, porquanto consideravam o aspecto físico de Heubel: “míope e de medíocre físico, com lentes grossas.” Já no escritório, agradava imaginá-lo: “por sua prezada silhueta mercantil-metafísica, acudindo à palavra “burguês”<sup>61</sup>, ou seja, era um trabalho condizente com o perfil de Hans.

Passaram o inverno, o frio, os trens com soldados pela Lombardsbruecke.<sup>62</sup> Às vezes, Márion não sabia de nada. Sabia apenas que Hans-Helmut certamente estaria vivo, com saudade e saúde. Esteve na França, alojado em Chantilly. Depois da *blitz* [bombardeio] e do armistício [cessar fogo, trégua], dele receberam carta, demonstrando crescente amor pela França.

O narrador recomeçou a aceitar a tese do amigo europeu: “Hans-Helmut não dava, no

<sup>60</sup> Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/nomes/m.htm>. Acesso em 05.05.2010.

<sup>61</sup> ROSA, João Guimarães. “O mau humor de Wotan”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 5 e 6.

<sup>62</sup> Ponte sobre o rio Alster.

coração, mínimo pouso à guerra”<sup>63</sup>, por isso o destino o retirou temporariamente da guerra, e assim, Hans se protegeu, mesmo estando no meio dela.

Decorreu que a 117ª Divisão retornou a Hamburgo. Hans, além dos presentes de Márion, trazia as lembranças da França no coração, requintara-se em várias coisas. Aprendera expressões francesas como:

— “*Les Français, vous savez... Tja, die Franzosen... Sabem beber, inventaram essa arte... Um cálice, antes do jantar, l'apéro, un verre... O conhaque, à noite: Encore une fine! Pà"asit, ma p'tite!*” — tocava copo com Márion. — “*Tu es pas mal... Je t'aime...*”<sup>64</sup>

Nesse primeiro retorno, reunido com os amigos, entre alegrias e conversas, alguém perguntou: —“E a guerra?”. O soldado Hans-Helmut Heubel respondeu: “— Nossa Divisão vinha na retaguarda... no caminho quase não houvera combates... — Da guerra, mesmo, avistei só uns cavalos mortos, e cachorros, felizmente...”<sup>65</sup>

Para o narrador era um nenhum relato, dito de encurtar conversa. Contudo, tomara força e forma: solta, concisa. O cronista recordava o borgonha que cheirava a cravo, tinha gosto de avelãs, de saliva de mulher amada. E a rádio de Breslau<sup>66</sup> enviava-nos cançãozinha:<sup>67</sup>

“*Ach Elslein, liebes Elselein,* [Oh, pouco mais, querida Elselein]  
*wie gern war ich bei dir!*”<sup>68</sup> [Como eu era feliz com você]

O narrador nunca o notara mais honesto. O soldado Hans-Helmut ignorou a guerra, resumiu em nada sua experiência no campo de batalha, negou esta realidade e continuou fiel à disciplina de seu pensamento, isto é, sua filosofia de vida.

O cronista narrador parece nos dizer que a guerra, de acordo com Walter Benjamin, não traduz nenhuma experiência narrável.: “No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável”<sup>69</sup>.

Hans-Heubel e o amigo brasileiro passaram a se encontrar com mais frequência. Em conversas amistosas, discutiam assuntos importantes. Hans argumentava de maneira justa e

<sup>63</sup> ROSA, João Guimarães. “O mau humor de Wotan”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 5.

<sup>64</sup> *Idem, ibidem*, p. 6.

<sup>65</sup> *Idem, ibidem*, p. 6.

<sup>66</sup> Cidade polonesa.

<sup>67</sup> ROSA, João Guimarães. *Op. cit.*, p.6.

<sup>68</sup> Música Clássica do período do Renascimento (1450-1599). Canção de amor do compositor suíço Ludwig Senfl, ativo na Alemanha. [tradução minha].

<sup>69</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia, técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 198.

desconsolada: — “Sul-americano, você deseja a vitória dos países conservadores. Mas, nós, alemães, mesmo padecendo o Nazismo, como podemos querer a derrota? Que fazer?”<sup>70</sup> Compreende-se que Heubel não disse que concordava com os objetivos nazistas, apenas afirmou que, como alemão, não gostaria de perder a guerra.

O cronista narrador buscava contra Hitler um “*mane-téquel-fares*, a catástrofe final dos raivados devastadores”<sup>71</sup>. Todavia calava-se, com o amigo a citar Goebbels, que induzia a Alemanha, com inteligência miasmática e inumana, com que “Logge, o deus do fogo, instigava os senhores do Walhalla, no prólogo dos Nibelungen”.<sup>72</sup>

No momento em que Márion conhece Annelise configura-se, possivelmente, o “minuto origem”, “nó causal” ou “grão primigerador”, início da ruína de Hans. Primigerador traz consigo a junção de primeiro+gerar+dor. Espécie de resumo dos acontecimentos que recaíram sobre Hans. Ainda que tudo possa ter “começado descuidada ou deixadamente, em Heubel mesmo — para aceitarmos sua crença pia”<sup>73</sup>.

Na mesma página em que narrou a boa estrela de Hans, também narrou a representação das forças, as Nornas, deusas nórdicas que controlam a sorte e que encaminharão Hans ao trágico destino: a guerra, a morte.

É interessante notar que, em entrevista com Guimarães Rosa, Lorenz diz que “todos os assuntos enumerados tiveram grande importância na vida do escritor mineiro: a diplomacia, os cavalos, as religiões, os idiomas.” No entanto, Guimarães Rosa, em resposta, pede que “não esqueça seus cavalos e suas vacas, pois quem lida com eles aprende muito para sua vida e a vida dos outros.”<sup>74</sup> Quando alguém lhe narrava algum acontecimento trágico, Guimarães Rosa apenas dizia: “Se olhares nos olhos de um cavalo, verás muito da tristeza do mundo!”<sup>75</sup>

Ao contrário, Hans-Helmut Heubel para encurtar qualquer conversa sobre o horror da guerra, utiliza a imagem dos cavalos como estratégia para não narrar a tristeza do mundo já que não descreve pessoas mortas, famintas, doentes, desesperadas, mutiladas, sofrendo a maldade e o horror da guerra.

O narrador referiu-se a expressão bíblica encontrada no “Livro de Daniel”, capítulo 5, versos 25 a 28. Para isso, é bom lembrar do que trata a história bíblica:

<sup>70</sup> ROSA, João Guimarães. “O mau humor de Wotan”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 6.

<sup>71</sup> *Idem, ibidem*, p. 7.

<sup>72</sup> *Idem, ibidem*, p. 7.

<sup>73</sup> *Idem, ibidem*, p. 5.

<sup>74</sup> LORENZ, Günter W. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 67.

<sup>75</sup> *Idem, ibidem*, p. 67.

Havendo Belsazar provado o vinho, mandou trazer os vasos de ouro e de prata que Nabucodonosor, seu pai, tinha tirado do templo que estava em Jerusalém [...] para que bebessem por eles o rei e os seus grandes, as suas mulheres e concubinas.<sup>76</sup>

Em meio ao banquete oferecido pelo rei Belsazar, um dedo humano aparece escrevendo na parede do Palácio advertências que o deixaram assustado, pois não compreendia o significado de tais palavras. Assim,

ordenou o rei, com força, que se introduzissem os astrólogos, os caldeus e os adivinhadores: e falou o rei e disse aos sábios de Babilônia.. Qualquer que ler esta escritura, e me declarar a sua interpretação, será vestido de púrpura, e trará uma cadeia de ouro ao pescoço, e será, no reino, o terceiro dominador.<sup>77</sup>

Não havendo quem interpretasse o que estava escrito na parede, alguém lembrou e chamou Daniel, o profeta de Deus, que recusando a tentativa de suborno do rei, interpretou o significado das frases escritas na parede do palácio. Essa foi a última noite dos babilônios e do rei Belsazar. Eles encheram a taça de sua iniquidade.

O escritor Guimarães Rosa usou três palavras como raízes de verbos aramaicos. *Mene/Mane* (palavras variantes) que significam “contado”. *Tequel/Téquel* — “pesado”. *Parsin/Ufarsin/Peres/Fares* (palavras variantes) cujo significado é “dividir”. *Peres* é a forma singular de *Parsin*.

Inscreeve-se a expressão bíblica no trecho da fala do sul-americano quando em conversa amistosa com Hans-Helmut.

Mene: “Contou Deus o teu reino e deu cabo dele.”  
 Tequel: “Pesado foste na balança e achado em falta.”  
 Peres: “Dividido foi o teu reino e dado aos medos e persas.”<sup>78</sup>

Porém, à busca verbal de uma punição fulminante para o líder nazista segue-se um calar adversativo de evidente frustração por parte do narrador.

Por meio da leitura da crônica “O mau humor de Wotan”, percebeu-se que a história se repete em relação ao domínio entre as nações. Pode-se comparar Hitler e Belsazar, entre outros aspectos, no sentido de como se sentiam, por causa da grandeza que tomavam para si, pois todos os povos, nações e línguas tremiam e temiam diante deles: a quem queriam

<sup>76</sup> A *BÍBLIA SAGRADA*. O velho testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. rev. e atual. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p.592 Livro de Daniel 5:2.

<sup>77</sup> *Idem, ibidem*, p. 592 Livro de Daniel 5: 2 e 7.

<sup>78</sup> *Idem, ibidem*, p. 593 Livro de Daniel 5: 25- 28

matavam, davam a vida, engrandeciam, e abatiam. Mal humorados, cometiam as piores atrocidades, configuram-se como Wotan, o deus da guerra, da insatisfação, do ódio àqueles que se opusessem ao seu domínio.

O tempo passa. Após amistosa conversa, sem avisos, Márion diz que aceitou o convite para jantar na casa de Annelise. Lá, estariam o capitão K., marido de Annelise, Dr. Schwartz, pai de Annelise, médico retirado, que gostava de cursar conferências sobre quaisquer temas. O Dr. Schw. Seco, *unsympathisch* [não simpático], não causou boa impressão ao narrador.

— “Ah, se ao menos até o Natal acabasse esta guerra!”. Clamava Márion, longe das presenças da Gestapo, preparando as roupinhas do bebê.<sup>79</sup>

“Notem: antes do Natal, a mão do *fatum*<sup>80</sup> volveu a Heubel, num meio gesto: foi ele chamado de novo às filas, para o acampamento de Münster, onde veteranos infantis voltaram a aprender, de a a z, dia sobre dia, as partes de todo combater”.<sup>81</sup> Nesse período, Hans-Helmut veio a Hamburgo para conhecer o filho Déty.

O narrador encontrou-se, por acaso com Márion e a mãe, no teatro. *Frau* [senhora] Madsen informou que a Divisão de Hans-Helmut moveu-se para outra parte. Assim, o narrador apressou num cartão duas linhas para seu amigo. Depois, como a peça teatral era viva e diferente do tempo, um pouco se alegraram. Márion falava do marido, dela, do filho.

Os dias se passavam e o narrador não sabia o que fazer para ajudá-los já que Márion não disse tudo a ele. Porém, insistiu em perguntar: — Para onde o mandaram, Marionzinha? Pode você confiar isso a um “estrangeiro inamistoso”? Ela responde: — “Que sei, que sei? — esta guerra não acaba!”.<sup>82</sup>

Então, Márion decide contar para o amigo, o que ele não pôde compreender durante o jantar na casa dos K., pois a conversa, segundo o narrador, ficou longe de seus ouvidos.

— Tem você lembrança de quando Hans-Helmut e eu estivemos com os K.? Você sabe, o Dr. Schw., pai de Annelise? Veja um homem crasso, persuadido, sem grão de alma. Vivendo de cor os conceitos: glória, o que mal sei, mais-pátria e raça... os desses. Discursam, pisando na mão de uma criança...<sup>83</sup>

Entretanto, Hans-Helmut tendo a esposa ao lado, se mostrava feliz, ingênuo. Durante o café, o Dr. Schw pediu que Hans apresentasse suas narrações de campanha. O soldado Hans-

<sup>79</sup> ROSA, Guimarães. “O mau humor de Wotan”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 7.

<sup>80</sup> Do latim: destino.

<sup>81</sup> *Idem, ibidem*, p. 7.

<sup>82</sup> *Idem, ibidem*, p. 7.

<sup>83</sup> *Idem, ibidem* p.11.

Helmut sorria para Márion, fumava seu charuto e respondia: — “Ora, eu, da guerra, só vi uns cachorros e cavalos, mortos, felizmente...”.<sup>84</sup> O Dr. Schwartz ficou insatisfeito com a resposta de Helmut. Logo Annelise tornou-se indiferente, transformou-se a boa vontade.

Daí a meia semana, “Hans-Helmut foi reconvocado. Causal?”.<sup>85</sup> Ao apresentar-se, avisaram-no que não continuaria em Estado-Maior e sim na tropa. Qual teria sido o plano do capitão K.? Transferiram Hans-Helmut à companhia sob comando dele. Todavia, Márion Madsen decepcionou-se com a atitude do capitão K. quando disse que entre ele e Hans “não haveria espécie de intimidade, tibieza, epicurismos”.<sup>86</sup>

Para Helmut, a princípio, pareceu bom ficar sob as ordens de um amigo. Mas o Capitão K. zangou-se com o espírito livre de Hans, que como se seguisse a doutrina do Epicuro<sup>87</sup>, buscasse garantir sobre tudo a “tranquilidade de espírito”, o que, equivale dizer: relegar os ideais nazistas para um segundo plano. Nesse sentido o Capitão K. “executou seu trabalho” como técnico perfeito ante a ameaça do inimigo.

Márion Heubel pediu ajuda a Annelise, esposa do Capitão K., mas teve de romper a amizade, porque Annelise a desprezou. Buscaram outros recursos, mas tudo em vão. O que oprimia Hans-Helmut não era o medo, o risco ou a ânsia de livrar-se, mas o horror enorme à maldade. Dessa maneira, “puderam matá-lo, primeiro, nele, alguma coisa”.<sup>88</sup> Conforme acreditava Márion, “Mataram nele a plasticidade de não ver o horror.”<sup>89</sup> Percebe-se esta morte lenta em suas últimas cartas. Finalmente, a guerra o assombrava.

O narrador tenta confortar a amiga dizendo que o marido voltará bravo e bom, porém Márion afirma: — “Mas, voltar, demora... Sinto que vou sofrer muitos dias, depois muitos dias, depois muitos dias... Sofrer no sangue, sofrer no sonho... Tenho de tremer de sofrimento...”.<sup>90</sup>

Correm conquistas, entrou outubro, multidões vão caindo. O narrador recebeu outro cartão do amigo Heubel, que dizia:

E o pior é ter de avançar, dias inteiros, pela planície que nunca termina. Meus olhos já estão cansados. Raramente enxergo um trigal, choupanas. Chove, e a lama é aferrada, árdua. O russo se retrai com tal rapidez, que nunca os vemos. Quando você estiver com Márion, diga-lhe que nela penso

<sup>84</sup> ROSA, Guimarães. “O mau humor de Wotan”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p.11.

<sup>85</sup> *Idem, ibidem*, p. 11.

<sup>86</sup> *Idem, ibidem*, p. 11.

<sup>87</sup> Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Epicurismo>. Acesso em 02.07.2010.

<sup>88</sup> ROSA, Guimarães. *Op. cit.*, p. 12.

<sup>89</sup> *Idem, ibidem*, p. 12.

<sup>90</sup> *Idem, ibidem*, p. 9.

todo o tempo, e no menino.<sup>91</sup>

Helmut descreveu uma imagem da guerra, mas não se referiu a pessoas mortas. O diplomata respondeu-lhe: “Márion e eu esperamos conserves tua consciente crença”.<sup>92</sup> Logo as cartas foram devolvidas pelo correio, destinatário inalcançável. Márion se desesperou e chamou o amigo que com pesar anunciou a triste notícia:

Ele, Márion. Não voltará; não o veremos. Veio a exata fórmula, papel tarjado. Hans-Helmut Heubel passou, durante um assalto, e deram-lhe ao corpo a cruz-de-ferro. Seus traços ficarão em chão, ali onde teve de caber no grande fenômeno, para lá do Dnieper, nas estepes de Nogai. Ninguém fale, porém, que ele mais não existe, nem que seja inútil hipótese sua concepção do destino e da vida. Ou que um dia não venham a ser “*bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra*”.<sup>93</sup>

Ao longo da história da humanidade, o século XX talvez tenha sido aquele em que os homens conseguiram criar e ampliar, com incomparável habilidade e inteligência, a capacidade de destruição. Helmut, o menos belicoso dos homens, era manso e tinha o direito de viver segundo sua filosofia de vida com paz e tranquilidade da alma, vivendo em repouso e sem guerra.

Para o historiador britânico Eric Hobsbawm,

a catástrofe humana desencadeada pela Segunda Guerra Mundial é quase certamente a maior da história humana. O aspecto não menos importante dessa catástrofe é que a humanidade aprendeu a viver num mundo em que a matança, a tortura e o exílio em massa se tornaram experiências do dia a dia que não mais notamos.<sup>94</sup>

Guimarães Rosa trouxe à tona conflitos de classe, descortinou que a humanidade sobreviveu. Contudo, o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram e o diplomata brasileiro enfrentou uma cultura intolerante com relação ao outro.

A crônica é concluída com referência a outra citação bíblica escrita no livro de Mateus, capítulo cinco, verso cinco — “Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra”. O narrador chegou a acreditar que Hans ficaria livre dos campos de batalha. Mas a amargura, a

<sup>91</sup> ROSA, Guimarães. “O mau humor de Wotan”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 10.

<sup>92</sup> *Idem, ibidem*, p. 10.

<sup>93</sup> *Idem, ibidem*, p. 12.

<sup>94</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 58.

miséria, o caos em que o mundo se encontrava o deixou indignado ao relembrar toda a experiência que passou em Hamburgo.

A reflexão da crônica que se encerra posta-se, rumo à tentativa de entender a vida humana. Dessa forma, Guimarães Rosa espera cooperação, no sentido de estabelecer o diálogo entre o receptor e o texto. O cronista narrador não permite que a guerra soterre as vivências comunicáveis. O narrador, Márion e Hans estão tomados de experiências comunicáveis, cheias de lembranças. São eles, e não a guerra, que conduzem a narrativa.

O tema se atualiza. Pode-se comparar o contexto da crônica “O mau humor de Wotan”, com a frase “o sertão é o mundo” do narrador de Grande sertão: veredas, visto que, por meio da crônica, mostra a realidade europeia, não só daquela época (1939-1945), mas também, as atuais. Exemplo disso, são os registros nos jornais escritos e televisivos ou em qualquer meio de comunicação, notícias sobre injustiça social, miséria, fome, desigualdade, o que remete à ideia de que o homem se animalizou sob condições sub-humanas de sobrevivência.

Há um valor educacional intrínseco a ser obtido quando recapitulamos a História. A pessoa fica sabendo o que as civilizações conseguiram alcançar, quem foram os poderosos e influentes e que erros evitar. Assim como a História secular coloca diante de nós um precedente, o mesmo ocorre com a crônica de Guimarães Rosa. Por meio do testemunho dos personagens, toma-se conhecimento das grandes batalhas contra as intransigências humanas, das suas vitórias, quedas e, o mais importante, como conseguiram denunciar ao mundo as tristes experiências que viveram não só em período de guerra, mas em diferentes contextos.

Toda nação se gaba de uma história singular, que, embora repleta de histórias de paz e guerra, liberdade e escravidão, vitórias triunfais e amargas derrotas, deve ser entesouradas. Os monumentos nacionais contam e criam um senso de identidade nacional à medida que a história do país se torna a história pessoal de seus habitantes.

Historicamente, a essência das histórias de vida da humanidade não mudou. Nossa existência (antiga e nova) parece estar presa a uma estranha repetitividade. Na controvérsia geral da grande guerra mundial, não há nada de novo. Portanto, que relevância essa história tem para nós hoje? Guimarães Rosa escreveu essa crônica observando o cotidiano que ele jamais imaginou que experimentaria. Escreveu sua crônica por meio de fatos reais e expôs seu intenso interesse nos assuntos diários que se passaram na Alemanha.

A crônica é uma narrativa que registra o circunstancial, porém a crônica rosiana pretende uma provocação, uma atitude e resposta no leitor.

O cronista narrador relembra no parágrafo 57 [1ª edição] da crônica “O mau humor de Wotan” que adormeceu e sonhou com a dor das separações. Conforme o texto jornalístico

intitulado “A 2ª guerra vista por Guimarães Rosa” publicado na revista *Bravo!* em fevereiro de 2008, encontra-se o relato, em carta de 1938, sobre o deslumbramento do diplomata pela Alemanha e conseqüente decepção.

Mesmo eu, que já tinha lido dezenas de livros sobre a Alemanha, que já convivi com alemães, que já tinha conversado [...] com funcionários do Ministério vindos da terra germânica, mesmo eu, repito, não tinha uma ideia verdadeira do que era isto! E a minha imaginação, que não é das mais fracas, foi batida e humilhada: a Alemanha é qualquer coisa de formidável!<sup>95</sup>

É interessante a resposta do Guimarães Rosa, quando fala da cidade dele para Lorenz. Como é próprio do estilo rosiano, apresenta rapidamente um levantamento de sua origem, mas antes pergunta ao entrevistador: “Cordisburgo. Não acha que soa como algo muito distante?” Continua, revelando que a família dele, era pelo sobrenome portuguesa, mas na realidade era um sobrenome sueco que na época das migrações era Guimaranes, nome que também designava a capital de um estado suevo<sup>96</sup> na Lusitânia.

Guimarães Rosa relata, o resultado de sua pesquisa, apresentando um pouco da história dos suevos. Segundo o autor mineiro, um povo, que como os celtas, emigrou para todos os lugares sem poder lançar raízes em nenhum. Assim, para ele, o Cordisburgo germânico, fundado por alemães, era o coração do seu império suevo.

Para o escritor mineiro, cada língua guarda em si uma verdade interior que não pode ser traduzida. Sem que ele conhecesse a Alemanha, a língua já lhe mostrava o que poderiam ter sido os alemães, se não tivessem esquecido a intimidade com Goethe, Wagner e Strauss. Mas quando se conhecem os alemães, diz o escritor, o despertar é triste. Para o literato brasileiro, a experiência pessoal não diz nada contra a sabedoria de Goethe, Wagner e Strauss, mas sim contra os alemães modernos.

João Guimarães Rosa afirmou conhecer a literatura alemã. Admirava Goethe, Thomas Mann, Franz Kafka, Freud e adicionalmente a literatura dos autores russos Dostoiévski, Tolstoi e franceses Flaubert, Balzac, pois, de acordo com a declaração do escritor brasileiro, todos esses o influenciaram intensamente. Para ele, havia autores jovens que queriam melhorar o mundo; certamente as intenções desses jovens eram honestas e boas, declarou o escritor. Mas, segundo o literato, não o conseguiriam, pois todos eles juntos não teriam a importância que uma única frase de Goethe tem para o destino do homem, para o futuro.

Na crônica “O mau humor de Wotan”, Guimarães Rosa sugere a resgate da cultura

<sup>95</sup> *Bravo!*. São Paulo, n. 126, fev. 2008, p. 36.

<sup>96</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Suevos>. Acesso em 23.12.2010.

alemã por meio da tradição. Assim, Goethe é mencionado na crônica. Observou-se que o escritor brasileiro fez um jogo com a saudação nazista, substituindo o “Heil Hitler!” pelo “Heil Goethe!” É preciso notar, nesse sentido, o deslocamento operado pelo escritor, entre o espaço político e o cultural. Esse fato revela a admiração de Guimarães Rosa não por Hitler, mas por Goethe.

Johann Wolfgang Von Goethe, considerado importante escritor da literatura alemã e do Romantismo europeu nos finais do século XVIII e inícios do século XIX, cuja obra influenciou a literatura em todo o mundo. Definia-se como poeta acima de tudo. A visão de mundo e a ciência do escritor alemão são a base de suas ideias acerca da existência humana. Com o romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe tornou-se famoso em toda a Europa no ano de 1774 e, mais tarde, o mais importante autor do Classicismo de Weimar.<sup>97</sup>

Goethe afirmou que “Weimar não é uma cidade com um parque, mas um parque com uma cidade” e de fato o “Park der Ilm” é mais do que um parque, mas uma oportunidade de conjugação entre uma cidade em grande movimento com a ocupação de tempos livres num espaço natural pacato, demarcando-se pela sua beleza extraordinária do ponto de vista paisagístico e da sua própria dimensão. É no centro do parque que se encontra a casa de férias de Goethe, actualmente um dos muitos núcleos museológicos que a cidade procura preservar.

Aclamado gênio no Segundo Reich as ideias de Goethe foram fundamentais para a instauração da República de Weimar após a Primeira Guerra Mundial. Já na Alemanha, sua obra fora deixada de lado, pois suas ideias humanistas não se associavam com a ideologia nazista.

Porém, sua grande obra foi o poema *Fausto*, escrito em 1806. Baseada numa lenda, esta obra relata a vida de Dr. Fausto, que vendeu a alma para o diabo em troca de prazeres terrenos, riqueza e poderes ilimitados.

O desejo de poder em *Fausto* cresceu em ritmo desenfreado, tornando-o gradativamente incensível às perdas humanas que possam lhe custar a conquista do mundo. O personagem mítico do Fausto passou a representar o homem do século XX, às voltas com seus demônios.

A Alemanha de Guimarães Rosa é historicamente chamada de Das Land der Dichter und Denker (A terra dos poetas e pensadores). A cultura alemã tem seu início muito antes do surgimento da Alemanha como um estado-nação e abrange todo o mundo falante do alemão.

Em meio à narrativa cotidiana do horror da guerra, o escritor brasileiro fez referências a alguns seguimentos da obra de Richard Wagner como a música tocada ao ar livre, a Logge<sup>98</sup>

<sup>97</sup> Weimar foi durante muito tempo a capital da Alemanha, por isso República de Weimar.

<sup>98</sup> Logge ou Loge [variantes na escrita]. Lorday em escandinavo, um derivado de lue que é o nome escandinavo

deus do fogo, que investigava os senhores de Walhalla no prólogo dos Nibelungos e a representação das Nornas.

Guimarães Rosa elaborou um título significativo para essa crônica. Para o que queria deixar escrito, foi detalhista e, assim, deixou um texto complexo, denso, estimulando o leitor a pesquisar as palavras e viajar por textos literários e não literários.

Levantou-se a hipótese de que Guimarães Rosa buscou nos escritos literários alemães, especificamente na ópera “O anel dos Nibelungos” de Richard Wagner, o título da crônica “O mau humor de Wotan” para reconstruir a história cultural alemã com base em fatos reais. A linguagem constrói uma linguagem cultural. Para o escritor, a Alemanha não poderia ser reduzida a uma vontade nazista.

Seguem-se algumas indagações: Qual é a perspectiva do cronista? A defesa da Paz? E a questão política? Denunciar as atrocidades da Segunda Guerra Mundial? Mostrar ao mundo a Alemanha cultural, seus aspectos positivos, para que não só esse país, mas a Europa não ficassem rotulados pela imagem da destruição?

Richard Wagner constituiu um marco incontornável, cuja influência alastrou até ao presente nos mais diversos campos do pensamento e da arte. Nascido em Leipzig, em 1813, Wagner interessa-se cedo pelo teatro e pela música. Em Zurique redige o poema e inicia a composição da tetralogia,<sup>99</sup> *O anel dos Nibelungos* [*Der Ring des Nibelungen*]. Tanto a música como o libreto foram escritos entre 1869 e 1874. Dela fazem parte as óperas: O ouro do Reno, As Valquírias, Siegfried e o Crepúsculo dos Deuses.

Veja-se a leitura do Prólogo, cena introdutória, em que, se fornecem os dados prévios elucidativos do enredo da peça.

Filhas de Erda,<sup>100</sup> as três Nornas<sup>101</sup> estão próximas à rocha de Brünnhilde,<sup>102</sup> tecendo o fio do destino. É noite e elas cantam sobre o passado, como o fogo erguido por Loge a mando de Wotan para circundar Brünnhilde. Elas contam a origem da lança de Wotan, o subjugamento de Loge, o roubo do ouro do Reno pelo anão Alberich. O fio se embaraça na ponta de uma rocha, cortando-o parcialmente. Elas continuam narrando a maldição do anel e quando Wotan ateará fogo à Valhala para marcar o fim dos deuses. Inesperadamente, o fio se rompe, e as nornas desaparecem nas profundezas, lamentando a perda do seu

---

para chama.

<sup>99</sup> A Tetralogia é formada por um prólogo e três noites, ao todo quatro óperas.

<sup>100</sup> Deusa de Midgard (a Terra) na mitologia nórdica.

<sup>101</sup> Deusas da mitologia nórdica que controlam o destino.

<sup>102</sup> Brunilda ou Brunilde, em português.

conhecimento.<sup>103</sup>

Brünnhilde recebe a visita de uma de suas irmãs a valquíria Waltraute e pergunta o motivo da visita, já que Wotan havia proibido; também pergunta se seu pai já estava mais brando, e cita sua felicidade com Siegfried. Claramente abalada desde a chegada, a irmã responde que havia chegado por questões mais sérias.

Ela relata que, desde a exclusão de Brünnhilde, Wotan já não as enviava para as batalhas, ignorando os heróis, voltando para suas peregrinações. Ele sempre tinha em mãos os fragmentos de sua lança. Teme perdê-la, pois ela possui todos os tratados e barganhas que ele já havia feito, tudo o que o fortalece.

Ele havia ordenado que os galhos da Yggdrasil, a Árvore do Mundo, fossem empilhados ao redor da Grande Sala da Valhala.<sup>104</sup> Também havia enviado seus corvos para espiar o mundo e o informar sobre todas as notícias; só poderiam voltar para trazer boas notícias. Descrente, Wotan já esperava o fim da Valhala. As valquírias ainda sugeriram que o fim poderia ser evitado se Brünnhilde devolvesse o anel ao seu dono de direito, as donzelas do Reno.<sup>105</sup>

O centro da história é o anel mágico forjado pelo anão Alberich, o nibelungo do título, a partir do ouro roubado do rio Reno quando as donzelas do Reno se distraíram. Diversas personagens míticas lutam pela posse do objeto, incluindo Wotan, o chefe dos deuses. Os acontecimentos são bastante influenciados pelos planos dele, que leva gerações para superar as próprias limitações.

A leitura do poema abaixo comprova a hipótese de que o título “O mau humor de Wotan” está baseado no prólogo de Richard Wagner. Não só para denunciar um período escuro, pode-se dizer “o caos” da história, mas também para oferecer uma reflexão, sobre a Alemanha, por meio da representação do homem alemão e promover arte e cultura.

Waltraute [Valquíria, irmã de Brünnhild]

Ouve com atenção  
O que te vou dizer!  
Desde que se separou de ti,  
Wotan nunca mais nos enviou  
Para o campo de batalha;

<sup>103</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Götterdämmerung>[Crepúsculo dos deuses]. Richard Wagner. Acesso em 02.12.2010.

<sup>104</sup> Valhala, Valfala, Valhalla ou Walhala na mitologia nórdica ou escandinava é o local onde os guerreiros vikings eram recebidos após terem morrido, com honra, em batalha.

<sup>105</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%B6tterd%C3%A4mmerung>. Acesso em 02.12.2010.

Cavalgávamos juntas  
 Desorientadas e indecisas,  
 o Pai dos Eleitos evitava  
 os corajosos heróis de Valhala  
 Sozinho, a cavalo  
 sem descanso nem paz  
 foi como viajante que pelo mundo vagueou.  
 Há pouco regressou;  
 nas suas mãos trazia  
 os pedaços da sua lança  
 que um herói despedaçara.  
 Com um gesto, em silêncio,  
 deu ordem aos nobres do Valhala  
 que fossem à floresta  
 abater o freixo do mundo.  
 Ordenou que amontoassem os pedaços do trono  
 Numa enorme pira  
 Em redor das moradas dos deuses  
 Reuniu o  
 conselho dos deuses  
 e tomou o seu  
 lugar no trono:  
 comandou que os deuses inquietos  
 se sentassem à sua volta; [...]

A segunda Norna

[ata o fio que a irmã lhe atirou numa saliência da rocha junto à entrada da gruta]

Wotan gravou  
 na sua lança  
 as runas<sup>106</sup> dos contratos  
 inspirados pela lealdade:  
 assim deteve ele o mundo na sua mão.  
 Um herói destemido  
 Quebrou em combate a lança de Wotan.  
 Estava feita em pedaços

a sagrada lança dos pactos.

Então Wotan ordenou

Aos heróis que vivem em Valhalla que despedaçassem  
 O tronco e os ramos apodrecidos  
 do Freixo do mundo:  
 A árvore caiu,  
 para sempre secou a fonte.  
 Assim, hoje prendo o fio  
 A uma rocha pontiaguda  
 Canta irmã  
 Sou eu quem to atira  
 Sabes os que irá acontecer?<sup>107</sup>

---

<sup>106</sup> Runa significa “secreto”. Alfabeto nórdico que rege e governa a vida dos deuses e dos homens. Pedras mágicas e proféticas fazem parte da tradição cultural dos Vikings. Segundo o mito, essas pequenas peças foram encontradas pelo deus Odin [Wotan] que a divulgou entre o seu povo como símbolo de conhecimento e sabedoria de todos os mistérios dos deuses e dos homens.

Da leitura do texto de Richard Wagner pode-se retirar algumas palavras ou expressões relacionadas ao *Fuehrer* como por exemplo, “separou”, “Wotan”, “campo de batalha”, “sem descanso nem paz” e “ordenou”, essas palavras formam um feixe, simbolizando força de um partido político conduzido por um líder autoritário. A floresta pode simbolizar os batalhões, os exércitos, ordenados por Hitler, para abater o inimigo. O Freixo do mundo, representa o líder alemão como centro do mundo, detentor de uma política e ideologia desumana. Hitler deteve o mundo em suas mãos. Os que o elegeram, cumpriram juramento de fidelidade. O final do texto, pode-se relacionar à queda de Hitler, quando um herói destemido, no caso os países aliados, quebram a lança de combate do líder alemão e despedaçam o Freixo do mundo.

Considerando o texto wagneriano, entende-se a resposta às perguntas sobre a perspectiva de Guimarães Rosa, confirmando, primeiramente, o que ele mesmo pensava sobre a política. Em entrevista concedida a Lorenz, o diplomata afirma: “A política é desumana porque dá ao homem o mesmo valor que uma vírgula em uma conta. Eu não sou um homem político, justamente porque amo o homem. Deveríamos abolir a política”.<sup>108</sup>

Guimarães Rosa explicou que aprovava que um escritor discutisse sobre política, apenas quando desse um acento político, às suas obras, e não quando se mostrasse politicamente neutro em suas obras, isso mais no sentido da não participação nas ninharias do dia a dia político, pois esteve sempre do lado daqueles que arcaram com a responsabilidade e não dos que a negaram.

Sobre o risco que correu ao “retirar judeus das mãos da Gestapo” (Polícia Secreta do Estado), neste mesmo diálogo citado acima, Guimarães Rosa acrescenta:

O diplomata acredita que pode remediar o que os políticos arruinaram. Eu jamais poderia ser político com toda essa constante charlatanice da realidade. Os políticos estão sempre falando de lógica, razão, realidade e outras coisas do gênero e ao mesmo tempo vão praticando os atos mais irracionais de que se possam imaginar.<sup>109</sup>

Ao contrário dos “legítimos” políticos, o escritor mineiro acreditava no homem e lhe desejava um futuro. Confirmou-se em suas próprias palavras: “Sou escritor e penso em

---

<sup>107</sup> Götterdämmerung [Crepúsculo dos deuses] Richard Wagner. Disponível em [http://www.saocarlos.pt/fotos/p\\_s\\_crepusculo\\_final.pdf](http://www.saocarlos.pt/fotos/p_s_crepusculo_final.pdf). Acesso em 02.12.2010.

<sup>108</sup> LORENZ, Günter W. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.) *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 77.

<sup>109</sup> *Idem, ibidem*, p. 77.

eternidades. O político pensa apenas em minutos. “Eu penso na ressurreição do homem.”<sup>110</sup>.

O escritor de “O mau humor de Wotan” transpõe para o texto a descrição das paisagens, as mudanças das estações, os movimentos e nome dos animais e das plantas, registra palavras e expressões ora em língua alemã, ora em língua francesa. Estabelece vínculos com a cultura grega. Cidades alemãs e rios famosos por sua beleza. A fala, muito plástica e visualizante, narra de forma detalhada cada cena vivida em Hamburgo no contexto da guerra.

A experiência vivida pelo diplomata brasileiro em Hamburgo rendeu, como disse anteriormente, a escrita de algumas crônicas que relatam histórias do cotidiano no contexto da Segunda Guerra Mundial e um diário, conhecido por alguns pesquisadores como *Diário de Guerra* ou *Diário Alemão*, que foi escrito entre 1939 e 1941, entretanto continua inédito aguardando a autorização da família para eventual publicação.

“O diário tem uma importância literária e histórica óbvia”, afirma o professor Reinaldo Marques<sup>111</sup> que, desde 2001, junto com os pesquisadores Eneida de Souza e Georg Otte, vem se debruçando no estudo de algumas cópias desse diário que fazem parte do acervo da poeta Henriqueta Lisboa. Segundo o professor Reinaldo Marques, “É o único registro do olhar sobre a Segunda Guerra de um escritor com o perfil de Guimarães Rosa”.<sup>112</sup>

A hitlerocidade<sup>113</sup> transparece em trechos de seu diário que remetem ao avanço da perseguição. A posição do escritor volta a aparecer, décadas depois, nas crônicas reunidas no livro póstumo *Ave, palavra* (1970).

Após essa análise, pode-se considerar legítima a hipótese de que Guimarães Rosa dá ênfase ao resgate cultural alemã. Percebeu-se que citação de nomes como Goethe e Richard Wagner, serviram de travessia para o encontro com outras de leituras, ampliando o horizonte de expectativas com relação ao conhecimento da literatura universal.

São leituras da literatura universal que irão dialogar com as outras crônicas que serão analisadas *a posteriori*.

### **2.1.1. A crônica “O mau humor de Wotan” e o “Diário de Guerra”: uma amostra de alguns aspectos narrados do cotidiano**

<sup>110</sup> LORENZ, Günter W. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.) *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 77.

<sup>111</sup> Reinaldo Marques é professor e pesquisador da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteúdo.phtml?tl=1&id=795520&tit=diario-alemao-revela-um-observador-do-mundo>. Acesso em 03.12.2010.

<sup>112</sup> *Idem, ibidem*, Acesso em 03.12.2010.

<sup>113</sup> MARTINS, Nilce Sant’Anna. *O Léxico de Guimarães Rosa*. 2. ed. Revisada. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 2008, p. 265.

No quadro abaixo, segue-se a comparação entre alguns fragmentos do *Diário*, publicados na revista *Bravo!*, em fevereiro de 2000 com alguns parágrafos da crônica “O mau humor de Wotan”, publicada postumamente no volume *Ave, palavra* de 1970.

<b>“O mau humor de Wotan”</b>	<i>Diário de Guerra</i>
“Márion Madsen [...] foi rapidamente quase Minha namorada, durante um dia, à beira do Alster, em 1938. [...] Passeando em cima do Alster gelado,” [p.3]	13 de julho de 1940 — “Passeei hoje, com Ara [Aracy Moebius de Carvalho], à tarde. Fomos pela beira do Alster [Afluente do rio Elba que corta Hamburgo]. Num recanto da margem, perto da Lombardsbrücke [Ponte sobre o Alster].”
“O inverno de 1939 — 1940 foi muito.” [p.3]	13 de julho de 1940 — “Os dias (2) últimos foram tão feios e tão frios.”
“Mas, passaram o frio, o inverno, pela Lombardsbrücke [ponte sobre o Alster] trens com soldados.”[p.5]	12 de março de 1941 — “Os soldados fizeram, no Grande Alster, uma réplica de Lombardsbrücke [ponte sobre o Alster].”
“Da guerra, mesmo, avistei só uns cavalos mortos, felizmente... [...] Era um nenhum relato, dito de acurtar conversa.” [p.6]	31 de março de 1940 — “O povo enchia as ruas do centro, ontem. Absoluta ausência de boatos. Só tristeza, difusa. E ninguém não queria falar em guerra.”
“Desfolhavam-se [...] os olmos [tipo de árvore] da rua Heimhuder.” [p.7]	2 de março de 1940 — [...] “E o galho mais alto (a copa) do olmo [tipo de árvore] de defronte da minha casa.” [casa de Guimarães Rosa]
“Por azo, em noite menos fria, foi que me encontrei com Márion e a mãe, no teatro.” [p.8]	9 de outubro de 1940 — “Fui ao teatro”
“Com a neve e o luar, podiam-se distinguir, [corujas] empoleiradas nas árvores.” [p.8]	12 de março de 1940 — “A noite era de luar, clara e lindíssima.” 9 de outubro de 1940 — “Chuva. Lua cheia. A lua saindo de uma nuvem para entrar logo atrás de outra.”

[...] “com meu sanduíche de enguia defumada.” [p.8]	24 de março de 1940, Domingo de Páscoa — “Nos intervalos, cerveja e sanduíches de enguia fumada.”
“Despedi-me e caminhei, aproveitando a lua.” [p.8]	9 de outubro de 1940 — “Lua cheia. [...] Com a neve e o luar [..].”
“O <i>Führer</i> sagrou-se à política.” [p.3]	9 de novembro de 1941, domingo — “Li, de manhã o discurso do <i>Führer</i> .”
“Minha aliada era a mãe, <i>Frau</i> Madsen, que me fazia repetir, seguidos, cada discurso de Churchill.” [p.4]	21 de março de 1940 — “Estou escutando a mensagem de Churchill.”
“Enquanto a aguardar o alarma aéreo” [...] [p.8.]	7 de setembro de 1941 — ALARME! Cheguei no hotel, depois de dado o alarme. Caíram as bombas, terrível!”

A leitura comparativa dos fragmentos da crônica “O mau humor de Wotan” e do “Diário de Guerra”, ajuda o leitor a perceber que Guimarães Rosa, em alguns momentos, mesmo escrevendo um diário, relatando fatos reais, em meio ao horror da guerra, utiliza a linguagem poética, inerente ao seu estilo. Tem-se mais um relato, que não consta no quadro acima, do dia 5 de novembro de 1940, a respeito da queda das bombas: “Alarme, às 9,10 [*sic*]. Linda pirotécnica! Quantidade de linhas Morse, sinuosas, ascendentes, coloridas. Os ingleses deixaram cair um corpo luminoso, [...] Belo, imóvel quase, alaranjado, grande, brilhante, majestoso.”<sup>114</sup>

Vale ressaltar, que esse aspecto poético chegou, entre outros textos à *Ave, palavra*. Assim, como no *Diário Alemão* ou *Diário de Guerra*, Guimarães Rosa entremeia nas crônicas, observações poéticas sobre o que vê com o medo que a guerra causa nas pessoas.

Perceberam-se as descrições fragmentárias do poder demoníaco que aparece do outro lado do mundo, longe dos redemoinhos do sertão. Os aviões, os toques de recolher, os bombardeios, a falta de alimentos, o ódio aos judeus misturam-se à vida pacata dos moradores. A rotina de Guimarães Rosa rompe-se frente aos absurdos que encontra no

<sup>114</sup> As informações sobre alguns trechos do Diário de Guerra foram publicadas na revista *Bravo!* em fevereiro de 2000.

espetáculo brutal das ruas.

### 2.1.2. Beleza poética na crônica de guerra

Guimarães Rosa reconstrói a história com maestria, retocada por beleza poética, mostrando que a Alemanha é um belo país, que a cultura alemã não deveria ficar esquecida, pois o povo alemão tinha e tem princípios culturais que devem ser admirados e respeitados pelos outros povos. Além de denunciar as atrocidades do nazismo em suas crônicas, o autor não deixa escapar sua intenção de exaltar a Alemanha de seus sonhos.

Desta forma, pode-se perceber no quadro abaixo a linguagem poética presente nas crônicas de Guimarães Rosa, mesmo em meio ao clima tenso da Segunda Guerra Mundial, contexto histórico ao qual está inserido.

Iniciando por “O mau humor de Wotan”, vejam-se alguns exemplos.

Márion: “Mulher gentil, afino de origens” [p. 3]	As fronteiras alemã, dinamarquesa e belga a identificavam como alemã pura.
Márion: “Loura entre canário e giesta e mais um <i>tailleur</i> de azul só visto em asas de borboletas.” [p.3]	Descrição da fauna e da flora. Canário é uma ave, que entre as cores mais conhecida é o amarelo. Giesta é uma planta com flores amarelas do mesmo tom amarelo das penas do canário. <i>Tailleur</i> , palavra francesa que significa paletó feminino [azul], comparado as asas de borboletas.
Márion: “Hesitava em ceder primaverazmente às gratidões do amor.” [p. 3]	Hesitava em ceder ao verdadeiro espírito de primavera às gratidões do amor.
Márion: “Tão graciosa que fosse, os olhos pegavam seriedade gris demais.” [p. 3]	“Gris”, que a princípio, é um animal (substantivo) empresta a tonalidade da cor de seu pêlo (azul-acinzentado) para se tornar um adjetivo, no caso em evidência, adjetivo feminino singular. Os olhos de Márion eram azuis, em momento de tensão tornavam-se cinza azulado, portando gris demais.

<p>Márió: “Foi quase minha namorada, durante um dia, à beira do rio Alster, em 1938.” [p.3]</p>	<p>Para o cronista narrador “os grandes rios são profundos como a alma do homem, na superfície são vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como o sofrimento dos homens, porém amava mais uma coisa nos rios: sua eternidade.</p>
<p>“Mas os jovens casais remavam seus barcos para baixo dos salgueiros-chorões, paravam lá escondido tempo.” [p.3]</p>	<p>Salgueiros-chorões: um tipo de árvore sobre cuja tradição cristã se diz dobrou as suas ramas para esconder nelas a Virgem e o menino Jesus na fuga para o Egito. Noutra lenda, o salgueiro chora desde que um ramo seu serviu para golpear Jesus. Na Rússia e na Alemanha, no Domingo de Ramos, a oliveira é substituída, nos ramos, pelo salgueiro.</p>
<p>“Recordo, o borgonha cheirava a cravo, tinha gosto de avelãs, de saliva de mulher amada.” [p.6]</p>	<p>O cheiro da bebida estimulava o desejo pela mulher amada.</p>
<p>“Enquanto a aguardar o alarma aéreo, eu costumava ouvir as corujas — huhuhuuuu — um ululo; não instavam agouro, imitavam apenas o vento nos arames da rua. Com a neve e o luar, podiam-se distinguir, empoleiradas nas árvores.” [p. 8]</p>	<p>Neste parágrafo o escritor usa a onomatopeia, como recurso para a reconstrução da narrativa cronística para que se perceba a voz da ave e do vento nos arames da rua.</p>

### 2.1.3. “O mau humor de Wotan”: do jornal ao livro impresso

Quando a crônica passa do jornal para o livro impresso, ampliam-se novas possibilidades de leitura, permitindo ao leitor dialogar com a crônica de forma mais intensa, ambos agora mais cúmplices no solitário ato de reinventar o mundo pelas vias da literatura.

Examinando as crônicas de Guimarães Rosa publicadas inicialmente em jornais, nos anos de 1948, 1952-1953 e 1961 e depois reunidas no livro *Ave, palavra*, de 1970, pode-se fazer comparações com relação às mudanças que ocorreram nessa passagem do jornal para o livro impresso. Para isso, foi necessário buscar os originais na Biblioteca Nacional para que fosse feita breve comparação dos textos.

Apresenta-se um quadro demonstrativo, com algumas expressões que sofreram

mudanças quando passaram do jornal,<sup>115</sup> para o livro impresso. A crônica foi corrigida pelo próprio autor.

<p><b>Crônica 1 — “O mau humor de Wotan”</b>  <b>Jornal <i>Correio da Manhã</i> — 29/02/1948.</b>  <b>Parágrafos: 93</b></p>	<p><b>Crônica “O mau humor de Wotan”</b>  <b>Livro <i>Ave, palavra</i> — 1ª edição [1970]</b>  <b>Parágrafos: 104</b></p>
<p>Hans-Helmut Heubel <b>lia</b> Emerson o Prentico Mulford.<sup>116</sup></p>	<p>Hans-Helmut Heubel <b>relia a Cabala</b><sup>117</sup> ou a <b>Bíblia</b>. [p.3]</p>
<p>Para <b>agradar</b> ao <i>Fuehrer</i>, Márionchen? No jornal, a palavra alemã <i>Fuehrer</i> [líder] foi escrita sem o trema na letra “u”.</p>	<p>Para <b>obedecer</b> ao <i>Füehrer</i>, Márionchen? No livro, a palavra alemã <i>Füehrer</i> [líder] foi escrita com o trema na letra “ü”. [p. 3]</p>
<p>Passou a ser <i>Frau</i> Heubel, mulher de Hans-Helmut. Desse modo, <b>por um frusto namoro e pela pura camaradagem de depois, foi que</b> vim a conhecer um meu amigo, <b>pode bem ser que o amigo melhor que a Europa me proporcionou.</b></p>	<p>Passou a ser <i>Frau</i> Heubel, mulher de Hans-Helmut. Do modo, <b>por falho namoro e pela forte camaradagem seguinte,</b> vim a conhecer <b>um meu amigo, que a Europa me descobriu.</b> [p. 3]</p>
<p>Meu amigo tinha <b>sensata curiosidade por tudo o que do Brasil,</b> e eu opinava que ele <b>devia emigrar para cá, depois da guerra, para ser dono de pequena fábrica de qualquer coisa,</b> de bebidas, por exemplo.</p>	<p>Meu amigo tinha <b>sensato interesse por tudo o que do Brasil,</b> e eu votava-o a <b>um dia para cá migrar, dono de qualquer fábrica,</b> de bebidas, por exemplo. [p. 4]</p>
<p>Lutava-se <b>sinuosa e intensamente, como anjos e demônios pela posse de uma alma,</b> nos amáveis serões em que <b>jogávamos o skat</b><sup>118</sup> ou <b>brincávamos de adivinhações inocentes.</b></p>	<p>Lutava-se, <b>em sinuoso, pelo direito de uma alma,</b> nos amáveis serões em que <b>brincavam-se adivinhações inocentes ou se jogava o skat.</b>[p.4]</p>

<sup>115</sup> Cf. Anexo 1.

<sup>116</sup> Prentice Mulford (1834-1891). Foi jornalista, escritor e espiritualista norte americano. Escreveu vários livros de literatura mentalista. Considerado o pai da filosofia popular conhecida como “Novo Pensamento” e de todo o movimento ocultista da América do Norte, sendo sua obra *Nossas Forças Mentais*, o principal livro da psicologia moderna, na qual foram beber suas primeiras ideias os propagandistas da Ciência Cristã, do Novo Pensamento, do Cristianismo Esotérico, da Nova Psicologia e de outros ramos do mentalismo. Mulford afirmou que existe uma mente material e uma mente espiritual, uma inferior e outra superior, e que a última capta os pensamentos do “Poder Supremo”.

<sup>117</sup> Cabala ou Kabala, sabedoria que investiga a natureza divina. Os ensinamentos cabalísticos explicam as complexidades do universo material e imaterial, bem como a natureza metafísica de toda a humanidade. A Kabala mostra em detalhes como navegar por este vasto campo, a fim de eliminar toda forma de caos, dor e sofrimento.

<sup>118</sup> Jogo de cartas.

<p>Quem irá, porém, <b>esmiuçar o grão de areia gerador, no seio de uma montanha, ou descobrir num esquema o nó causal, no cruzamento dos fios, dos milhões de fios que fiam as Nornas?</b><sup>119</sup></p>	<p>Quem irá, porém, <b>esmiuçar o grão primigerador, no âmago de montanha, ou o nó causal num recruzar-se de fios, dos milhões desses que fiam as Nornas?</b> [p.5]</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

## 2.2. “A senhora dos segredos”

A crônica “A senhora dos segredos”, inicialmente publicada no *Correio da Manhã* em 6 de dezembro de 1952 e no *Letras e Artes* em 22 de março de 1953 é um texto curto, compondo 41 parágrafos na primeira edição do livro *Ave, palavra* em 1970.

O título é bem sugestivo. Desperta no leitor a curiosidade de saber quem é a Senhora dos segredos, quais são esses segredos e se o que ela afirmou realmente se cumpriu.

As personagens são: *Frau* Heelst que aparece como uma mulher capaz de ler o futuro e tem a reputação de ser horoscopista de Hitler. O narrador, em primeira pessoa e Ara acompanharam três amigas: Ulrik Wah [Ulrica], Grétel Amklee [Guida], Lene Speierova [Lena] que foram em busca de revelações, em um momento de expectativas e dúvidas, pois os tempos eram perigosos. O contexto histórico está relacionado à Segunda Guerra Mundial.

A história aconteceu em Volksdorf, perto de Hamburgo. O cronista narrador recorda que ele e Ara formaram um grupo com mais três amigas e foram à casa de *Frau* [senhora] Heelst.

“*Frau* Heelst recebeu-nos.”<sup>120</sup> As moças desejavam saber sobre o destino delas.

O narrador, assim como em “O mau humor de Wotan”, “A velha” e “Homem, intentada viagem” trabalha em uma embaixada e a personagem principal, *Frau* Heelst pede ajuda para sair da Alemanha em período de guerra. A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tão pouco há experiência sem narração: a linguagem rosiana liberta o aspecto mudo da experiência, redime-o de seu esquecimento e a transforma no comunicável, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar para conservar a lembrança ou para reparar uma identidade machucada.

<sup>119</sup> As Nornas eram deusas da mitologia nórdica. Controlavam a sorte, o azar e a providência, quer dos homens quer dos deuses. Teciam suas tapeçarias [seus fios] junto às raízes da árvore Yggdrasil, uma árvore colossal, que na mitologia nórdica era o Eixo do mundo.

<sup>120</sup> ROSA, João Guimarães. “A senhora dos segredos”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 210.

O passado volta valorizando os detalhes, a originalidade, a exceção à regra das histórias da vida cotidiana.

“Não sei se creio em quiro<sup>121</sup> e cartomantes; em astrólogos, sim, quase acredito. Pelo menos, duas vezes tive fé em *Frau Heelst*, dada e gabada então como horoscopista de Hitler.”<sup>122</sup> O narrador em primeira pessoa inicia a história expressando uma dúvida quanto em quem acreditar.

Não é de hoje que o ser humano tem pressa em saber sobre seu futuro. A arte da previsão tem evoluído com a humanidade desde seus primórdios, juntamente com os muitos espertalhões que descobriram que poderiam tirar dinheiro fácil de inocentes crédulos, fazendo-se passar por adivinhos e místicos.

Embora muitas pessoas acreditem piamente na eficácia de alguns destes métodos, a controvérsia ainda é grande. Dessa forma, pode-se dizer que o narrador expõe sua experiência vivida por meio de indagações, que refletem seu estado de espírito.

Começando por Grétel Amklee [Guida], Senhora Heelst curvou-se no trabalho, fez todas as consultas aos astros e no final, voltou-se e anunciou o que a Grétel dizia respeito. A moça escutou com atenção e disse: “Sinto, cara senhora, mas o explicado até onde eu sei, a mim não pode aplicar-se, absolutamente não.”<sup>123</sup>

*Frau Heelst* diz a Grétel que ela deve ter dado alguma informação errada, a exemplo disso, Heelst pergunta: “Nasceu mesmo às 6 da manhã, e em 1915?”<sup>124</sup> Rapidamente Ulrike [Ulrica] prima de Grétel aponta os erros de informação. A senhora retomou às consultas e Grétel ouviu que iria se casar e ter quatro filhos.

Chegou a vez e Lene Speierova [Lena]. *Frau Heelst* diz que o estudo astral da moça é mais difícil, confuso, preferindo descansar e prosseguir mais tarde. Os amigos apoiavam que voltassem depois. Lene insistiu: “Pelo amor de quê, *Frau Heelst*! Devo saber a minha sorte...”<sup>125</sup> Então, *Frau Heelst* decidiu que só revelaria, em sala reservada, para Lene na presença de uma testemunha, que no caso foi Ulrike a testemunha escolhida. Logo depois, saíram da sala, Lene em choro, abraçada com Ulrike Wah. Terrível!... Terrível!... foi a revelação que Ulrike nos passou, num sussurro.”<sup>126</sup>

<sup>121</sup> Quiromancia origina-se do grego “Kheiomanteia”, significa adivinhação dos segredos por meio da interpretação das linhas das mãos, que podem revelar o destino das pessoas.

<sup>122</sup> ROSA, João Guimarães. “A senhora dos segredos”. In: *Ave, palavra*. Rios de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 210.

<sup>123</sup> *Idem, ibidem*, p. 210.

<sup>124</sup> *Idem, ibidem*, p. 211.

<sup>125</sup> *Idem, ibidem*, p. 211.

<sup>126</sup> ROSA, João Guimarães. “A senhora dos segredos”. In: *Ave, palavra*. Rios de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 212.

O cronista narrador recorda que se passou um ano e ele voltou à Volksdorf em meados de junho, quando o Dr. Goebbels<sup>127</sup> visitava Dantzig.<sup>128</sup> O narrador visitou a senhora Heelst, pediu para saber se seria investigável, astrológicamente aquele assunto de paz e guerra. O narrador tinha uma pergunta pronta para *Frau* Heelst: “ — Haverá guerra?”<sup>129</sup> A senhora respondeu: “ — *Ach, nee ...* De modo nenhum. Sossegado esteja.”<sup>130</sup> Por fim a senhora dissuade o narrador de especular no assunto, pois, segundo a horoscopista de Hitler, guerra não haveria, pelo menos em grandes dimensões.

Heelst declarou com prudência que segundo o narrador foi quase afetuosa na despedida deles. O narrador declara que a partir desse momento passou a lembrá-la. Recordou também de Ulrike Wah, Grétel Amkle e Lene Spieirova. Continuou relembando cada uma por todo junho, julho, agosto.

O narrador pensava, em outras coisas, quando de Volksdorf, recebe um telefonema. Era *Frau* Heelst, aflita, que lhe perguntava:

Se lhe seria consentido emigrar, para o Brasil, para a América, qualquer canto de cidade nossa, onde ganhar seu sustento... Se podia vir ver-me, combinar o quê, pronto receber os papéis, partir ... Não era mais possível. Nada deixavam os astros. Doze dias depois, começava a guerra.”<sup>131</sup>

A senhora Heelst manifesta medo do que pode ocorrer na Alemanha. Por isso, solicita imigração, pois o senso de risco e ameaça que se coloca diante dela não tem solução apresentada. Ela não tem condições de ter segurança. Nesse caso, o medo a motiva a recorrer ao respectivo narrador. Mas, o narrador não pode controlar o processo histórico. Não há na fala do narrador indicativos que possam mudar a vida da personagem que pede socorro.

Observaram-se nessa crônica alguns aspectos relacionados à crônica “O mau humor de Wotan”. Retomando à ópera de Richard Wagner no que concerne às Nornas. Eram três irmãs [deusas / feiticeiras] que viviam às margens do rio ao pé de uma árvore colossal de nome Yggdrasil que na mitologia nórdica é a árvore da vida, representando o Eixo do mundo. Urd — guardiã do passado, Verdandi era a vigia do presente e Skuld ou Skald era a guardiã do futuro.

<sup>127</sup> Paul Joseph Goebbels (1897–1945) foi o ministro do Povo e da Propaganda de Adolf Hitler [*Propagandaminister*] na Alemanha Nazista de 1933-1945, exercendo severo controle sobre as instituições educacionais e os meios de comunicação. Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Joseph\\_Goebbels](http://en.wikipedia.org/wiki/Joseph_Goebbels). Acesso em: 30.10.2010.

<sup>128</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade\\_Livre\\_de\\_Danzig](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_Livre_de_Danzig). Acesso em 30.10.2010.

<sup>129</sup> ROSA, João Guimarães. “A senhora dos segredos”. In: *Ave, palavra*. Rios de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 212.

<sup>130</sup> *Idem, ibidem*, p. 212.

<sup>131</sup> *Idem, ibidem*, p. 213.

A senhora do segredo pode ser uma representação da guardiã do futuro, pois profecias e adivinhações estão relacionadas a ela. Skuld detém o controle de uma das maiores forças do universo: o destino. Porém quando as Nornas desobedeceram às ordens de Wotan, foram punidas e perderam o poder mergulhando nas profundezas do rio.

*Frau Heelts* é descrita como a senhora dos segredos por ter com ela o “poder” de revelar o destino das pessoas. Ela era considerada horoscopista confiável. Entretanto, as relações políticas da época só pioravam.

O narrador já não sabia em quem acreditar, mas fez a pergunta que outros gostariam de fazer: “Haverá guerra?” *Frau Heelts* sentiu medo do que poderia acontecer na Alemanha. Não obteve respostas dos astros, não tinha poder para controlar o processo histórico. Skuld e *Frau Heelts* eram as guardiãs do futuro. As nornas morreram no rio. Heelts solicita imigração que na época só poderia ser feita por navio, travessia aquática. Mas a travessia foi impossível, pois o diplomata nada podia fazer por ela.

Notou-se, então, que o segredo da Senhora Heelts era o de não saber prognosticar o futuro do país, o de não saber se haveria guerra e não saber o seu próprio futuro. *Frau Heelts* sofreu a punição de mergulhar no caos de sua existência, no mar do terror da guerra, não pode atravessar para outra margem e escapar do que a atormentava — o medo e a insegurança que dominavam a trajetória do homem.

*Frau Heelts*, representando a Norna do futuro, viu-se diante do Freixo, ou seja, no centro do caos, no centro do mundo. A malícia que a inspirava a revelar o futuro caiu como uma árvore e secou a fonte de suas informações. Veja-se um fragmento do poema de Wagner em “O anel dos Nibelungos” em comparação ao final da história da Senhora Heelts.

O tronco e os ramos apodrecidos  
do Freixo do mundo:  
A árvore caiu,  
para sempre secou a fonte.<sup>132</sup>

Assim, na crônica “A senhora dos segredos” percebeu-se o “Crepúsculo do deuses” como na obra wagneriana. Era o fim, época em que os deuses deixariam de existir. Os astros, deuses da senhora Heelts, não indicariam nada, nem ao menos o próprio futuro dela. Ao aproximar-se a guerra, o deus Logge, deus do fogo, se aproximou devastando tudo que estava a sua frente. Era o final dos deuses aos quais *Frau Heelts* servia e agora desapareciam ao

<sup>132</sup> Götterdämmerung [Crepúsculo dos deuses]. Disponível em [http://www.saocarlos.pt/fotos/p\\_s\\_crepusculo\\_final.pdf](http://www.saocarlos.pt/fotos/p_s_crepusculo_final.pdf). Acesso em 26.12.2010.

entardecer.

Em doze dias a guerra começara. O narrador da crônica, Cônsul Adjunto nada podia fazer, nem tão pouco as previsões da Senhora dos segredos.

### 2.2.1. Beleza poética em “A senhora dos segredos”

É instigante ao leitor reconhecer nas páginas dessa crônica a engenhosidade do cronista. São flagrantes da vida, escritura do vivido, que enredam autor e leitor num jogo de agradável cumplicidade. No quadro demonstrativo abaixo, apresenta-se alguns fragmentos desse texto, para propiciar uma leitura-fruição, num exercício prazeroso de quem se deixa enovelar pela beleza poética rosiana.

<p>E Lene, sudeta, estonta ruiva, de esquinados perverdes olhos [...] [p. 210.]</p>	<p>Sudeta, habitante ou natural da região dos Montes Sudetos, na Europa Cental, entre a Boêmia e a Silésia [ou Morávia]. Estonta ruiva significa maravilhosa, incrível, não passa despercebida por ninguém, deslumbrante, linda. Em “perverdes” observa-se o prefixo intensificador “per”, ou seja, olhos de verde intenso.</p>
<p>Ulrike, a bávara solta, sem pausas; trigueira dinárica, se bem que de corpo subido e pernas longas, como os de uma nórdica. [p. 210.]</p>	<p>Bávara, natural da Baviera [Alemanha], espontânea, falante. Descreve-a como trigueira dinárica, por ser morena que tem a cor de trigo maduro<sup>133</sup> e dinárica<sup>134</sup> por proceder da região dos Alpes Dináricos, paralelos à costa Oriental do Mar Adriático [extinta Iugoslávia].</p>

<sup>133</sup> MARTINS, Nilce Sant’Anna. *O Léxico de Guimarães Rosa*. 2. ed. revisada. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2008, p. 504.

<sup>134</sup> *Idem, ibidem*, p. 170.

<p>Grétel, sua prima [de Ulrike], da Turíngia, simples loura, que vinha de achar o mar do amor, e redizia, em jeito de susto: — <i>Die Liebe ist das Element des Lebens!</i> [p. 210.]</p>	<p>Turíngia<sup>135</sup> é um estado que fica localizado bem no meio da Alemanha. Sua paisagem é formada por imensas florestas, sendo também conhecida como <i>Reserva Florestal da Alemanha</i>. Grétel almejava saber o futuro em relação ao amor. Na expectativa dizia: <i>Die Liebe ist das Element des Lebens!</i><sup>136</sup></p>
<p>Tanto, que passei a lembrá-la [<i>Frau Heelst</i>] — grande loura, à banca de seu ofício, na trípode, dobrada sobre os altos arcanos. [p. 213.]</p>	<p>Trípode<sup>137</sup> era a tripeça onde a pitonisa proferia seus oráculos. Os gregos davam o nome de Pitonisas a todas as mulheres que tinham a profissão de adivinhas, porque o deus da adivinhação, Apolo, era cognominado de Pítio por haver matado a serpente-dragão Pítion e por ter estabelecido o seu oráculo em Delfos, cidade primitivamente chamada Pito. A Pitonisa era a sacerdotisa do oráculo de Delfos. Sentada sobre a trípode ou cadeira alta com três pés, acima do abismo, sobre os altos arcanos, altos juízos de onde brotavam as exalações proféticas.</p>
<p>Assim como recordei Ulrike Wah, alegre elástica, seus movimentos de onça abstínente. Ou Grétel Amklee, a densa inocência; e Lene Speierova, brasas na cabeça, revirante cabelo. Relembrei-a, vez menos, vez mais, por todo o junho, julho, agosto. [p.213] [No <i>Jornal Correio da Manhã</i>, assim está escrito “Relembrei-a, conversando com Ara, por todo junho, julho, agosto, vez mais, vez menos.”]</p>	<p>Recordar é trazer à memória. O narrador Guimarães Rosa conversando com Ara relembra as três moças teutas da seguinte maneira: Ulrike com seus movimentos de onça abstínente ou seja em jejum, faminta de alegria, solta, a provocar grande admiração. Grétel, densa inocência, pois ouvira tudo que <i>Frau Heelst</i> revelara sem reagir e dizia que “O amor é o elemento da vida”. Lene, brasas na cabeça, afinal, algo terrível foi revelado a Lene e seu futuro não seria promissor.</p>

### 2.2.2. A Senhora dos segredos: do jornal ao livro impresso

O quadro demonstrativo abaixo, apresenta alguns fragmentos com expressões que

<sup>135</sup> Disponível em <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Turíngia>. Acesso em 20.12.2010

<sup>136</sup> O amor é o elemento da vida.

<sup>137</sup> Disponível em: <http://www.dicio.com.br/tripode/>. Acesso em 20.12.2010.

sofreram mudanças quando passaram do jornal para o livro impresso. Vale ressaltar, que essa crônica foi corrigida pelo próprio autor.<sup>138</sup>

<p><b>Crônica 2 — “A senhora dos segredos”</b>  <b>Jornal Correio da Manhã — 6/12/1952</b>  <b>Jornal Letras e Artes — 22/03/1953</b>  <b>Parágrafos: 41</b></p>	<p><b>Crônica “A senhora dos segredos”</b>  <b>Livro Ave,palavra — 1ª edição [1970]</b>  <b>Parágrafos: 34</b></p>
<p>Custoso agora traduzi-las — Lena, Guida e Ulrica — <b>as três moças alemãs</b> tão longe deixadas, mas que, com a gente, aquela tarde, à gaia se atiravam a poder querer <b>um triz de seus destinos.</b></p>	<p>Custoso agora traduzi-las — Lena, Guida e Ulrica — <b>as três teutas moças</b>, tão longe deixadas, mas que, com a gente, aquela tarde, à gaia<sup>139</sup> se atiravam a poder querer <b>espiar tico de seus destinos.</b> [p. 210]</p>
<p>E Lene, sudeta, de esquinados <b>olhos verdes, com cintilos de pedras, espessa ruiva, eslavas maçãs do rosto, bonita, mas logo influenciando um azo inquietante e impreciso.</b></p>	<p>E Lene, sudeta, <b>estonta ruiva</b>, de esquinados <b>perverdes olhos, eslavos ossos do rosto, bonita, mas influenciando logo azo inquietante e impreciso.</b>[p.210]</p>
<p><b>Gretel, Ara e eu</b> saímos <b>para saleta onde fizemos por abrir honesta conversação de cor sobre o tema do tempo.</b></p>	<p>Saímos, <b>os outros, para a sala onde se fez por abrir honesta conversação sem cor, sobre o trem do tempo.</b> [p.212]</p>
<p>Sim, podia-se tirar o gráfico do destino de um país, dum regime, <b>desde que a data de sua instituição fosse conhecida.</b></p>	<p>Sim, podia-se tirar o gráfico do destino de um país, dum regime, <b>desde que conhecida a data de seu começo.</b> [p.212]</p>
<p>Relembrei-a, <b>conversando com Ara</b>, por todo junho, julho, agosto, <b>vez mais, vez menos.</b></p>	<p>Relembrei-a, <b>vez menos, vez mais</b>, por todo o junho, julho, agosto. [p.213]</p>
<p>Se podia vir ver-me, <b>combinar os pormenores, receber prontamente os papéis</b>, partir...</p>	<p>Se podia vir ver-me, <b>combinar o quê, pronto receber os papéis</b>, partir... [p.213]</p>

<sup>138</sup> Cf. anexo 2

<sup>139</sup> Profetiza original do centro de adivinhação da Grécia Antiga, sendo o Oráculo do Delfos. Disponível em <http://www.lenderbook.com/Gaia/index.asp>. Acesso em: 20.12.2010.

### 2.3. “Homem, intentada viagem”

Crônica publicada pela primeira vez em *O Globo* no dia 18 de fevereiro de 1961. Das quatro crônicas em estudo é a menor, compondo 16 parágrafos que vão da página 214 a 217 do volume *Ave, palavra*, primeira edição de 1970. O texto apresenta uma reflexão sobre o homem e o mundo, os flagranters da vida, escritura do vivido, que enredam autor e leitor num jogo de agradável cumplicidade.

Nessa crônica, Guimarães Rosa, mais uma vez demonstra, um olhar crítico, consciente das suas raízes, mesmo quando se confronta com a cultura referencial europeia.

Os personagens são: o narrador em primeira pessoa e José Osvaldo. O contexto corresponde ao período da Segunda Guerra Mundial, pois o fato aconteceu na época em que o escritor ocupava o cargo de cônsul-adjunto em Hamburgo, de 1938 a 1942.

O narrador introduz a personagem com o seguinte trecho:

Por exemplo: José Osvaldo. O qual foi um brasileiro, a-histórico e desvalido, nas épocas de 39 ou 38, a perambular pela Europa para-a-guerra, hispida de espaventos. Veio a Hamburgo. Trazia-o uma comunicação do nosso Cônsul em Viena: ‘Não tem passaporte nem título de identidade e diz já ter sido repatriado duas vezes por esse Consulado-Geral. Deve haver aí algum papel, que o refira.’<sup>140</sup>

Era a terceira vez, em três anos, que José Osvaldo era achado no Consulado, na máxima lástima, contando que o mandassem para casa. Era veterano nesse exercício. O narrador assim o descreve: homem corado, baixo, mais ou menos trinta anos, bem encarado, sem semblante de bobático, serenidade fresca, expedindo paz. Para uns aparência de nortista, para outros algo de mineiro. Foi-se o último “pfennig” [centavo], sem nenhum tustão no bolso.

O narrador compara o último “pfennig” com o título da música “O último dos moicanos” do compositor e cantor brasileiro Antonio Moreira da Silva,<sup>141</sup> para descrever a situação financeira de José Osvaldo. Vale ressaltar, que Moreira da Silva tomou como base para sua composição o romance “O último dos moicanos” considerado a obra prima do norte-americano James Fenimore Cooper.<sup>142</sup>

José Osvaldo morava no Rio de Janeiro, não tinha ninguém, vadio, aventureiro e marginalizado, fora das regras impostas aos cidadãos, perdido num país estrangeiro e sujeito ao repatriamento. Entretanto, tinha a necessidade de partir, se exportar. “Então, se metia num

<sup>140</sup> ROSA, João Guimarães. “Homem, intentada viagem”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 214.

<sup>141</sup> Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Moreira\\_da\\_Silva](http://pt.wikipedia.org/wiki/Moreira_da_Silva). Acesso em 02.01.2011.

<sup>142</sup> Disponível em [http://wapedia.mobi/pt/James\\_Fenimore\\_Cooper](http://wapedia.mobi/pt/James_Fenimore_Cooper). Acesso em 02.01.2011.

navio, fizera assim em quantas ocasiões. Voltara tôda~a~vida [sic] à Europa: fora repatriado em Hamburgo, Trieste [Itália], Helsinki [Finlândia], Bordéus [França] e Antuérpia [Bélgica].”<sup>143</sup>

Apesar de entrar nos navios e viajar como forasteiro, era “um ser pegado com a terra, no enxuto, não-marinheiro...”<sup>144</sup> Contudo, José Osvaldo, “por último, não mais se alistava, entrava a bordo, sorrelfo, às ocultas. [...] O mar era-lhe apenas o meio de trajeção, seu instrumento incerto, distância que palpita.”<sup>145</sup>

Mas, mesmo de maneira confusa, Zé Osvaldo contou aos auxiliares do Consulado como aconteceram os sucessivos episódios:

Descido em Gênova, fôra-se a dentro, como sempre, trotamundo e alheio. Apanhou-o a polícia italiana. Mas não sabiam com ele o que resolver, a falta de documentos empalhando qualquer processo de expulsão. Deram-no à guarda da fronteira, que o levou, de noite, à beirada da Iugoslávia. Idem, os iugoslavo abalançando-o outra vez para a Hungria. E os húngaros, afinal, para a Áustria. Mas, por aí, já ele se aborrecera de tanto ser revirado transfronteiras. Antes que outros saíssem-lhe por diante para apajeá-lo, tratou de enviar-se a Viena, como pôde.<sup>146</sup>

Como fugitivo de seu país, acaba sendo contrabandeado pelos italianos, húngaros e iugoslavos, pois a falta de documento impedia o repatriamento de Zé Osvaldo. O Consulado tinha autoridade de chefiar-lhe a ida, em uma sexta-feira, pelo navio da linha regular da Hamburg-Süd,<sup>147</sup> que partiria para o Brasil, com a regra de conduzir repatriados, para isso José Osvaldo esperaria por quatro dias. Aguardou o dia da viagem. “Segue-se que enfim partiu, na sexta. Não tinha bagagem, nem mesmo pacotilha. Ninguém se lembrou de dar-lhe algum dinheiro, só se pensou tarde, já despachado o navio[...].”<sup>148</sup>

Ao ser devolvido ao país em uma de suas repatriações, ficaram sabendo que Zé Osvaldo morreu ao atirar-se ao mar, na entrada da baía de Guanabara.

Como indivíduo, José Osvaldo se destacou no seu encontro e na sua perda consigo mesmo. Sem registro civil de identidade, de nacionalidade ou raça, sem nome de família, sozinho no mundo, em busca do nada e indo sempre para lugar nenhum, o que o caracteriza é

<sup>143</sup> ROSA, João Guimarães. “Homem, intentada viagem”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p.215.

<sup>144</sup> *Idem, ibidem*, p. 216.

<sup>145</sup> *Idem, ibidem*, p. 216.

<sup>146</sup> *Idem, ibidem*, p. 216.

<sup>147</sup> Fundada em 1871, a Hamburg-Süd foi uma das companhias de navegação mais importante para o desenvolvimento da imigração alemã para o Brasil., a partir de 1876. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Hamburg\\_S%C3%BCd](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hamburg_S%C3%BCd). Acesso em 05.06..2010.

<sup>148</sup> ROSA, João Guimarães. *Op. cit.*, p. 217.

o não-lugar do migrante, sem destino e sem pouso, sem memória e sem imagem, sem passado ou história onde tudo se apaga em segundos, de reconhecimento e morte:

Sim que, anos depois, realmente retornou à Europa, não lhe puderam tolher a empresa. De nôvo, também, foi repatriado, para a epilogação. O nada acontece muitas vezes. Assim — na entrada da Guanabara — sabe-se que ele se atirou de bordo; perturbado? Acabou por começar. Isto é, rematou em nem-que-quando, zéosvaldo, mar abaixo, na caudalosa morte. Só morreu, com as coisas todas que não soubesse.  
Inconseguiu-se?<sup>149</sup>

A pesquisa realizada pelo professor Roniere Menezes<sup>150</sup> informa sobre um ofício, escrito em Hamburgo, em 12 de maio de 1939, em papel timbrado do Consulado Geral dos Estados Unidos e endereçado ao Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Oswaldo Aranha, trata da repatriação de José Osvaldo. O texto é assinado por João R. de Souza Ribeiro, Cônsul-Geral de Hamburgo.

O ofício relata que o indivíduo José Osvaldo encontrava-se em “absoluta indigência” e fora repatriado de Hamburgo para o Brasil em 5 de maio:

José Osvaldo [...] tinha em seu poder uma ordem de expulsão das autoridades policiais do Reich, por vadiagem e é reincidente na prática de vir à Europa como clandestino, em vapores alemães, e voltar repatriado pelos Consulados brasileiros. Em vista destes antecedentes não dei passaporte ao patrício José Osvaldo para impedir que ele, de posse do mesmo, desembarcasse em qualquer porto de escala e continuasse na sua extravagante aventura de percorrer o mundo, sem papéis de identificação e estado de indigência, maltrapilho e faminto, como se apresentou neste consulado. Encaminhei-o à Polícia Marítima do Rio de Janeiro com uma carta Salvo Conduto explicativa de sua situação com o pedido de bem identificá-lo.<sup>151</sup>

O Terceiro Reich além de estar envolvido em um conflito de dimensões internacionais e de perseguir amplamente os judeus não admitia a presença do pária em seus domínios, por motivo de ser um vadio reincidente. A expulsão do “incômodo” não eliminaria a incerteza a respeito de seu retorno, a impedir o ordenamento social pretendido pelo Nazismo.

<sup>149</sup> ROSA, João Guimarães. “Homem, intentada viagem”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 217.

<sup>150</sup> “Poética e diplomacia em João Cabral e Guimarães Rosa”. Disponível em: [http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08\\_publicacoes\\_pgs/Eixo%20e%20a%20Roda%2018,%20n2/02-Roniere.pdf](http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Eixo%20e%20a%20Roda%2018,%20n2/02-Roniere.pdf). Acesso em 05.10.2010.

<sup>151</sup> RIBEIRO, João R. de Souza. Ofício de repatriação de José Osvaldo. Hamburgo, 12 de maio de 1939. Arquivo do Itamaraty. Rio de Janeiro.

Guimarães Rosa foi um homem que entendeu da literatura de diferentes povos. Apresentou um panorama que delineou os problemas intelectuais da atualidade comparando o futuro da Europa e de toda a humanidade como uma equação com várias incógnitas, ou seja, explorou em seus textos situações que se passaram não só no Brasil mas também na Europa, como a miséria, a fome, a desigualdade social, principalmente no período da Segunda Guerra Mundial, em que o mundo precisava saber das atrocidades que recaíam sobre o homem e que este homem deveria ser alertado para refletir sobre suas atitudes perante o outro.

Retomando a obra “O anel dos Nibelungos” de Richard Wagner, a crônica em estudo oferece a oportunidade de refletir sobre os valores importantes de nossa existência e de vislumbrar um mundo transformado para as próximas gerações. Essa transformação deverá priorizar a valorização dos sentimentos, das relações humanas, da preservação da natureza, da integridade de caráter e de amor ao próximo.

É impossível acreditar-se que a maneira como se conduz nossas vidas e as leis de sobrevivência que regem o nosso mundo hoje, baseadas no uso abusivo da natureza, na leviandade moral e ética e na falta de solidariedade humana, possam perpetuar a nossa espécie. Para tanto, o narrador de “Homem, intentada viagem” chega a seguinte reflexão:

A gente nem tem ideia de como, por debaixo dos enredos da vida, talvez se esteja é somente e sempre buscando conseguir-se no sulco pessoal do próprio destino, que é naturalmente encoberto; [...] Que é que a gente conhece de si mesmo, em verdade.<sup>152</sup>

José Osvaldo é o centro da reflexão, pode representar o ouro escondido no Reno em *O anel dos Nibelungos*, obra de Richard Wagner. Essa obra tem a ver com o caminho do ser humano. José Osvaldo foi caracterizado como um Zé Ninguém, não tinha ninguém, só a vontade de partir.

Por outro lado, é interessante conhecer o significado do nome José<sup>153</sup> Osvaldo.<sup>154</sup> Pesquisou-se e entre vários sentidos encontrados, optou-se por “José” o que tem o poder dos deuses e indica uma pessoa que não se abala com nada. É muito conciliador e conserva o autocontrole mesmo nas piores situações. Enquanto que “Osvaldo” quer dizer poder de Deus. Sabe-se, que desde os tempos bíblicos, o significado do nome de uma pessoa era importante. Assim, a personagem, de valioso não tinha outra coisa a não ser o próprio nome.

Entre os significados do nome de José Osvaldo, destacou-se a expressão “poder de auto

---

<sup>152</sup> ROSA, João Guimarães. “Homem, intentada viagem”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 217.

<sup>153</sup> Disponível em [http://www.significado.origem.nom.br/nomes\\_j/](http://www.significado.origem.nom.br/nomes_j/). Acesso em 20.01.2011.

<sup>154</sup> Disponível em <http://www.webix.com.br/significado-dos-nomes/letra-O.html>. Acesso em 20.01.2011.

controle mesmo nas piores situações”. Relata-nos o narrador: “Não seria louco, a não ser da básica e normal doideira humana, a metafisicamente dita.”<sup>155</sup>

Em meio ao assombro da guerra pela Europa, entre vários lugares foi parar em Hamburgo e de lá repatriado para o Brasil. Sujeito a um rumo incondicional, José Osvaldo presenciou a face do caos. O espírito de catástrofe está presente nas palavras que descreveram o cotidiano das crônicas em análise: campos de prisão, ódio abismático, perseguição nazista brutal, angústia, fome, sofrimentos, desenganos, pranto, súplica, suicídio, guerra, morte.

As ideias de raça pura, como o arianismo discutido na análise da crônica “O mau humor de Wotan” e de superioridade de uma raça sobre a outra são nítidas na história do compositor Richard Wagner quando ele coloca, as diferentes raças, tratadas no libreto, em pontos estratégicos de sua geografia, o centro da terra [mortais], os abaixo dela [Nibelungos] e acima [deuses], o que pode ser visto como uma nítida alegoria ao conceito de raças melhores ou piores que outra.

Indefeso como um pingo d’água. José Osvaldo morreu, com todas as coisas que não sabia.

O mar é o lugar das grandes aventuras existenciais da tradição clássica, lugar povoado de mistérios onde ocorrem as metamorfoses do homem que, além de enfrentar duros obstáculos e sobreviver grandes ciladas, terá que combater seus próprios monstros.

Assim, pode-se entender a imagem da travessia aquática, na crônica “Homem, intentada viagem”, como uma forma possível de simbolizar a peregrinação do humano através de seus próprios enigmas, atravessando a perigosa correnteza do existir.

Alguns momentos de travessia aquática nessa crônica, evidenciam o momento em que a experiência nas águas implica em aprendizagem no contato com mundo em incessante movimento.

Para Guimarães Rosa, não há, de um lado, o mundo, e, de outro, o homem que o atravessa. Além de viajante, o homem é a viagem — objeto e sujeito da travessia, em cujo processo o mundo se faz. O homem atravessa a realidade conhecendo-a, e conhece-a mediante o intentar de uma ação, de pretender uma atividade criadora do ser pela palavra.

### **2.3.1. Beleza poética em “Homem, intentada viagem”**

A crônica de Guimarães Rosa, no relato do cotidiano, é marcada pela busca de um

---

<sup>155</sup> ROSA, João Guimarães. “Homem, intentada viagem”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 215.

universo de signos capazes de nomear o inominável. Dessa forma, vida e literatura interpenetram-se e se concretizam no texto, na linguagem, no questionamento social. Essa é a técnica da reflexão rosiana, a travessia em busca do “homem humano”, cujo instrumento é a escrita, o barco que nos conduz à outra margem. Vejam-se os fragmentos abaixo.

<p>Fora-se-lhe o último <i>pfennig</i>, do que Moreira da Silva em Viena lhe ministrara,[...] [p.214]</p>	<p><i>Pfennig</i> em alemão significa centavo. O escritor faz menção ao cantor e compositor brasileiro Moreira da Silva [1902-2000] que compôs a música intitulada “O último dos Moicanos” comparando a situação de José Osvaldo, personagem principal dessa crônica, pois nesse vai e vêm de repatriação, fora-se-lhe o último <i>pfennig</i>, o último centavo, o último dos moicanos. Os Moicanos foram os primeiros habitantes da região ocupada pelos europeus e, conseqüentemente, os primeiros a serem expropriados de suas terras. “O Último dos Moicanos”<sup>156</sup> é um livro, que trata de um encontro entre duas civilizações: Índios americanos e os europeus. O guerreiro Chingachgoo, após a morte de seu filho Uncas, é de fato o último dos Moicanos.</p>
<p>Levava porém roupa asseada e não amarrotada inexplicadamente, e até com no peito uma flor, dessas de si semi-secas, sempre-viva. Assim bem-trapilho, um rico diabo. Mas, lil, lilil, pelo Evangelho, quase lillial que nem os lírios do campo, jovializava. [p. 214.]</p>	<p>Segundo o <i>Léxico de Guimarães Rosa</i><sup>157</sup>, o autor cria formas novas equivalentes a lillial, que é a forma dicionarizada. O sentido figurado dá a idéia de alvo, puro, inocente. “bem vestido”,<sup>158</sup> forma não dicionarizada, calcado em “maltrapilho”. Tem-se uma conotação humorística.</p>
<p>Outra a sua famigeração e circulo de motivos: sujeitos a um rumo incondicional, à aproximação de outro tempo, projeto de vastidão, e mais que se pense; propósito de natureza — a crer-se em sua palavra. [p. 215]</p>	<p>Conforme o <i>Léxico de Guimarães Rosa</i><sup>159</sup>, forma não dicionarizada, é tornar-se famigerado, adquirir (má) fama. O adjetivo em —ado faz supor um verbo; não sendo encontrado, o autor supre a lacuna.</p>

<sup>156</sup> Disponível em: <http://pt.shvoong.com/books/classicliterature/1925154-%C3%BAltimo-dos-moicanos/>. Acesso em 12.12.2010

<sup>157</sup> MARTINS, Nilce Sant’Anna. *O Léxico de Guimarães Rosa*. 2. ed. revisada. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2008, p. 301.

<sup>158</sup> *Idem, ibidem*. p. 69.

<sup>159</sup> *Idem, ibidem*. p. 222.

<p>O mar era-lhe apenas o meio de trajeção, seu instrumento incerto, distância que palpita. O mar, que faz lonjura. Ele era sempre da outra margem. [p. 216.]</p>	<p>Sendo um dos maiores elementos da Criação [Gen.1, 10], o Mar não nos deixa indiferentes à sua grandeza, mistérios e simbolismos. Espaço lendário, associado a numerosos mitos e lendas. Simbolicamente, o Mar representa a vida e a morte. Com efeito, existem as águas transparentes e lustrais, que revitalizam e salvam. O Mar é o símbolo da fecundidade e da Vida, e uma das grandes metáforas do Amor. O Mar é meio de travessia, instrumento que leva o homem a outra margem.</p>
<p>De suas artes em terra, não se tirariam marábulas, matéria de contos arábicos. [p. 216.]</p>	<p>Conforme o <i>Léxico de Guimarães Rosa</i><sup>160</sup>, “marábula” é uma forma não dicionarizada que significa fábula, história maravilhosa.</p>

### 2.3.2. “Homem, intentada viagem”: do jornal ao livro impresso

No quadro demonstrativo abaixo, encontra-se alguns fragmentos que sofreram mudanças quando passaram do jornal para o livro impresso. Vale ressaltar, que assim como em “O mau humor de Wotan” e a “Senhora dos segredos”, as palavras e expressões dessa crônica foram corrigidas pelo próprio autor.<sup>161</sup>

<p><b>Crônica 3 — “Homem, intentada viagem” Jornal <i>O Globo</i> — 18/02/1961 Parágrafos: 15</b></p>	<p><b>Crônica “Homem, intentada viagem” Livro <i>Ave, palavra</i> — 1ª edição [1970] Parágrafos: 16</b></p>
<p>A uns, pareceu-nos algo nortista, a outros um tanto mineiro; bem alguma espécie <b>de José</b>.</p>	<p>A uns, pareceu-nos algo nortista, a outros um tanto mineiro; bem alguma espécie. [p. 214]</p>
<p>Fora-se-lhe o último <i>pfennig</i>, do que Moreira da Silva em Viena lhe ministrara, no bolso nem <b>tostão</b>.</p>	<p>Fora-se-lhe o último <i>pfennig</i>, do que Moreira da Silva em Viena lhe ministrara, no bolso nem <b>tusta</b>. [p.214]</p>
<p>Contou-nos os sucessivos episódios do que se lhe sucedera, de ingentes turlupinadas e</p>	<p>Contou-nos os sucessivos episódios do que se lhe dera, de ingentes turlupinadas</p>

<sup>160</sup> MARTINS, Nilce Sant’Anna. *O Léxico de Guimarães Rosa*. 2. ed. revisada. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2008, p. 321.

<sup>161</sup> Cf. Anexo 2.

<b>estrapaças</b> , desta vinda e feita.	[enganos, confusão, trapalhada] e <b>estradas</b> , desta vinda e feita. [p. 216]
Seja por brio de esportividade, ou fosse por <b>complacência ingênua</b> , isso o botou influído.	Seja por brio de esportividade, ou fosse por <b>concordância ingênua</b> , isso o botou influído [animado]. [p. 216]
Só morreu, com as coisas todas <b>que não sabia</b> .	Só morreu, com as coisas todas <b>que não soubesse</b> . [217]
Sempre <b>a outros ultrâncias</b> , perléguas: itivo e latitudinário,[...]	Sempre <b>a outros ultras</b> , perléguas [longos percursos]: itivo [andante, errante, viajante] e latitudinário, [...] [p.217]

#### 2.4. A velha

A crônica “A velha”, foi inicialmente publicada em *O Globo* no dia 3 de junho de 1961. Apresenta um texto curto, compondo 20 parágrafos da página 108 à 111, na primeira edição do livro *Ave, palavra* de 1970. O título da crônica é comum, não causando impacto pois é popular e coerente com a história.

As personagens são: o narrador em primeira pessoa, *Frau* Verônica Wetterhuse [mãe de Angélica], Dame Angélica [filha], Dame, Filippa, Dame Osna e Dame Alwyna. O contexto está associado diretamente à Segunda Guerra Mundial.

O texto cronístico inicia com o telefonema de *Frau* Wetterhuse, uma senhora muito velha e doente, solicitando que o Cônsul fosse a casa dela, para tratar de assunto testamentário.

O narrador conta que no Consulado havia um tumulto diário de casos pois o emblema nazista, a swástica, a águia de asas abertas, hasteado por todos os cantos da cidade e a arrogância hitlerista levaram a crer na guerra iminente e no infortúnio do judeu: “o Consulado invadindo-se de judeus, sob mó de angústias, famintos de partir, sofridos imensos, em desengano, público pranto e longo estremecer, quase cada rosto prometendo-se a coativa esperança final do suicídio.”<sup>162</sup>

O cronista narrador revela que “Vê-los, vinha à mente a voz de Hitler ao rádio rouco,

<sup>162</sup> ROSA, João Guimarães. “A velha”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 108.

raivoso.” Contra esses, desde novembro, se implacara mais desbordada e atroz perseguição, dosada brutal. Viesse a guerra, a primeira ordem seria matá-los?”<sup>163</sup>

Por muita insistência de *Frau* Wetterhuse o narrador prometeu ir à casa dela, apesar do frio intenso do mais duro inverno que fazia. A casa era no Harvesterhude. O Cônsul foi recebido e levado ao salão. O ambiente assustava, pois transmitia o sentido de solidão. Nesse salão encontravam-se cinco mulheres, todas velhas. Ao centro a mais anciã. “Era extraordinária de velha [...] Passaria dos noventa, parecia centenária. [...] Era *Dame* Verônica Wetterhuse. *Dame* Angélica, sua filha e três parentas.”<sup>164</sup>

Em dado momento *Dame* Verônica tomou a voz. Inicialmente um pouco complicada de entender, mas logo o narrador compreendeu que ela falava português perfeitamente e relembrou: “ — Vivi em vosso país, vossa pequena formosa cidade de Petrópolis [sic] ... Conheci vosso bom Imperador — ele estudava o hebraico. Vosso imperador estimava meu marido, Káspar ... Dr. Káspar Eswepp, sabeis? Vosso Imperador nos convidava ao paço ...”<sup>165</sup>

Depois de lembrar o passado, começou a falar sobre os fatos presentes: dos campos-de-prisão, as hitlerocidades, as trágicas técnicas, o ódio aos judeus. Retoma o passado. Não se volta para a filha e olha somente para o narrador, revela o segredo escondido por seus longos anos de que seu marido judeu não era pai de sua filha.

O pai de Angélica foi um amigo, grande amor de sua vida, que frequentou a casa dela, fruto de um romance perdido no antigo, na memória.

O Cônsul ao ouvir a revelação e pedido para saírem da Alemanha, nada podia fazer, dado tanto tempo passado e Angélica nem mesmo era brasileira.

O fato de o homem a quem amou ser brasileiro, cria um sentimento de cumplicidade da senhora com o cônsul do Brasil, a quem ela indaga se deve contar a verdade família, encontrando deste modo uma saída para a filha diante da perseguição nazista.

Guimarães Rosa oferece ao leitor, no final da crônica, e mesma experiência de perplexidade na qual se vê imerso, não encontrando outra resposta sobre a estranha encruzilhada humana a não ser o silêncio: “Ali, borbulhavam pensamentos. Desfalecidos espíritos. Só silêncio. [...] Todos nós jazíamos de pé, em volta dela. A longa mulher. O sistema do mundo. A velha vida.”<sup>166</sup>

A mulher é descrita em sua aparência centenária, contrastando, ironicamente, com a guerra iminente que ameaça abreviar a vida do homem.

<sup>163</sup> ROSA, João Guimarães. “A velha”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 108.

<sup>164</sup> *Idem, ibidem*, p. 109.

<sup>165</sup> *Idem, ibidem*, p. 110.

<sup>166</sup> ROSA, João Guimarães. “A velha”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 111.

*Frau Wetterhuse* pode representar duas Nornas da obra de Richard Wagner a saber: Urd, guardiã do passado e Verdandi a vigia do presente. Como guardiã do passado a senhora *Wetterhuse* guardou um segredo que só num momento difícil da história revelou ao diplomata brasileiro com o objetivo de salvar a filha. Como sentinela do presente, ela relatou sobre os campos-de-prisão, as hitlerocidades, as trágicas técnicas, o ódio aos judeus.

É a maldição do anel lançado por Alberich [O anão nibelungo da obra de Wagner] que parece corroer os fios que as Nornas vão tecendo — a corda parte-se deixando-se a incerteza do futuro. A velha *Frau Wetterhuse*, quase centenária, entrega-se às entranhas da terra. Como uma Norna a fiar os fios da memória: relembrou o passado e relatou o presente. A primeira narrativa reviveu como tudo começou e na segunda expressou a face do caos que estava vivendo.

Veja-se uma parte do poema de Wagner:

**A primeira Norna [Urd]**

Para o bem e para o mal,  
aqui prendo o fio e canto.  
Outrora fiava eu  
Junto ao Freixo do Mundo  
Quando do seu tronco,  
Fortes e vigorosos,  
Verdejavam ramos sagrados.  
À sua sombra fresca  
Corria uma fonte;  
as suas ondas  
murmuravam sabedoria,  
e o meu canto revelava um saber sagrado.  
Já nasce o dia?  
Ou são as chamas a reluzir?  
O meu olhar turva-se;  
já não distingo claramente [...] <sup>167</sup>

Em “A velha” percebeu-se uma relação com a fala da Norna Urd, guardiã do passado. “Para o bem e para o mal”, *Frau Wetterhuse* em um primeiro momento, não sabia se revelava ou não, o que há tanto tempo ocultava de sua filha. “Prende o fio e canta”, pode indicar que a velha revela ao Cônsul, o segredo de tempos distantes. Outrora, isto é, antigamente, a senhora centenária “fiava”, aqui no sentido de como tratava de um caso delicado e agora o entregava nas mãos do Cônsul brasileiro. O momento era perigoso, o “freixo do mundo” com seus “troncos fortes e vigorosos” podem representar a Europa em guerra ou mais especificamente a

<sup>167</sup> Götterdämmerung. Disponível em [http://www.saocarlos.pt/fotos/p\\_s\\_crepúsculo\\_final.pdf](http://www.saocarlos.pt/fotos/p_s_crepúsculo_final.pdf).

Alemanha que “verdejava ramos sagrados”. A Alemanha daquela época verdejava ramos culturais, cuja “fonte” corria e “suas ondas murmuravam sabedoria.”

*Frau* Wetterhouse “revelava um saber sagrado”, o segredo a tanto tempo escondido e agora revelado ao Cônsul, pois os dias passam e a velhice chega, a visão turva-se, já não consegue ver claramente, precisa de ajuda.

Nas crônicas “O mau humor de Wotan”, “A senhora dos segredos” e “A velha”, os elementos que desencadeiam todo desfecho, são ações promovidas pelas personagens femininas. Mesmo sendo histórias diferentes, o motivo das aflições são as mesmas: fugir da guerra. A leitura das crônicas mostra que o diplomata brasileiro nada podia fazer para mudar o percurso da história de Márion, Wetterhuse e Heelst, enquanto José Osvaldo foi repatriado, pois a leitura da crônica evidencia que ele era brasileiro em terras estrangeiras, adentrou às águas brasileira mas não pisou em solo brasileiro. Diante da mistura de ideias e sentimentos, o caos a que tudo seria reduzido, Guimarães Rosa contribui para resgatar a Alemanha cultural.

#### 2.4.1 Beleza poética em “A velha”

O quadro demonstrativo abaixo apresenta alguns aspectos que coloca o leitor em uma posição desconfortável, no sentido de não permitir o acomodamento. Guimarães Rosa requer do leitor o espírito pesquisador para uma leitura prazerosa.

<p>Sumia-se no dia noturno a bela, grande cidade hanseática, nem se avistavam seu céu de ferro molhado e as silhuetas das cinco igrejas, suas torres de cobre em azinhavre. [p.108.]</p>	<p>Nota-se a presença da metáfora nesse fragmento “nem se avistam seu céu de ferro molhado”, pois a presença de bombas era constante. Em “suas torres de cobre em azinhavre”. Azinhavre<sup>168</sup> é o nome dado à camada de cor verde resultante da oxidação do cobre ou ligas que contêm cobre, como o latão. O cobre e as ligas metálicas que contêm cobre, como por exemplo o latão ou o bronze, quando expostas ao ar úmido contendo gás carbônico, lentamente se oxidam, ficando cobertas por uma pátina de cor azul esverdeada. A essa formação dá-se o nome de azinhavre (que é tóxico e popularmente é chamado de zinabre).</p>
<p>Dava-se, que nem caudas de cobras, delgados</p>	<p>Comparação e metáfora como recurso</p>

<sup>168</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Azinhavre>. Acesso em 20.12.2010.

<p>glaciais chicotes — nevando, fortes flocos — o vento mordaz. Saindo para o Glockengiesserwall, se bem que abafado em roupas, eu tivera que me enregemer, ao resfrio cravador e à umidade, que transia. Via-se, a cada canto, o emblema: pousada num círculo, onde cabia oblíqua a suástica, a águia de abertas asas. [p. 108.]</p>	<p>literário.          Descrição: enregemer, resfrio cravador, vento mordaz, etc.          Suástica — um símbolo antigo que teve os mais diferentes significados ao longo do tempo, carregado de uma memória triste que marcou o século XX pelas atrocidades acontecidas na Alemanha Nazista.</p>
<p>A fora, as sombras dos troncos de árvores, na neve, e as curvas dos corvos, o corvo da desdita. Dizia-se que, este, muitos anos faz, seria o mais duro inverno, de concumulados gelos: morriam muitos pássaros. O coração daquela natureza era manso, era mau? [p.108]</p>	<p>Descrição de elementos da natureza.          Eufemismo como recurso literário “o corvo da desdita”.          A personificação da natureza com atribuições humanas — “O coração daquela natureza era manso, era mau?”</p>
<p>Sentia-se um, ao meio de tal ponte, à face do caos e espírito de catástrofe, em tempo tão ingeneroso, ante o critério último — o pecado de nascer — na tese anaximândrica.<sup>169</sup> Todos pertencíamos, assim, mesmo, à vida. [p.108.]</p>	<p>Guimarães Rosa reconhecia que “o escritor, o bom escritor, é um arquiteto da alma”. Poeticamente, recolhe, em <i>flashes</i>, a vida cotidiana que palpita, em meio à guerra — [à face do caos, o espírito de catástrofe, à vida]. Anaximandro introduz o conceito de infinito, imortal e divino que governa o todo. A esse princípio chama de <i>apeíron</i><sup>170</sup> — do grego significa ilimitado, infinito ou indeterminado. É a essência de todas as formas do universo, sendo concebida como o elemento primordial a partir do qual todos os seres foram gerados e para o qual retornam após sua dissolução.</p>
<p>Relembrava — revocava — sorriu-se a um persistir de imagens? E estremeceu. Voltava às brumas do presente, à sua gélida pátria. Só então entrou a falar sob força de fatos: dos campos-de-prisão, as hitlerocidades, as trágicas técnicas, o ódio abismático, os judeus tratados. [p. 110]</p>	<p>Uso do prefixo “re”          Neologismo rosiano — “hitlerocidades”          Plasticidade — “persistir de imagens”          “às brumas do presente” — da neblina, da névoa que em linguagem figurada significa sombra, mistério.</p>

#### 2.4.2. “A velha”: do jornal ao livro impresso

As quatro crônicas em análise passaram por processo de mudanças quando migraram do jornal para o livro impresso. Umas com mais correções do que as outras. No quadro

<sup>169</sup> Princípio anaximândrico. Disponível em: <http://historiadafilosofia.wordpress.com/category/aristoteles/>. Acesso em 20.12.2010.

<sup>170</sup> Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Apeiron>. Acesso em 26.12.2010.

demonstrativo abaixo, encontra-se alguns fragmentos de “A velha” que sofreram mudanças quando passaram do jornal para o livro.<sup>171</sup>

<b>Crônica 4 — “A velha”</b> <b>Jornal <i>O Globo</i> — 3/06/1961</b> <b>Parágrafos: 16</b>	<b>Crônica “A velha”</b> <b>Livro <i>Ave, palavra</i> — 1ª edição [1970]</b> <b>Parágrafos: 20</b>
<p>O recado se perdia, obrigação abstrata, no <b>diário tumulto</b> de casos, o Consulado invadindo-se de judeus, sob mó de angústias, famintos de partir, sofridos imenso, em desengano, público pranto e longo estremecer, quase cada rosto prometendo-se a coativa esperança final do suicídio.</p>	<p>O recado se perdia, obrigação abstrata, no <b>tumulto diário</b> de casos, o Consulado invadindo-se de judeus, sob mó de angústias, famintos de partir, sofridos imenso, em desengano, público pranto e longo estremecer, quase cada rosto prometendo-se a coativa esperança final do suicídio. [p.108]</p>
<p>Só então entrou a falar sob força de fatos: dos campos-de-prisão, as hitlerocidades, as trágicas técnicas, o <b>ódio abismável</b>, os judeus tratados.</p>	<p>Só então entrou a falar sob força de fatos: dos campos-de-prisão, as hitlerocidades, as trágicas técnicas, o <b>ódio abismático</b>, os judeus tratados.[p. 110]</p>
<p>[...] <i>Dame</i> Angélika, seria teuto-hebréia um <i>mischling</i>, “mestiça do primeiro grau”, segundo o <b>código terrível</b>.</p>	<p>[...] <i>Dame</i> Angélika, seria teuto-hebréia uma <i>mischling</i>, “mestiça do primeiro grau”, segundo o <b>código hediondo</b>. [p110]</p>
<p>Prometi-me de <b>lá ir</b>.</p>	<p>Prometi-me de <b>ir lá</b>. [p.108]</p>
<p>Toquei e levaram-me ao salão — como <b>se um subterrâneo</b>.</p>	<p>Toquei e levaram-me ao salão — como <b>se subterrâneo</b>. [p.108]</p>

O escritor brasileiro usa palavras que detêm o leitor. As infiltrações vocabulares surpreendem e desafiam a curiosidade dos pesquisadores. Nem desta vez, a tarefa do leitor é facilitada, pelo contrário, há de aprofundar-se em novas veredas. Mas no caso do leitor que não se contenta com uma leitura só, Guimarães Rosa começa a propor uma segunda leitura e quantas forem necessárias, como afirma Antonio Candido: “Ler infatigavelmente o texto analisado é a regra de ouro do analista. A multiplicação das leituras suscita intuições, que são o combustível neste ofício.”<sup>172</sup>.

João Guimarães Rosa reelabora o cotidiano poeticamente, oferecendo ao leitor uma

<sup>171</sup> Cf. Anexo 2.

<sup>172</sup> CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. São Paulo: Ática, 1989. Prefácio.

excelente oportunidade para refletir sobre a palavra cuja semente deve germinar, inquietar, de modo a causar estranhamento para o leitor. O próprio escritor é exemplo do estado de inquietação, de pesquisa, de consciência artesanal que vem marcando seus textos.

Mobiliza recursos estilísticos como linguagem metafórica, alegorias, repetições, antíteses, ironia, humor, suspense, reflexões, argumentações. Com trabalho lógico, detalhista e conceitual o escritor garante sua excelência narrativa e propicia a fruição do leitor.

Guimarães Rosa esclarece em entrevista a Günter Lorenz no que concerne a sua escala de valores: “Fui médico, rebelde, soldado. [...] Como médico conheci o valor místico do sofrimento; como rebelde, o valor da consciência; como soldado, o valor da proximidade da morte.”<sup>173</sup>

Todavia, o diplomata não poderia supor a transmutação que sofreria esse espaço, no caso, a Alemanha — parte dele. O ambiente de tranquilidade, beleza e cordialidade se veria transformado em espaço de intolerância, medo e morte. A guerra destruiria não só as construções e as relações humanas do lugar, mas também a imaginação tranquila do autor brasileiro que acreditava ter chegado a alguma espécie de paraíso terrestre situado no primeiro mundo.

Sem dúvida, na maneira própria de construção do escritor brasileiro, encontram-se nas crônicas: “O mau humor de Wotan”, “A senhora dos segredos”, “Homem, intentada viagem” e “A velha”, a multiplicidade nessa escritura além-fronteiras, eminentemente autoquestionadora, em suas perguntas pelo sujeito, em colocar o leitor em uma posição desconfortável, no sentido de não permitir o acomodamento à desordem da realidade.

As crônicas de Guimarães Rosa têm características fundadas em experiências pessoais provenientes de sua experiência como diplomata e de uma disposição confessional que refletem realidade e abordagens literárias próprias.

---

<sup>173</sup> LORENZ, Günter W. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, v. 6, p. 67.

### 3. EXAME DA RECEPÇÃO CRÍTICA DAS CRÔNICAS

Se por tradição entendemos o processo histórico da práxis artística, então ele deve ser pensado como um movimento que começa com a recepção, que apreende o passado, trá-lo de volta a si e dá ao que ela assim transformou em presente, traduziu ou “transmitiu”, o sentido novo que implica seu esclarecimento pela atualidade.

(Hans Robert Jauss)<sup>174</sup>

De publicação póstuma, *Ave, Palavra* é um livro de gênero híbrido, resultado da reunião de textos publicados em jornais e revistas, além de outros inéditos que foram incorporados ao volume. Publicado em novembro de 1970, reuniu 54 textos, dos quais 37 já haviam sido retrabalhados pelo autor e dados como definitivos. Ao final do livro, seu organizador, Paulo Rónai, incluiu cinco crônicas — “Jardim fechado”, “O riacho Sirimim”, “Recados do Sirimim”, “Mais meu Sirimim” e “As garças” — que Guimarães Rosa preparava, pouco antes de morrer, para integrar um livro que se chamaria *Jardins e Riachinhos*.<sup>175</sup>

Na nota da primeira edição do livro, o crítico Paulo Rónai lança as primeiras palavras sobre essa obra relatando que

Guimarães Rosa definiu o *Ave, Palavra* como uma “miscelânea”, querendo caracterizar com isso a despretensão com que apresentava estas notas de viagem, diários, crônicas, poemas, contos, flagrantes, reportagens poéticas e meditações, tudo o que, aliado à variedade temática de alguns poemas dramáticos e textos filosóficos, constituíra sua colaboração de vinte anos, descontínua e esporádica, em jornais e revistas brasileiros, durante o período de 1947 a 1967.<sup>176</sup>

Guimarães Rosa escolheu o título *Ave, palavra* dentre treze títulos, cujos nomes estão incluídos na primeira edição de 1970 como nota de rodapé da introdução acima citada. Dado o exposto, vale apenas mencioná-los: “Azulejos amarelos”, “Conversas com o tempo”, “Sortidos e retalhos”, “Reportagens”, “Desconexões”, “Via e viagens”, “Contravazios”, “Moxinifada”, “Almanaque”, “Poema do esporádico”, “Exercícios de saudade”, “Meias-estórias” e “Oficina aberta”.

Por outro lado, o título que dá nome a essa obra é uma saudação, como “Ave, Maria”, funciona como “Salve, palavra”. De acordo com o *Léxico de Guimarães Rosa*: “Interjeição

<sup>174</sup> ZILBERMAN, Regina. *A estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989, p. 41.

<sup>175</sup> Publicação póstuma.

<sup>176</sup> RÓNAI, Paulo. Nota introdutória. In: ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. Sem paginação.

latina, forma de saudação que exprime culto, reverência, por evocar a prece: Ave, Maria, cheia de graça...”<sup>177</sup>.

Diferentemente das demais obras rosianas, *Ave, Palavra* é um livro cuja temática não se volta exclusivamente para o homem e o ambiente sertanejos. Reúnem-se nesse livro, por exemplo, a presença de uma literatura considerada engajada na qual registra a experiência vivida por Guimarães Rosa enquanto exercia a carreira diplomática no exterior durante a perseguição aos judeus pelos nazistas, cujos títulos são: “O mau humor de Wotan” [*Correio da Manhã*, 29 de fevereiro de 1948], “A senhora dos segredos” [*Correio da Manhã*, 6 de dezembro de 1952], “Homem, intentada viagem” [*O Globo*, 13 de fevereiro de 1961] e “A velha” [*O Globo*, 3 de junho de 1961].

Uma produção também interessante que compõe *Ave, Palavra* é um conjunto de poemas intitulado “O burro e o boi no presépio (catálogo esparso)”. São 26 poemas inspirados em pinturas de diversos artistas que escolheram como tema o nascimento do menino Jesus. Em tais poemas, são os animais que o escritor mineiro destaca. Todos esses gêneros, além de enquetes teatrais, estão distribuídos no livro de maneira diversificada. Segundo o organizador da obra Paulo Rónai, informado pela secretária e amiga do artista, Maria Augusta de Camargos Rocha, tal disposição dos textos era desejo do autor.

Paulo Rónai informa que “[...] ele alternaria temas e gêneros variados, textos mais curtos ou mais longos, poema e prosa, narrativas e cenas dramáticas, procurando realizar assim um conjunto harmonioso para, fugindo ao monótono, manter alerta e prisioneiro o leitor”.<sup>178</sup>

Os textos, dessa forma, não foram criados com a intenção de unicidade. Embora sejam de qualidade, trazem em sua estrutura a utilização de linguagens diversas, nem sempre primando por uma construção altamente poética, como se observa em alguns textos.

No entanto, e isso talvez seja a maior contribuição da coletânea, *Ave, Palavra* oferece ao público um Guimarães Rosa que, além de adentrar na literatura de caráter lendário, mítico, também traz uma escrita mais enxuta, que retrata os flagrantes do cotidiano, de ironia e humor mais citadinos, próximos das relações que estabelece quando “atua” o diplomata, o homem viajado, sem, contudo, deixar de versar sobre sua origem.

<sup>177</sup> MARTINS, Nilce Sant’Anna. *O Léxico de Guimarães Rosa*. 2. ed. revisada. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2008, p. 53.

<sup>178</sup> RÓNAI, Paulo. Nota introdutória. In: ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. Sem paginação.

A editora Nova Fronteira, em Nota do Editor<sup>179</sup> esclarece que a 5ª edição, de 2001, baseou-se no texto da 2ª edição da obra, publicada em 1978. Dessa forma, procura estabelecer um diálogo com antigas edições da obra de Guimarães Rosa, tendo como objetivo trazer a público uma nova e bem cuidada edição das obras do referido autor.

Paulo Rónai, em Advertência da segunda edição,<sup>180</sup> informa que à segunda edição foi permitido isentar o texto de certo número de erros tipográficos que lamentavelmente se infiltraram na primeira. Por sua vez, foi dado a certos escritos, de caráter nitidamente poético, disposição tipográfica exatamente igual à pretendida pelo autor. Esse livro recebeu o Prêmio Jabuti de Produção Gráfica em 2002.

O pesquisador Luiz Claudio Vieira de Oliveira, em seu texto intitulado *Ave, palavra*, de 2008<sup>181</sup>, questiona a classificação do livro e faz a seguinte pergunta: O que é *Ave, palavra*? Para Luiz Claudio Vieira de Oliveira, *Ave, palavra* é um livro irregular. Ele afirma que Paulo Rónai organizou e deu o título ao livro. Argumenta que Paulo Rónai deveria ter acrescentado um prefácio que desse conta dessa miscelânea, discutindo os critérios para a inclusão deste ou daquele fragmento do livro.

No decorrer do texto, lança uma crítica ao descaso pela edição, feita pela Editora Nova Fronteira, pois esta se evidencia pela inexistência de um estudo crítico e pelo tom genérico empregado na apresentação do livro. Para esse pesquisador, a qualidade desigual dos textos merecia uma abordagem comparativa, com base na crítica genética, o que, segundo ele, não foi feito.

Ao contrário, do ponto de vista do pesquisador Luiz Claudio Vieira de Oliveira, fez-se uma leitura atenciosa da Nota Introdutória, do livro *Ave, palavra* de 1970, e em nenhum momento percebeu-se a ideia de que Paulo Ronái tenha dado nome ao livro. Pode-se dizer que se trata de um equívoco, por parte do referido estudioso, pois Paulo Rónai é claro quando diz: “O original, deixado por Guimarães Rosa sob o título *Ave, palavra* — título este escolhido por ele”<sup>182</sup> e ainda mais “Ao volume preparado pelo Autor”.<sup>183</sup>

Emir Rodríguez Monegal, em seu depoimento intitulado “Em busca de Guimarães Rosa”<sup>184</sup> transpõe as palavras do próprio escritor: “Tenho horror ao efêmero”, pois sempre pensou em livros. No decorrer do depoimento de Emir Monegal, é relatado que Guimarães

<sup>179</sup> ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 8-9.

<sup>180</sup> *Idem, ibidem*, p.18.

<sup>181</sup> Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/caligrama/Caligramav13a08.pdf>. Acesso em 12.12.2010.

<sup>182</sup> ROSA, João Guimarães. *Op. cit.*, sem paginação.

<sup>183</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>184</sup> MONEGAL, Emir Rodríguez. Em busca de Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, v. 6, p. 47.

Rosa havia se comprometido a escrever uma série de contos. Contudo, antes de entregar, lia quantas vezes fossem necessárias, revisava, corrigia, descobria às vezes um erro e, em vez de retocá-lo, resolvia aproveitá-lo. É óbvio, que não seria diferente esse cuidado na escrita das crônicas.

Pode-se constatar que Paulo Rónai foi o organizador do referido livro, pois segundo os esclarecimentos encaminhados aos fiéis leitores de Guimarães Rosa, procurou aplicar o critério que seria usado por Guimarães Rosa na composição dos seus demais livros e contou com a ajuda, do que se pode chamar — testemunha — de D. Maria Augusta de Camargos Rocha — secretária e amiga do escritor mineiro.<sup>185</sup>

A bibliografia referente à produção de *Ave, Palavra* é escassa. Muito se estuda sobre inúmeros temas em sua obra como a alteridade, a recorrência de imagens especulares, a influência mitológica e filosófica, mas, entre esses estudos, realmente poucos contemplam diretamente o estudo das crônicas de guerra do referido autor.

Tendo em vista o aspecto quantitativo, os dados bibliográficos de Guimarães Rosa não apresentam uma uniformidade, tendo pontos de maior concentração, como é o caso da fortuna crítica de *Grande sertão: veredas*, e outras de menor atenção, por exemplo, as crônicas de guerra, objeto de estudo da presente dissertação, mas que podem desnudar significados não previstos por outros pesquisadores.

Os trabalhos mais recentes da recepção crítica das crônicas de guerra de Guimarães Rosa, adotaram um viés histórico pois as histórias narradas nas quatro crônicas têm como contexto a Segunda Guerra Mundial. Portanto, as discussões aqui propostas sobre os trabalhos mais recentes da recepção dessas crônicas foram realizadas a partir da leitura dos estudos realizados por Eneida Maria de Souza (2002/2009), Adriana Jacobsen e Soraia Vilela (2003), João Batista Santiago Sobrinho (2009), Maria Auríneva Sousa de Assis (2009) e Jaime Ginzburg (2010), que vêm, se ocupando com a pesquisa e análise desses textos rosianos.

Em vista disso, a crítica rosiana é bem mais compreendida numa perspectiva que considere o conceito jaussiano de *recepção*. Nas palavras de Hans Robert Jauss:

A função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social.<sup>186</sup>

<sup>185</sup> MONEGAL, Emir Rodrigues. Em busca de Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, v. 6, p. 47.

<sup>186</sup> JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994, p. 50.

Percebeu-se que entre esses pesquisadores há o problema da conceituação referente ao gênero que se apresenta. Uns conceituam os textos em apreciação como conto, crônica-conto e outros como crônica. Assim, em respeito ao posicionamento de cada um, utiliza-se-á o termo “conto”, no decorrer da apresentação dos trabalhos desses críticos e pesquisadores.

A professora e crítica literária Eneida Maria de Souza, apresenta dois estudos. O primeiro intitulado “Rosa entre duas margens” (2002), no qual analisa o texto “Homem, intentada viagem” e o segundo, intitulado “Crítica Genética e crítica Biográfica (2009). No decorrer do texto, a professora Eneida de Souza dá mais ênfase ao estudo do *Diário* e traça breve comentário dos textos “O mau humor de Wotan”; “A senhora dos segredos” e “A velha”. Eneida de Souza parte do exame de que esses textos produzem o efeito biográfico por meio do registro de fatos reais, embora estejam construídos segundo parâmetros ficcionais.

Todavia, a referida professora analisa que, a meio caminho da crônica e do conto, as histórias revestem-se tanto do aparato documental quanto fictício, o que para ela, permite reconhecer a ambiguidade da concepção e resultado textual de Guimarães Rosa.

Na análise que fez sobre o texto “Homem, intentada viagem”, considera José Osvaldo como um tipo de personagem que compõe o universo fabular de Guimarães Rosa, não só pela natureza vadia, aventureira e marginalizada, mas ainda, por ter sido inspirada em fato acontecido na época em que o escritor ocupava o cargo de cônsul-adjunto em Hamburgo, de 1938 a 1942.

A intérprete faz uma aproximação da personagem José Osvaldo com o pai de “A terceira margem do rio”, pela sua inerente “necessidade de partir e longinquir, se exportar”.

Durante a investigação, Eneida de Souza deparou-se com um documento encontrado no Itamaraty, o qual conceitua como crônica-conto — a versão ficcional do fato — contida em *Ave, palavra*, vindo a confirmar a sua suspeita de que essa personagem renderia em termos ficcionais.

A referida professora investigou documentos do Consulado em Hamburgo, referente aos anos de 1938 a 1942, como o *Diário* do escritor, ainda inédito, do mesmo período, para conhecer melhor sobre a experiência vivida por Guimarães Rosa no exterior. Por esse motivo, ressalta a estudiosa, a escrita diplomática, o exercício autobiográfico do *Diário* e as recriações literárias do escritor brasileiro, deverão ser lidos em contraponto, para que nas entrelinhas e no silêncio dessas anotações se perceba a construção sorrateira de um mundo ficcional e imaginativo.

Eneida de Souza diz que lidar com a história pessoal ou coletiva significa alçá-la à categoria de um texto que ultrapassa e metaforiza os acontecimentos, sem realçar o valor

documental e o estatuto da experiência que aí se inscrevem. Para a pesquisadora, o procedimento criativo se sustenta por meio do ritmo ambivalente produzido pela proximidade e pela distância em relação ao fato.

Outro aspecto importante, ressaltado pela crítica Eneida de Souza, trata-se do caráter híbrido da escrita de Guimarães Rosa, pois, conforme avaliação da pesquisadora, o escritor brasileiro registra não só o cotidiano de sua vida na cidade, como anotações relativas a impressões desvinculadas de alguma referência imediata. O cotidiano, na percepção da professora, é sempre assaltado pela vivência imaginária do trabalho do escritor, fabulista voltado para outra realidade, aparentemente mais arcaica e menos prosaica.

Nesse sentido, a intérprete questiona: Como restringir o texto do *Diário* a um valor documental, ou entender a contaminação da escrita com a ficção? Para tal pergunta, a crítica responde que o pacto rosiano com a linguagem se pontua nesse intervalo, na pausa entre dois textos que se constroem em contraponto, ou ainda na referência a nomes de pessoas de sua convivência, transformando futuramente em personagens.

Em perspectivas bem diferentes Adriana Jacobsen<sup>187</sup> e Soraia Vilela<sup>188</sup>, duas jornalistas brasileiras, residentes na Alemanha, iniciaram em 2003 uma investigação sobre a atuação do diplomata no momento em que o consulado brasileiro emitiu vistos a centenas de judeus, possibilitando a estes escapar das perseguições nazistas. A atmosfera opressiva do Terceiro Reich permanece viva na memória de pessoas que conviveram com o escritor e cujas histórias foram resgatadas pelas pesquisadoras — conforme o relato sobre o documentário *Outro sertão*.<sup>189</sup>

O documentário *Outro sertão*, segundo esclarecimento das jornalistas, reconstrói um período pouco conhecido da biografia de Guimarães Rosa: os anos vividos em Hamburgo, onde o escritor trabalhou como cônsul-adjunto entre 1938 e 1942. O longa-metragem revela aspectos até hoje desconhecidos dessa fase da vida do diplomata. Avesso a falar publicamente sobre si próprio, Guimarães Rosa fez pouca menção pública aos anos passados na Alemanha.

De acordo com as informações das pesquisadoras, *Outro sertão* procurará relembrar aspectos esquecidos da estada do escritor brasileiro em Hamburgo por meio de entrevistas com testemunhas que o conheceram na época, anotações, diários, cartas, imagens e

<sup>187</sup> Adriana Guimarães Jacobsen é formada em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Graduada e Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Livre de Berlim, vive e trabalha como editora de imagens em Berlim.

<sup>188</sup> Soraia Vilela formou-se em Comunicação Social pela PUC-MG. Graduada e Mestre em Ciência da Cultura pela Universidade Humboldt de Berlim, vive e trabalha como jornalista em Colônia.

<sup>189</sup> Este texto encontra-se no encarte que acompanha a edição 20/21 dos *Cadernos de Literatura Brasileira: Guimarães Rosa*.

documentos inéditos. A reconstrução histórica audiovisual detalhada de seu cotidiano na Alemanha é feita com material original do período e imagens atuais dos locais por onde Guimarães Rosa passou.

O ponto de partida é a travessia do Atlântico e sua chegada ao país, em 1938. O ciclo é fechado com o confinamento de diplomatas sul-americanos em Baden-Baden, quando o Brasil rompe relações com a Alemanha (janeiro de 1942), e o conseqüente retorno de Guimarães Rosa ao Brasil, meses mais tarde. As jornalistas esclarecem que o documentário lembrará, dessa forma, um período de fundamental importância na vida do escritor, sua experiência como estrangeiro na Alemanha sob o regime nazista e a importância desses anos para a constituição de sua obra posterior.

No verão europeu desse mesmo ano, Guimarães Rosa conhece Márion Madsen, cuja história é relatada em “O mau humor de Wotan”, publicado no volume *Ave, palavra*. Nele, o escritor reproduz a atmosfera sufocante da Alemanha nazista e relata o triste acaso que levou à morte de Hans-Helmut (marido de Márion e seu grande amigo), na Segunda Guerra.

*Outro sertão* documenta os rastros dessa família, redescobre na Alemanha uma Marion idosa, que ignora por completo o fato de que detalhes de sua vida estão registrados e publicados no outro lado do Atlântico, num idioma que ela não compreende. Nas lembranças de Marion, Guimarães Rosa permanece sendo “o cônsul” da Hamburgo dos anos 1930.

A essa afirmação, acrescentam que, mesmo falando sobre acontecimentos que se passaram há quase sete décadas, alguns sobreviventes, hoje com mais de 85 anos de idade, narram a fuga da Alemanha para o Brasil. O documentário trará à tona a angústia, o horror da perseguição, o amargor pela perda de parentes no Holocausto e as dificuldades e alegrias do recomeço no Brasil.

Para as cineastas Adriana Jacobsen e Soraia Vilela, o longa-metragem passará a refletir, neste momento, sobre a memória e suas lacunas. Na busca por respostas exatas para questões relacionadas ao período, o filme explicita as dificuldades de se reconstruir de forma nítida um passado que muitos levaram uma vida tentando esquecer. No decorrer das informações contidas no texto das jornalistas, elas nomeiam o texto “O mau humor de Wotan”, como conto, quando relatam que a história da família de Hans-Helmut, é contada minuciosamente no “conto”, sendo aos poucos dissecada a cada visita que fizeram a Hamburgo. Note-se que as pesquisadoras nomeiam “O mau humor de Wotan” como conto.

Em uma outra abordagem, o estudo feito por João Batista Santiago Sobrinho, intitulado “O narrável da guerra e o inimigo objetivo, sob o céu de Hamburgo, em “O mau humor de

Wotan”<sup>190</sup>, de João Guimarães Rosa”, publicado em 2009, investiga o texto cujo gênero classifica como “conto”, abordando o âmbito das relações interpessoais entre soldados e compatriotas, os momentos que culminam na reação radical ao “inimigo objetivo”, conforme “conceituado” pela cientista política Hannah Arendt.

João Batista Sobrinho demonstra, em seu estudo, como Guimarães Rosa transforma plasticamente a barbárie da guerra em imagens uterinas. Levanta algumas questões que, conforme declara, estarão sempre no âmbito das relações humanas a saber: a obediência cega de uns e a liberdade aprisionada de outros; a improbidade, isto é, a ação de decidir sobre a vida de outrem; a diferença, para além dos uniformes e o legado da(s) morte(s) sob a promessa do horror; a diferença contra a hegemonia totalitária.

O pesquisador explica que o uniforme veste corpos, não pessoas. Já as pessoas se deixam ou não uniformizar-se, deixam-se ou não formatar-se. Hans-Helmut ignorou a história, a guerra e o horror, valendo-se de sua plasticidade. Achava que assim se manteria longe da barbárie.

Para Santiago Sobrinho, o texto infiltra, na realidade da guerra, mitos e lendas do imaginário alemão e utiliza como por exemplo as narrativas orais de João e Maria, coletadas por Jacob e Wilhelm, mais conhecida como irmãos Grimm, pois, no início do século XIX, eles se notabilizaram pelos registros de fábulas infantis.

O estilo rosiano, em “O mau humor de Wotan”, está, conforme análise desse estudioso, aparentemente mais realista se comparado a outras peças do escritor brasileiro, em virtude de seu aspecto auto biográfico. Entretanto, segundo sua análise, um olhar minucioso o verá inclinado para os mitos e mistérios escriturais que, peculiarmente caracterizam o texto de Guimarães Rosa.

O intérprete faz uma explanação do conto “O mau humor de Wotan”. Para ele, a personagem Hans-Helmut Heubel transforma-se em “inimigo objetivo”. Seguindo os estudos de Hannah Arendt, o inimigo objetivo é definido pela política do governo e não pelo desejo de derrubar o sistema. Nunca é um indivíduo cujos pensamentos perigosos tenham de ser provocados ou cujo passado justifique suspeitas, mas é um “portador de tendências”, como o portador de doenças.<sup>191</sup>

A interpretação de Santiago Sobrinho revela que o narrador parece dizer que a guerra, conforme percepção de Walter Benjamin, não traduz nenhuma experiência narrável: com a

<sup>190</sup> Disponível em: <http://www.ufpe.br/pgletras/Investigacoes/Volumes/Vol.22.N1/Investigacoes-Vol22-N1-artigo02-Joao-Batista-Santiago-Sobrinho.pdf>. Acesso em: 05.06.2010.

<sup>191</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 474.

guerra mundial, tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. “No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável.”<sup>192</sup>

O trabalho de Santiago Sobrinho encaminha, por fim, para a análise de que enviar Hans ao *front*, é concebê-lo como “inimigo objetivo”, pois sua reflexão está convicta de que seus “postulados” não seguem rígidas certezas, mas postam-se na tentativa de entender a aventura humana.

Em consonância com os estudos de Maria Aurinívea Sousa de Assis, na dissertação intitulada “Riobaldo e Aschenbach: Audazes Navegantes: Experiência de Travessia em Grande Sertão: veredas e em A morte em Veneza” (2009), observou-se a análise feita no tópico sobre “representação de guerra, reflexões sobre o homem” em dois textos que ela conceitua como crônicas, “O mau humor de Wotan” e “A velha”. Para a estudiosa, as duas crônicas apresentam o olhar perplexo de Guimarães Rosa cronista [como ela mesma nomeia], que conta do horror bélico arrancando das pessoas a esperança e a dignidade.

Para Maria Aurinívea de Assis<sup>193</sup>, Guimarães Rosa oferece ao leitor, no final da crônica, a mesma experiência de perplexidade na qual se vê imerso, não encontrando outra resposta sobre a estranha encruzilhada humana a não ser o silêncio. Nesta perspectiva, esta pesquisadora diz que a guerra representada nas narrativas do escritor brasileiro não se fixa meramente ao factual, mas problematiza, no plano da linguagem, o que foi feito do humano.

O professor Jaime Ginzburg,<sup>194</sup> em artigo intitulado “Guimarães Rosa e o terror total”, publicado em 2010, examina três textos que considera como contos: “O mau humor de Wotan”, “A senhora dos segredos” e “A velha”. São os chamados *contos alemães* que conforme pesquisa de Ginzburg são associados a componentes poucos discutidos da ficção rosiana utilizando para sua análise a categoria do testemunho.

Para Ginzburg, é possível ler elementos da ficção de João Guimarães Rosa, como configurações reflexivas, voltadas para impasses do processo histórico do século XX. O referido pesquisador esclarece que esse processo não se restringe aos acontecimentos internos do país, mas envolve fortemente conflitos internacionais, principalmente a tensão em torno da Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>192</sup> BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. In: *Obras Escolhidas*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 198.

<sup>193</sup> Disponível em [http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2129](http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2129). Acesso em 02.09.2010.

<sup>194</sup> Jaime Ginzburg. Disponível em: [sitemason.vanderbilt.edu/files/boHfgs/Ginzburg%20Jaime.doc](http://sitemason.vanderbilt.edu/files/boHfgs/Ginzburg%20Jaime.doc). Acesso em 09.09.2010.

Jaime Ginzburg tomando por base os estudos de Paulo Astor Soethe observa que o crítico sugere haver um componente autobiográfico nesses contos. Mas, para Ginzburg a vivência na Alemanha estaria indicada textualmente, porque em “A senhora dos segredos” e “A velha”, um narrador em primeira pessoa se apresentou como diplomata na Alemanha e que seria possível encontrar um *teor testemunhal*.

Essa observação, esclarece Ginzburg, permite pensar os três contos como situados em um ponto híbrido, difícil de submeter à classificação, em que a biografia se cruzaria com a ficção, e a história com a literatura. Com relação ao *teor testemunhal*, adotar essa terminologia implica em que a leitura dos textos deve ser articulada com categorias políticas e éticas.

Conforme leitura de Ginzburg, o crítico Paulo Astor Soethe, no ensaio intitulado “A imagem da Alemanha em Guimarães Rosa como retrato auto-irônico”, analisa três textos, os quais classifica como contos, a saber: “O mau humor de Wotan”, “A senhora dos segredos” e “A velha”, incluídos no livro *Ave, palavra* de 1970. Segundo a pesquisa de Ginzburg, a investigação Soethe versa sobre as relações entre Guimarães Rosa e a Alemanha no período que escritor brasileiro atuou como vice-consul em Hamburgo. O crítico Paulo Astor Soethe valoriza o texto “O mau humor de Wotan”, pois sua pesquisa enfatiza que o escritor brasileiro era contrário a questão anti-semita, daí propor sua interpretação como um texto pacifista e contrário ao nazismo.

É importante destacar, a pertinência da observação Jaime Ginzburg em relação aos componentes: autobiográfico, confessional e testemunhal. Analisa como componente autobiográfico a presença de um narrador em primeira pessoa que se apresenta como diplomata na Alemanha. Logo, a vivência, estaria indicada textualmente nos contos “A senhora dos segredos” e “A velha”. Componente confessional, seria o caso de admitir a hipótese de que Guimarães Rosa tenha de fato conhecido pessoas com os nomes das personagens dos três contos: Hans-Helmut, Angélica e Lene Speierova e isso remeteria diretamente ao campo factual.

O componente testemunhal é o mais discutido por Ginzburg. Segundo esse estudioso, admitindo a hipótese de que os três contos sejam caracterizados por um teor testemunhal, essa perspectiva analítica pode situar os textos como associados diretamente ao impacto da Segunda Guerra Mundial.

Assim, Ginzburg, pesquisando em outras fontes, aponta algumas das principais condições de elaboração da escrita do testemunho a saber: consiste em um discurso que se inscreve em um campo de conflito, está no debate de direitos civis; o texto opta pela

descontinuidade, e pela fragmentação da forma; busca dar voz àqueles que não puderam se manifestar, silenciados pelo discurso oficial e pela repressão; está constantemente associado a graus inaceitáveis de dor física, repressão e violência.

Para Jaime Ginzburg, os contos permitem formular a hipótese de que Guimarães Rosa tenha enfrentado situações difíceis como diplomata. Os três contos apresentam reflexões que remetem a problemas civis. Nos três relatos, o centro de interesse não está no núcleo do poder nazista, nem na descrição dos horrores a que foram submetidos, pois a história não se divide apenas entre os alemães e suas vítimas, mas dentre os próprios alemães o regime desperta medo e cria tensão.

Na tentativa de conceituar a crônica, alguns estudiosos mencionados no Capítulo I, deram sua contribuição e os cronistas, cujos nomes também estão elencados no primeiro capítulo, relataram suas experiências mas não conseguiram defini-la. Entretanto, ao contrário do modo como pensam os pesquisadores que fazem parte deste exame da recepção crítica pode-se admitir a hipótese de conceituar os quatro textos em análise como crônicas.

Para isso, elencaram-se alguns pontos importantes, que fazem o diferencial nas crônicas rosianas em análise. Iniciou-se com a hipótese de que o escritor Guimarães Rosa, contista por excelência, não escreveu a crônica de guerra por ser cronista, mas escreveu a crônica porque esteve em Hamburgo no período correspondente à Segunda Guerra Mundial. Para confirmar, buscou-se leitura em várias fontes, como livros, jornais, documentos, Internet, fotos, artigos, dissertações que comprovassem a estada do escritor na Alemanha.

As quatro crônicas oferecem para o leitor, a narrativa de fatos do cotidiano, da experiência do escritor em Hamburgo como diplomata, seu contato com as pessoas que se tornaram seus amigos; a apreciação da natureza, das ruas, animais, plantas, rios; a descrição dos momentos assustadores do caos que a Europa estava vivendo. Embora a dificuldade na compreensão das palavras, observou-se a leveza da crônica, pois os fatos são vistos sob a ótica da reflexão, transmitindo os contatos do mundo em que vivemos.

Pode-se considerar uma das conceituações de Afrânio Coutinho, apresentadas no capítulo inicial desta dissertação, quando aponta a crônica-informação, ou seja, aquela que divulga os fatos, tecendo sobre eles ligeiros comentários. Nas palavras de Guimarães Rosa, seu texto cronístico é despretencioso, ou seja, não se pretende literário, destina-se ao consumo diário.

Guimarães Rosa é um emérito retratista. Seu estilo resulta de sua íntima identificação com as personagens. O território da crônica rosiana não tem fronteiras, é um texto pessoal. Suas crônicas são depositárias ou testemunhas do acontecer. Como cronista, se desprende

ficcionalmente. Na reconstrução diária, multiplica a experiência sem destruir a memória. Aproximação muito mais acompanhada de perguntas que de respostas.

Resguardando elementos básicos da crônica, tais como, a função emotiva e referencial da linguagem — que expressam pensamentos e emoções sensíveis do cronista como homem que vive, sente e observa atentamente os fatos e espaços que o circundam —, o texto se desenvolve assumindo características peculiares da prosa poética. Recria o real por meio do adensamento da linguagem, da desautomatização da percepção e da singularização dos fatos narrados. Esses últimos — os fatos narrados — são retirados do real e assumem caráter textual inovador, metafórico e, acima de tudo, poético. É uma crônica histórica, pois está baseada em fatos reais.

As crônicas escritas por Guimarães Rosa abrem um conjunto de possibilidades que, ao relacionarmos com estudos de Jauss<sup>195</sup>, em sua primeira tese que trata da relação dialógica entre texto e leitor, entende-se que um texto nunca é monológico ou atemporal, pois sempre ocorrerá a atualização no ato da leitura, levando-se em conta que o caráter emancipatório da obra literária rompe os horizontes de expectativa do leitor, proporcionando a formação de um leitor crítico e reflexivo.

Na crônica “A senhora dos segredos” o narrador pergunta: “Haverá guerra?”. É a pergunta que atravessa décadas. Embora a senhora dos segredos não tenha respondido, a leitura se atualiza. Vive-se no século XXI, os escritos de Guimarães Rosa se ampliam nos dias de hoje. Guerras continuam em alguns países, de forma visível, com uso de armamentos bélicos de alta tecnologia sendo transmitidas pela mídia.

Se o leitor não tem o menor senso crítico, haverá de pensar, até por falta de conhecimento, que se no país onde mora não está ocorrendo lançamento de bombas, está tudo bem.

Para que ocorra a interpretação é preciso que a interação entre a tríade *autor-obra-leitor* seja efetivada no ato da leitura. Porém, o leitor real [ou empírico], ao se deparar com um texto, tem reações variáveis e dinâmicas, podendo tanto realizar uma leitura que vai ao encontro do leitor implícito [percebido com uma estrutura textual] ou recusar-se de entrar no jogo, fechar o livro e desistir da leitura.

Qualquer interação social, de modo geral, não pode prever nem descrever exatamente a experiência recebida por seus atuantes. De igual forma, na literatura é impossível saber qual e como cada leitor produz sentido a partir do texto. O ponto comum entre os leitores, enquanto

---

<sup>195</sup> JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994, p. 35-40.

seres humanos em exercício, é a própria existência, a realidade da vida e do mundo que os cerca. Em todo momento, a leitura exige a interpretação por parte do leitor a fim de suprir ou preencher os espaços vazios contidos no texto.

As crônicas de Guimarães Rosa são atuais porque suas questões são universais e polemizam com os problemas de outras épocas. Levando em consideração os termos estético-recepcionais, a crônica rosiana continua gerando novas perguntas ao horizonte de expectativa de cada época e, com isso atualizando o diálogo estético entre o texto literário e o leitor.

Pode-se notar que, a crônica é mais acessível ao leitor moderno do que ao público do período de 1947 a 1967, considerando a acessibilidade às informações e imagens projetadas pela internet. Recuperam-se essas crônicas num Arquivo Público, fotocopiadas, microfilmadas, gravadas em CD ou solicitando-as por email.

É possível verificar que a história narrada em “O mau humor de Wotan”, por exemplo, já está sendo transformada em matéria-prima, tema de documentário, um projeto artístico, em outra área da arte, como o filme “Outro Sertão” que já foi comentado anteriormente.

Essas leituras constituem a atualização estética das crônicas rosianas, pois concretizam novos significados e novas experiências.

Dialogando com as quatro crônicas em análise, a globalização, atual processo de expansão capitalista na sua fase mais recente está para o atual período científico — tecnológico do capitalismo, assim como o imperialismo esteve para o final da fase industrial e início da financeira. É uma expansão que pode dispensar força militar, enfim a guerra.

A invasão agora é mais sutil, é chamada *high-tech*.<sup>196</sup> Uma invasão de mercadorias, capitais, informações e pessoas. As novas armas são a eficiência a agilidade das comunicações e do controle de dados, através dos satélites; da informática; dos telefones fixos e móveis; dos boeings e airbus; dos super navios petroleiros e trens de alta velocidade. Reportando-se à pergunta do diplomata à senhora dos segredos: Haverá guerra?<sup>197</sup>

A guerra é travada na bolsa de valores, de mercadorias e de frutos em todas os mercados do mundo. As estratégias são formuladas nas grandes corporações, nas sedes dos grandes bancos, e etc. e influenciam vários países. A guerra convencional está cada vez mais sem necessidade. A guerra contemporânea é muito mais econômica, tendo como campo de batalha e mercado mundial altamente globalizado. A invasão atual pode ser feita de modo instantâneo

---

<sup>196</sup> Alta tecnologia

<sup>197</sup> ROSA, João Guimarães. “A senhora dos segredos”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 212.

através da Internet, Globex<sup>198</sup> ou Reuters Dealing.<sup>199</sup>

Um problema decorrente do conflito entre Norte x Sul é a migração em massa. Milhões de pessoas a cada ano têm emigrado, principalmente para a Europa Ocidental. Isto se deve ao aumento de desemprego, baixos salários, fome, que estão aliados ao crescimento populacional, além de conflitos e guerras nos países subdesenvolvidos.

Guimarães Rosa escreveu as crônicas em estudo, inicialmente para os jornais da época [1948, 1952, 1953, 1961] e posteriormente refundiu para *Ave, palavra* [obra póstuma], caracterizando com isto a despretensão com que apresentava esses textos.

Pode-se elaborar a hipótese de que as crônicas de guerra apresentadas em *Ave, palavra* escapam à definição de gênero enquanto um formato pré-determinado e caracterizado pela crítica e teoria literária. O não-reconhecimento textual imediato pelo leitor é a primeira passagem para entrar no jogo da literatura, ou seja, o estranhamento ou desfamiliarização causado pelo gênero literário (indefinido) apresentado.

Para isto é preciso lembrar que tal leitor deve ter um percurso de leituras (repertório ou enciclopédia de leitura) que o permita identificar as características de tradição e ruptura da obra em si e enquanto produto de um determinado contexto histórico e social.

Com relação à linguagem poética, a ruptura mais visível da obra de Guimarães Rosa é o “enfretamento” da palavra. Sua escrita é totalmente singular, madura e elaborada. A riqueza vocabular empregada torna mais densa as situações dramáticas da narrativa, revelando uma construção abundante em informações linguísticas, culturais, míticas, documentais, folclóricas, sociológicas dentre outras.

No plano metafísico, a linguagem intensifica a relação do homem com a natureza e sua relação com as instâncias de sua espiritualidade. A língua que Guimarães Rosa se utiliza vai além da convencional e dicionarizada. Ele empresta vocábulos de outras línguas, termos arcaicos, eruditos, técnicos, brasileirismos, formas populares e recria um espaço significativo no texto.

Em outras palavras, a novidade linguística pode desencadear reações (efeitos) ao leitor que culminam na entrada deste no jogo da leitura ou na desistência da mesma. O aspecto linguístico, no entanto, pode não ser um dos aspectos de maior relevância para determinada comunidade interpretativa, a saber, os leitores que se utilizam da mesma linguagem descrita no texto, porém, tal combinação meio a ficção torna-se singular experiência.

---

<sup>198</sup> Rede que interliga as bolsas de mercadoria e de futuros. Com ela se fazem negócios em todo mundo.

<sup>199</sup> Interliga as bolsas de valores em todo mundo, permitindo que milhões de negócios com ações sejam fechados em vários países ao mesmo tempo.

A crônica de Guimarães Rosa não suaviza a linguagem. O escritor mantém a sintaxe rebuscada, como inversões frequentes, vocabulário muito rico para significar que é variado, modulando sinônimos e palavras tão raras quanto soantes.

Em geral as crônicas escapam das regras literárias operando milagres de simplificação e naturalidade, entretanto as crônicas de Guimarães Rosa mantêm as regras literárias dele mesmo, num país de costuma identificar superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical.

A crônica de Guimarães Rosa preenche três condições essenciais: atualidade, oportunidade e difusão coletiva.

A atualidade das quatro crônicas de Guimarães Rosa em estudo está a constante presença da violência e da opressão, apresentada por uma ideologia bem arquitetada, revelam a miséria moral, ambição e decepção, enquadrando o senso de crueldade nos transe sangrentos e de repente a ternura e a leveza da alma.

O referido escritor é narrador cronista da guerra e da imposição cultural e não fica deslocado em nosso tempo excepcionalmente bruto e agressivo.

Mas não é certo que esses textos rosianos sejam ilegíveis, pelo contrário, procedem por serem um elemento de modernidade e racionalidade, pois a finalidade da crônica é analisar as circunstâncias de um fato e não concluí-lo, o desfecho é praticamente inexistente.

As crônicas de Guimarães Rosa: apelam à reflexão ou à inteligência crítica; ambiguidade; subjetividade; diálogo; estilo oral e literário, tema do cotidiano, despretensiosa, resiste ao livro; nas descrições destacam-se as marcas da oralidade. Constroem-se como uma narrativa oral, cujo ponto de partida é uma situação, fato real. O narrador vai lembrando a história com a preocupação de discutir os dramas humanos, expondo suas inquietações filosóficas.

A Estética da recepção, formulada por Hans Robert Jauss, fundamenta-se teoricamente no relativismo histórico e cultural. Jauss reflete sobre o impasse entre a história e a estética e propõe uma história da arte e da literatura fundada no princípio de que as análises literárias deveriam centralizar-se no que denominou de “terceiro estado”, o leitor, deixando para segundo plano o texto e o autor.

O prazer da leitura somente se efetivará quando for experiência estética, ou seja, quando levar o leitor a tomar certa atitude sobre a obra. Segundo Jauss, na experiência estética é desenvolvida a hierarquia da natureza estética em três atividades importantes,

complementares e simultâneas sendo: *poiesis*, *aisthesis*, e *katharsis*.<sup>200</sup>

A *poiesis* [momento de produção] — ocorre o preenchimento dos vazios do texto na interação do autor e leitor/receptor, correspondendo ao prazer de sentir-se co-autor da obra. A *aisthesis* [momento da recepção] — a obra causa um efeito sobre o leitor. Ela age sobre o leitor que reconhece os elementos apresentados transformando em uma nova percepção de mundo. A *katharsis* [comunicação] — experiência subjetiva. Primeiro tem-se a conquista do leitor depois provoca-lhe um choque, e como resultado de atitude, causa-lhe um sentimento forte diante da obra.

É um processo de identificação que transforma o expectador fazendo com que assuma novas maneiras de comportamento social, numa reflexão de ideias expostas anteriormente. Autor e obra estão relacionados num contexto da história no momento em que se dá a leitura.

Assim, sendo, também a hermenêutica literária comporta três etapas: *a compreensão*, *a interpretação* e *a aplicação*. Para Jauss, “a tarefa hermenêutica, fundada na *compreensão*, começa pela percepção estética”.<sup>201</sup> A *compreensão*, decorrente da percepção estética, é o ponto de partida do processo de leitura, composto de três momentos sucessivos. A fase seguinte é a leitura retrospectiva, quando se dá a *interpretação*. O terceiro momento é o da leitura histórica, que recupera a recepção de que a obra foi alvo ao longo do tempo, corresponde à etapa da *aplicação* que revela-se como parte do processo dialógico próprio da hermenêutica literária.

Sabe-se que os estudos de Jauss podem ser aplicados a qualquer texto, no entanto, para que não houvesse sugestionamento teórico em relação a interpretação, iniciou-se pela análise das crônicas e depois partiu-se para as considerações de Jauss.

---

<sup>200</sup> JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis. In: LIMA, Luis Costa (sel.). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 81.

<sup>201</sup> JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. p. 7-8.

## CONCLUSÃO

Os estudos desenvolvidos nos últimos anos permitem-nos afirmar que a crônica, por toda sua riqueza e contemporaneidade, seja pelos temas abordados, seja pela linguagem, constitui-se uma grande aliada na formação de leitores críticos.

Com o estudo teórico sobre o gênero, utilizando alguns autores da área, como Massaud Moisés (1978), Afrânio Coutinho (1997), Antonio Candido (1997) e Jorge de Sá (2005), foi possível traçar um histórico e alguns pontos que podem contribuir para a caracterização da crônica.

Estabeleceu-se um quadro demonstrativo, apresentando alguns cronistas e as características de suas crônicas, para ressaltar a importância de seus escritos. Sabe-se que hoje está cada vez mais difícil conceituar a crônica, num tempo em que parece não haver mais territórios, e sim apenas fronteiras que se ultrapassam a cada instante. Portanto, para desenvolver a análise dos textos rosianos, adotou-se o termo “crônica”.

As quatro crônicas de Guimarães Rosa, “O mau humor de Wotan”, “A senhora dos segredos”, “Homem, intentada viagem” e “A velha”, trazem informações históricas, geográficas, político-sociais, que atravessam décadas. Como disse Antonio Candido “Ler infatigavelmente o texto analisado é a regra de ouro do analista”.<sup>202</sup> Dessa forma, seguiu-se as orientações do experiente professor, pois foram necessárias infatigáveis leituras para compreender as crônicas rosianas.

No que concerne ao problema da classificação da crônica e na tentativa de entender melhor sobre este gênero, além das leituras de Massaud Moisés (1978), Afrânio Coutinho (1997), Antonio Candido (1997) e Jorge de Sá (2005), buscou-se a leitura das pesquisas desenvolvidos por Eneida Maria de Souza (2002/2009), Adriana Jacobsen e Soraia Vilela (2003), João Batista Santiago Sobrinho (2009), Maria Aurinévea Sousa de Assis (2009) e Jaime Ginzburg (2010). Esses pesquisadores não esclarecem seu posicionamento com relação aos termos utilizados [conto, crônica-conto, crônica], de forma muito clara, entretanto, observou-se que Eneida de Souza conceitua “O mau humor de Wotan”; “A senhora dos segredos”; “Homem, intentada viagem” e “A velha” como “crônicas-conto”, Maria Aurinévea Sousa nomeia “O mau humor de Wotan” e “A velha” como crônicas e Adriana Jacobsen, Soraia Vilela, Santiago Sobrinho e Jaime Ginzburg utilizam a terminologia “conto”, para os três textos “O mau humor de Wotan”, “A senhora dos segredos” e “A velha”.

---

<sup>202</sup> CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. São Paulo: Ática, 1989. Prefácio.

Ao que parece, a crônica continua causando certa polêmica no âmbito da crítica literária. Entre os autores há disparidades classificatórias e mediante essa grande possibilidade de caminhos, uma certeza lateja aos nossos olhos: a crônica é um gênero de considerável complexidade e hibridismo.

Eneida Maria de Souza (2002/2009) analisou os textos “O mau humor de Wotan”, “A senhora dos segredos”, “Homem, intentada viagem” e “A velha” partindo do princípio de que esses textos produzem o efeito biográfico por meio de registros de fatos reais, embora sejam construídos segundo parâmetros ficcionais, mas que também revestem-se tanto do aparato documental quanto fictício. Eneida de Sousa leva em consideração o teor testemunhal dos textos em análise.

Em outra abordagem Adriana Jacobsen e Soraia Vilela (2003) reconstroem um período pouco conhecido da biografia de Guimarães Rosa. Preparam um longa metragem intitulado *Outro sertão* que está relacionado com a crônica “O mau humor de Wotan”. Segundo as cineastas a reconstrução audiovisual detalhada é feita com material original e imagens atuais dos locais por onde Guimarães passou.

Santiago Sobrinho (2009) faz uma leitura do texto “O mau humor de Wotan”, abordando como Guimarães Rosa transforma plasticamente a barbárie da guerra em imagens uterinas e por fim, analisa que enviar Hans-Helmut à frente de guerra, é concebê-lo como “inimigo objetivo”, seguindo os estudos da cientista política Hannah Arendt.

Maria Aurínea de Assis (2009), em relação a “O mau humor de Wotan” e “A velha”, analisa os textos e conclui que a guerra representada nas narrativas de Guimarães Rosa não se fixa meramente ao factual, mas problematiza, no plano da linguagem, o que foi feito do humano.

A análise de Jaime Ginzburg sobre “O mau humor de Wotan”, “A senhora dos segredos” e “A velha” dá ênfase à categoria do testemunho. Toma por base os estudos de Paulo Astor Soethe que classifica os textos como “contos” e sugere haver um componente autobiográfico nesses textos, no entanto, para Ginzburg seria possível encontrar um *teor testemunhal*.

Das categorias discutidas nos estudos de Eneida Maria de Souza, Jaime Ginzburg e João Santiago Sobrinho a saber: testemunhal, autobiográfica, confessional, documental, observou-se que os três pesquisadores concordam com a mesma perspectiva analítica, em relação a categoria testemunhal, o que permite situar os textos como relacionados diretamente ao impacto da Segunda Guerra Mundial.

Conforme os estudos de Eneida Maria de Souza (2002/2009), Adriana Jacobsen e

Soraia Vilela (2003), João Batista Santiago Sobrinho (2009) e Jaime Ginzburg (2010), no que concerne ao teor biográfico, documental, confessional e testemunhal, formulou-se e confirmou-se a hipótese de que há nos textos em análise, um encontro de cada componente, que apesar de difícil classificação, constroem um texto sem fronteiras, não seguindo os parâmetros convencionais das classificações dos gêneros textuais.

O ponto de vista dos autores acima citados, são privilegiados, pois considerou-se o estudo desses pesquisadores um avanço na exploração das crônicas rosianas. Nessa perspectiva os autores contribuíram de forma relevante para o desenvolvimento dessa dissertação de mestrado.

A pesquisa que em parte se conclui, embasada nos estudos de outros pesquisadores, diferencia-se dos demais trabalhos, pois *a priori* apresentou-se algumas diferentes conceituações da crônica e depois um levantamento histórico cultural a partir das crônicas de Guimarães Rosa, levando-se em consideração que a obra deve ser privilegiada.

A crônica “O mau humor de Wotan” apresenta um quadro a mais, pois se apresentou a comparação entre alguns fragmentos do *Diário alemão* e da própria crônica, a fim de observar algumas semelhanças entre os textos. No quadro que mostra a beleza poética nas crônicas de Guimarães Rosa, constatou-se a riqueza de sua leitura e escrita, o que leva o leitor a um vasto mundo de pesquisa e de apreciação pelas crônicas rosianas.

Ao contrário do ponto de vista de cada pesquisador já mencionado, considera-se aqui a diferença entre o desenvolvimento do trabalho desta pesquisadora em relação à abordagem feita por Eneida Maria de Souza (2002/2009), Adriana Jacobsen e Soraia Vilela (2003), Santiago Sobrinho (2009), Maria Aurinívea (2009) e Jaime Ginzburg (2010).

O primeiro momento é uma leitura seguindo os pressupostos metodológicos de Jauss, no que diz respeito à tríade hermenêutica (a *percepção*, a *interpretação* e a *aplicação*). Na *percepção* mostram-se as primeiras impressões da leitura das crônicas, apresentando-as ao leitor, para que este se interaja com os textos.

Na segunda leitura dá-se a *interpretação*, em que se analisam as crônicas, no qual o referido tema é apreendido pelo leitor não só pela pesquisa de fontes citadas no texto, mas também pela poeticidade de Guimarães Rosa.

A última consideração é a *aplicação*, entendida como atualização do texto literário, é a fase da leitura que indica a experiência estética, conforme as considerações de Jauss, pois a aplicação, não se limita ao âmbito teórico, contudo possui uma aplicação no contexto prático da vida.

Outro aspecto que faz a diferença entre este estudo e os estudos dos pesquisadores

citados acima dá-se pela comparação entre os textos escritos nos jornais da época e os textos publicados postumamente no volume *Ave, palavra*, de 1970. Para isso utilizou-se material micro filmado cedido pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e da primeira edição do volume *Ave, palavra* cedido pela Biblioteca do Mestrado da UFPA e outras fontes como artigos, livros, dissertações, etc. A pesquisa nestes acervos contribuiu para a seleção e apresentação de textos desconhecidos ao público.

Das quatro crônicas, a que mais apresenta correções e acréscimos feitos pelo próprio autor é a crônica “O mau humor de Wotan”. É a primeira crônica, pela ordem cronológica (1948), a mais chamativa entre as outras que foram selecionadas.

Alguns pontos indicam o porquê da crônica “O mau humor de Wotan” ser a crônica mais rica em detalhes em relação às outras crônicas: primeiramente o enfoque para o contexto histórico relacionado à Segunda Guerra Mundial, fazendo um apanhado mais detalhado que retratam flagrantes do cotidiano, de ironia e humor. A crônica de Guimarães Rosa, pode-se dizer poliglota, pelo caráter heterogêneo que é ressaltado pelo seu tom multilíngue, ou seja, a presença de textos e expressões em alemão, francês, inglês, aramaico, além do português.

Assim como no Diário as anotações projetam-se para o mundo exterior, revelando um sujeito profundamente observador das pessoas, das paisagens e da cultura do mundo à sua volta. Aspecto plástico, sentencioso, a metáfora, só transmitem o seu sentido quando analisamos. Significa traduzir a crônica de Guimarães Rosa e para isso mergulhou-se em leitura atenta, valorizando o texto, perseguindo a obra, usando as forças da imaginação e o mais importante, ter o esclarecimento de certas palavras e expressões.

Além de ser um texto engajado em mostrar a face do caos e denunciar as atrocidades do terror da guerra, Guimarães Rosa preocupou-se em resgatar a cultura alemã. Apresentou-se neste estudo a comparação das crônicas com o Prólogo da obra “O anel dos Nibelungos” [*Der Ring des Nibelungen*] de Richard Wagner, bem como o caráter de testemunho presentes nas crônicas do escritor brasileiro.

A crônica “O mau humor de Wotan” cita nomes como o *Fuehrer* Adolf Hitler, Goebbels e Churchill que marcaram pelo exemplo de atitude autoritária e negativa no século XX, descreveu o caos pelo qual passou a Europa e o mundo, a destruição por causa dos bombardeios, os aviões, os alarmes, os toques de recolher, a fome, o frio intenso, as doenças, a morte, a dor da separação, no que diz respeito à angústia que vivem o casal Hans-Helmut Heubel e Márion Madsen, que representam as famílias que foram separadas pelo trato nazista, o ódio aos judeus mistura-se à vida pacata dos moradores.

É descrito em detalhes o clima, as paisagens, animais, vegetação, restaurantes, visitas a amigos, viagens à cidades alemãs e referências bíblicas. Porém, além do que foi exposto, a beleza da crônica, como já foi dito, está no resgate cultural, quando percebemos que o cronista aborda sobre a cultura grega, hebraica, judaica, no entanto a maior ênfase está em resgatar a cultura alemã.

O cronista evoca a filosofia e nomeia personagens e lugares da cultura de diferentes povos como Heráclito, Sófocles, Himeto, Olimpo, Parnaso, Teutos, Cimbro, e nomes de grandes escritores e compositores entre os quais Richard Wagner, Strauss e Goethe.

A hipótese formulada, no sentido de descobrir o porquê do título “O mau humor de Wotan”, foi confirmada quando leu-se o texto de Richard Wagner e a partir desta descoberta prosseguiu-se a análise da crônica mantendo-se o diálogo com a obra de Wagner. O escritor diplomata trabalha com acuidade nessas fronteiras de onde surgem atentas reflexões sobre as nuances da construção textual.

Já as crônicas “A senhora dos segredos”, “Homem, intentada viagem” e “A velha” não foram feitas tantas correções quanto na crônica “O mau humor de Wotan”. São crônicas mais curtas que também trazem como fundo histórico o período correspondente à Segunda Guerra Mundial. Apresentam histórias do cotidiano que envolvem pessoas tentando fugir do país em guerra. Constatou-se que são crônicas que completam a experiência vivida por Guimarães Rosa no período em que esteve em Hamburgo, como Cônsul Adjunto. A que menos sofreu mudanças foi “Homem, intentada viagem”, essa crônica apresenta-se basicamente tal qual está no jornal.

Há na crônica do referido escritor um evento importante, que ganha outra “dimensão” graças ao olhar subjetivo do autor. O leitor acompanha o acontecimento, como uma testemunha guiada pelo olhar do cronista que tem a pretensão de registrar de maneira pessoal o acontecimento. O autor dá ao fato uma perspectiva, que o transforma em fato singular e único.

Guimarães Rosa tem o poder de narrar e mostrar por meio da palavra um verdadeiro tratado etimológico e, sobretudo, literatura de consistência, que possibilite ao leitor a restituição da palavra enquanto elemento de instauração de mundos e, por extensão, de transformação social.

Guimarães Rosa experimentou a guerra de forma contundente. Com exceção de seu “Diário alemão” é possível que o Autor não tenha transmitido aos leitores, pelo viés literário, as vivências mais agudas relacionadas ao conflito. Pode-se dizer que elas ficaram caladas, como símbolo de um tempo em que o homem foi destituído da construção e da transmissão e

da experiência.

Analisar e escrever sobre as quatro crônicas selecionadas de João Guimarães Rosa pode ser uma tarefa árdua, em contrapartida, na prática sente-se o efeito sobre a reconstituição do horizonte de expectativa que determina como a obra foi recebida pelo leitor.

A obra de Guimarães Rosa tem-se mostrado um complexo projeto estético que lança através das décadas, novos desafios aos pesquisadores em Estudos Literários. A cada leitura, uma nova maneira de interpretação.

A unidade dessas quatro crônicas em análise está na homogeneidade do contexto histórico da Segunda Guerra Mundial, cuja imagem se gravara na memória do cronista com relevo extraordinário. Cenários onde a vida prossegue nos trilhos escavados por uma rotina secular, onde os sentimentos e as reações são de pessoas ligadas ao século XX, germinam, dentro da memória, amadurecem e frutificam confirmando a vitória do escritor dentro de um gênero tido como menor. O resgate histórico cultural foi fato marcante no estudo das quatro crônicas de Guimarães Rosa. Assim, o leitor será motivado à pesquisar e ampliar seus horizontes de expectativas, no que concerne a atualização da crônica rosiana.

Espera-se que fique evidente que pesquisar sobre crônica é ir além de personalidades literárias ou páginas envelhecidas de jornais. É debruçar-se sobre um fato, uma época, uma leitura subjetiva de mundo exteriorizada por um autor que “fala” com intimidade e liberdade ao seu leitor.

Desta forma, quer-se garantir que novos leitores de Guimarães Rosa possam também, a partir da leitura dessa dissertação, localizar as passagens referidas, participando integralmente da compreensão destes textos, estabelecendo novos diálogos.

## REFERÊNCIAS

### DE GUIMARÃES ROSA

- 1 ROSA, João Guimarães. O mau humor de Wotan. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 fev. 1948.
- 2 \_\_\_\_\_. A senhora dos segredos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 dez. 1952.
- 3 \_\_\_\_\_. Homem, intentada viagem. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 fev. 1961. (Publ. em *Ave, Palavra*).
- 4 \_\_\_\_\_. A velha. *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 jun. 1961.
- 5 \_\_\_\_\_. *Ave, Palavra*; nota introdutória de Paulo Rónai. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970. 274 p.
- 6 \_\_\_\_\_. *Ave, palavra*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 304 p.
- 7 \_\_\_\_\_. *Ave, palavra*. In: *Ficção Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 2.
- 8 \_\_\_\_\_. *Ave, palavra*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 384 p.

### SOBRE AVE, PALAVRA

- 9 BORGES, Maria Zélia. Azul espreitante, cor de céu destapdo. In: DUARTE, Lélia Parreira (org.). *Veredas de Rosa II*. Belo Horizonte: PUC/CESPUC, 2003. p. 518-524.
- 10 GINZBURG, Jaime. Guimarães Rosa e o terror total. Disponível em <[sitemason.vanderbilt.edu/files/boHfgs/Ginzburg%20Jaime.doc](http://sitemason.vanderbilt.edu/files/boHfgs/Ginzburg%20Jaime.doc)>.
- 11 MOUTINHO, José Geraldo Nogueira. *Ave, Palavra*. In: *A fonte e a forma*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 134-135.
- 12 OLIVEIRA, Luiz Claudio Vieira de. *Ave, palavra*. *Caligrama*, Belo Horizonte, n. 13, p. 139-153, dez. 2008.
- 13 RÓNAI, Paulo. Advertência da segunda edição. In: ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- 14 \_\_\_\_\_. Nota introdutória. In: ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. Sem paginação.
- 15 ROSSI, Érica Alves. *As poesias de Guimarães Rosa em Ave, Palavra: um caminho de leitura*. Araraquara, 2007. 171 p. Dissertação de Mestrado em Letras (Estudos Literários), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
- 16 SANTOS, Jussara. Sambas de amores dispersos: pequenas melodias amorosas compostas por João Guimarães Rosa e Mia Couto. In: DUARTE, Lélia Parreira *et alii* (org.). *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC/CESPUC, 2000. p. 332-336.
- 17 SILVA, Francis Paulina Lopes da. Poesia e alteridade em *Ave, palavra*. In: DUARTE, Lélia Parreira *et alii* (org.). *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC/CESPUC, 2000. p. 251-256.
- 18 SOUZA, Eneida Maria de. Crítica genética e crítica biográfica. *Patrimônia e Memória*, Assis, v. 4, n. 2, p. 137-146, jun. 2008.

### TEXTOS TEÓRICOS

19. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 253 p.
20. CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 24.
21. \_\_\_\_\_. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989. 223 p.
22. CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula, caderno de análise literária*. São Paulo: Ática,

1989. Prefácio.
23. COUTINHO, Afrânio. Ensaio e Crônica. In: *A literatura no Brasil*, 4. ed. rev. atual. — São Paulo: Global, 1997, v. 6, p. [inicial-final].
24. JAUSS, Hans Robert. *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção et al. ; coordenação e tradução de Luiz Costa Lima*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 213 p.
25. \_\_\_\_\_. *A Estética da Recepção: colocações gerais*. In: LIMA, Luiz Costa (sel.). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 43-61.
26. \_\_\_\_\_. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. 78 p.
27. \_\_\_\_\_. *O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis*. In: LIMA, Luis Costa (sel.). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 63-82.
28. MOISÉS, Massaud. *A criação literária — Prosa*. São Paulo: Cultrix, 1982. p. 245-258.
29. SÁ, Jorge de, *A crônica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005. 93 p.
30. ZILBERMAN, Regina. *A estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989. 124 p.

### TEXTOS CONSULTADOS

31. ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 562 p.
32. BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo Opinativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980, p. 66.
33. BRAVO!. São Paulo, n. 126, fev. 2008. p. 28-39.
34. HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras. 2009. 598 p.
35. LORENZ, Günter W. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. v. 6, p. 67.
36. MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O Léxico de Guimarães Rosa*. 3 ed. revisada. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo. 2008. 536 p.
37. MELO, José Marques. *A opinião do jornalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985, 118 p.
38. RÓNAI, Paulo. *Um gênero brasileiro: a crônica*. In: HOWER, Alfred; PRETO-RODAS, Richard (org.) *Crônicas Brasileiras*. Miami: University of Florida, 1971, p. 145-162.

### DICIONÁRIOS

39. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2120 p.
40. HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2922 p.

### BÍBLIA

41. BÍBLIA. Português. *A BÍBLIA SAGRADA*. Trad. João Ferreira de Almeida. rev. e atual. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. 830 p.

## ELETRÔNICOS

42. Disponível em <http://www.dicionariodoaurelio.com>. Acesso em 03.03.2010.
43. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Guimar%C3%A3es\\_Rosa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guimar%C3%A3es_Rosa). Acesso em 15/03/2010.
44. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0.EDG83045-6014-517-1,00-A+LISTA+DE+ARACY.html>. Acesso em 15.04.2010.
45. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Baden-Baden>. Acesso em 30.04.2010.
46. Disponível em: [http://pt.Wikipédia.org/wiki/Carl\\_Gustav\\_Jung](http://pt.Wikipédia.org/wiki/Carl_Gustav_Jung) . Acesso em 03/05/2010.
47. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Adolf\\_Hitler](http://pt.wikipedia.org/wiki/Adolf_Hitler). Acesso em 03/05/2010.
48. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Winston\\_Churchill](http://pt.wikipedia.org/wiki/Winston_Churchill). Acesso em 05.05.2010.
49. Disponível em: <http://www.iremar.com.br/nomes/index.php?q=hans#axzz1ABdRkmzf>. Acesso em 05.05.2010.
50. Disponível em: <http://www.osignificadodonome.com/significado-do-nome-helmut-66.html>. Acesso em 05.05.2010.
51. Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/nomes/m.htm>. Acesso em 05.05.2010.
52. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Epicurismo>. Acesso em 02.07.2010.
53. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Suevos>. Acesso em 23.12.2010.
54. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Götterdämmerung>. Acesso em 02.12.2010.
55. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%B6tterd%C3%A4mmerung>. Acesso em 02.12.2010.
56. Disponível em [http://www.saocarlos.pt/fotos/p\\_s\\_crepusculo\\_final.pdf](http://www.saocarlos.pt/fotos/p_s_crepusculo_final.pdf). Acesso em 02.12.2010
57. Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Joseph\\_Goebbels](http://en.wikipedia.org/wiki/Joseph_Goebbels). Acesso em: 30.10.2010.
58. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade\\_Livre\\_de\\_Danzig](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_Livre_de_Danzig). Acesso em 30.10.2010.
59. Disponível em [http://www.saocarlos.pt/fotos/p\\_s\\_crepusculo\\_final.pdf](http://www.saocarlos.pt/fotos/p_s_crepusculo_final.pdf). Acesso em 26.12.2010.
60. Disponível em <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Turíngia>. Acesso em 20.12.2010.
61. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/tripode/>. Acesso em 20.12.2010.
62. Disponível em <http://www.lenderbook.com/Gaia/index.asp>. Acesso em: 20.12.2010.
63. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Moreira\\_da\\_Silva](http://pt.wikipedia.org/wiki/Moreira_da_Silva). Acesso em 02.01.2011.
64. Disponível em [http://wapedia.mobi/pt/James\\_Fenimore\\_Cooper](http://wapedia.mobi/pt/James_Fenimore_Cooper). Acesso em 02.01.2011. 62
65. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Hamburg\\_S%C3%BCd](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hamburg_S%C3%BCd). Acesso em 05.06.2010.
66. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/poslit/08\\_publicacoes\\_pgs/Eixo%20e%20a%20Roda%2018,%20n2/02-Roniere.pdf](http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Eixo%20e%20a%20Roda%2018,%20n2/02-Roniere.pdf). Acesso em 05.10.2010.
68. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/poslit/08\\_publicacoes\\_pgs/Eixo%20e%20a%20Roda%2018,%20n2/02-Roniere.pdf](http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Eixo%20e%20a%20Roda%2018,%20n2/02-Roniere.pdf). Acesso em 05.10.2010.

# **ANEXOS**

## ANEXO 1

ROSA, João Guimarães. O mau humor de Wotan. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 fev. 1948. 2.<sup>a</sup> Seção, p. 1.

### O MAU HUMOR DE WOTAN

Hans-Helmut Heubel lia Emerson o Prentico Mulford e cria num destino plástico e minucioso, produzido pelo homem. Com saudade, por isso me empenho em remontar à causa ou série de causas que me trouxeram a conhecê-lo. E recuo até Márion.

Márion Madsen, gentil mistura de origens — alemã, dinamarquesa e belga — foi vagamente minha namorada, durante um dia, à beira do Alster, em 1938. Amadureciam os morangos, floriam os castanheiros, e já se falava com ira na Inglaterra, por causa da Tchecoslováquia. Mas os casais remavam seus barquinhos para debaixo dos salgueiros, ficavam por lá longo tempo, escondidos, e só saíam para vir se encostar no cais da Uhlenhorster-Faerhaus, onde garçons de blusa branca serviam-lhes *Apfelsaft* e sorvetes, enquanto a orquestra, ao ar livre, absolvía Wagner e Strauss. Mesmo assim, Márion, que era louca como giesta e vestia *tailleur* de um azul só visto em asas de borboletas, hesitava em ceder primaverilmente às facilidades do amor.

— “Quero casar e ter muitos filhos...” — repetia.

— Para agradar ao *Fuehrer*, Márionchen?

Por mais graciosa que fôsse, seus olhos tomavam seriedade demasiado funda. Levou um minuto para responder, e divagou, ainda assim:

— O *Fuehrer* não tem tempo para amar. O *Fuehrer* consagrou-se à política...

Não podia insistir. Márion furtava a mirada e tornou a falar em casamento. E casou-se, mais de um ano depois, quinze dias, talvez, antes da invasão da Polônia. Passou a ser *Frau* Heubel, mulher de Hans-Helmut. Desse modo, por um frusto namoro e pela pura camaradagem de depois, foi que vim a conhecer um meu amigo, pode bem ser que o amigo melhor que a Europa me proporcionou.

Eles conseguiram do *Finanzamt* algumas divisas, e ganharam também a permissão de transpor a fronteira. Foram para lua-de-mel em Bruxelas, onde Heubel tinha um tio. Estavam em paz por lá, durante Mlawa, durante Kutno e durante a destruição de Varsóvia. E nisso houve qualquer lógica misteriosa, porquanto Hans-Helmut seria o menos belicoso dos homens, nada marcial, bem pouco germânico, a não ser pelo amor a ordem e no trabalho contínuo, pela profundidade nebulosa no encarar a vida e o pausado método de existir.

Nos gostos, porém, animavam-no sutilezas de latino, de preferência ao sólido, escolhia sempre o leve, o bonito; aconselhava Márion a maquilar-se; e como tradição, sempre que podia baixava à Itália amada de Goethe, para comer bem e fazer esportes de inverno, entre a mulheres mais famosas do mundo em Cortina d’Ampezzo.

Quando voltaram a Hamburgo, a Polônia estava vencida: Falava-se na paz, o povo desejava a paz, e Hitler, pairando em Berchtesgaden, intuicionava sua paz poderosa.

Hans-Helmut apresentou-se, mas não o recrutaram: deram que aguardasse convocação. Na verdade a sorte trabalhava com ele e bem que ele merecia, a mais de cultivar a correção íntima e o otimismo independente e absoluto — instrumentos que põem a rodar em favor de alguém o límpido destino dirigido.

Por todo o outono estávamos sempre juntos, e várias eram as nossas conversas. Meu amigo tinha sensata curiosidade por tudo o que do Brasil, e eu opinava que ele devia emigrar para cá, depois da guerra, para ser dono de pequena fábrica de qualquer coisa, de bebidas, por exemplo. Então pedíamos outro *schnap* e outra cerveja. E entrávamos pelos grandes assuntos internacionais. A derradeira amiguinha de Hans Helmut tinha sido uma judia, e, pelo dito, ele

não simpatizava muito com o Partido. Mas Márion, ariana, patriota e principalmente cheia de prudência, tentava trazê-lo aos poucos à linha de *heil Hitler* mais sonoro. Minha aliada em tudo isso era *Frau* Madsen, a mãe de Márion, que me fazia repetir, semanas seguidas, cada último discurso de Churchill. Lutava-se sinuosa e intensamente, como anjos e demônios pela posse de uma alma, nos amáveis serões em que jogávamos o *skat* ou brincávamos de adivinhações inocentes.

Por contra, Hans-Helmut depressa converteu Márion à sua essencial filosofia. Dessa maneira, ela menos se acabrunhou, quando o chamaram enfim à farda, em dias de dezembro.

— “Nada de mal lhe acontecerá...” — afirmava, sacudindo para os lados a cabecinha loira e sorrindo os olhos densamente azuis. E foi despreocupado que Hans-Helmut partiu, envergando o *feldgrau* plantado nas grandes botas de campanha; só com uma sombra de saudade prévia, naturalmente.

Lembrem-se, o inverno de 1939-1940 foi duro. Patinando em cima do Alster gelado, Márion contava-nos notícias do marido. Não, não era a vida cômoda, no Munsterlager, no acampamento de Munster. Metade da tropa adoecia pneumonia ou gripe, enquanto o resto se adestrava suando e se arrastando na neve, durante horas, a 30° sob zero, no chão da velha charneca de Lueneburg.

Mas Hans-Helmut se colocara bem, por poder único de sua boa estrêla: fora distribuído ao Estado-Maior da Divisão, onde dobrava as funções de datilógrafo e *chauffeur*. Escapara assim ao rigor do *drill* prussiano, e ganhara maior números de fichas de probabilidade, para sair vivo do comprido da guerra, com suas perigosas estropaças.

Alegrou-me saber isso, porque Heubel era míope e mediocrementemente robusto, com lentes grossas, sem físico para batalhas e balonetas. No escritório, sim, agradava imaginá-lo, sua prezada silhueta metafísico-mercantil. Porque, cada vez que com ele me avistava, acudia-me mais viva que nunca a palavra “burguês”, sublimada e prestigiada, no que seu sentido abrange de menos obtuso.

Mas passou o frio, passou o inverno, passaram pela Lombardsbruecke trens com soldados, passaram os dias agudos de Olso, Narvik e Lillehammer. Às vezes, mesmo Márion sabia de nada. Só que Hans-Helmut certamente estaria vivo, com saudade e saúde. E que não esteve na Noruega, esteve na França. Depois de *blitz* e armistício, tivemos carta dele.

Achava-se aboletado perto de Chantilly, num castelo, onde havia um parque ameno e infindáveis vinhos, em adega soberana. Eram cartas vagarosas e pacíficas, cheias, inclusive, de um crescente amor pela França. Comecei a aceitar aquela tese: Hans Helmut não dava em seu coração o menor pouso à guerra, mesmo estando assim no meio dela, e por isso o destino o suspendia fora da guerra não dava em seu coração, o menor pouso à guerra.

Quem irá, porém, esmiuçar o grão de areia gerador, no seio de uma montanha, ou descobrir num esquema o nó causal, no cruzamento dos fios, dos milhões de fios que fiam as Nornas?

Porque todo minuto poderia ser uma origem, cada instante uma encruzilhada.

Talvez, por exemplo, aquele momento em que Márion foi apresentada a Annelise. Mais difícil, todavia, seria pesquisar por que escondidos caminhos teve Márion de vir a ser apresentada a Annelise. E, no entanto, tudo deve ter-se produzido, de início, descuidada ou insabidamente, no pensamento de Heubel — para ficarmos fiéis à sua crença pia.

Annelise era tão loira quanto Márion, era mulher do Capitão K., também na França, também em Chantilly, também na 117ª Divisão. As duas se fizeram amigas; cartas vindo e indo, igualmente Hans-Helmut e o capitão K. fizeram-se amigos. Eram, pois não, da mesma idade, as esposas tinham querido a fraternização, e mesmo isso não era incomum, nos exércitos do Terceiro Reich.] Mas, pois, [E, pois,]decorreu que a 117ª Divisão retornou a Hamburgo, para casernar, enquanto nós, nós outros, chorávamos ainda a queda da França e a *Luftwaffe* quebrava o seu martelo na bigorna inglesa.

Hans-Helmut voltou melhor, corado, mais gordo. O uniforme sentava-lhe bem, realçando o ar ligeiramente bovino ou bezerril, que me fazia gostar mais dele. Além dos presentes de Márion, tinha trazido um corte de pano para smoking, um corte de pano para smoking e dúzia de garrafas do bom borgonha. Trazia também a França. Sim, requintara-se, em várias coisas.

— “*Les Français, vous savez... Tja, die Franzosen...* Sabem beber, inventaram essa arte... Um cálice, antes do jantar, *l'apéro, un verre...* O conhaque, à noite: *Encore une fine! Pà'asit, ma p'tite!*” — tocava copo com Márion. — “*Tu es pas mal... Je t'aime...*”

Contava, como em Paris, duas mulheres, muito elegante, tinham-no convidado para uma hora de intimidade, e mesmo as duas?]

— “*Doch!...* Acendi um cigarro, *nongschalaantmantt...* E respondi: — *Oon leh vverrá... Oh, douce France!*”

Márion sorria, segura do marido, da sua estricte fidelidade nórdica. Os dois se namoravam, bem nos quinze anos. Mas alguém perguntou: — “*E a guerra?*”

Heubel endireitou o busto e alisou devagar o pano da túnica, repentinamente sério.

— A nossa Divisão vinha na retaguarda... No caminho quase não tinha havido combates...

Por fim, sorriu, e pimpou um dedo na ponta do nariz, remexendo os lábios num trejeito engraçado. E terminou:

— Ora, eu, da guerra, vi apenas uns cavalos e cachorros mortos, felizmente...

Nunca o notara mais honesto, desvincado. Nunca o notara tão desoprimido tão confiado Resumindo em nada sua experiência guerreira, negava a realidade da guerra, fiel ao sentir certo e à disciplina do pensamento. Tornou ao copo, beijou a mão de Márion, e repetiu aquilo de corpos animais, num tom medido, do modo com que falam os lentos hanseatas.

— “*Da guerra, mesmo, avistei só uns cavalos mortos, e cachorros, felizmente...*”

Era um nenhum relato, dito de acurtar conversa. Contudo, tomara força e forma: solta, concisa, fácil para guardada; e ficara assim coisa: que nem uma moedinha de dez *pfennig*, um palito, um barão. Nenhum de nós porém pensava nisso. Recordo, o borgonha cheirava a cravo, tinha gosto de avelãs, de saliva de mulher amada. E a rádio de Breslau enviava-nos cançãozinha:

... “*Ach Elslein, liebes Elselein,  
wie gern war ich bei dir!*”

Hans-Helmut trabalhava com o pai, proprietário em Halstembek de um viveiro de plantas, e, como interessava aos alemães o reflorestamento, não lhe foi de muito obter um u.k. — licença de desmobilização temporária. Passamos a nos encontrar com [7] mais frequência. Amistosos, discutimos. Ele abria argumentação justa e desconsolada, lógica tranqüila: — “Sul-americano, você deseja a vitória dos países conservadores. Mas, nós, alemães, mesmo padecendo o Nazismo, como podemos querer a derrota? Que fazer?”

Eu buscava contra Hitler um *mane-téquel-fares*, a catástrofe final dos raivados devastadores. Mas, a seguir, calava-me, com o meu amigo a citar Goebbels, o sinistro e astuto, que induzia a Alemanha, de fora a fundo, com a mesma inteligência miasmática, solta, inumana, com que Logge, o deus do fogo, instigava os senhores do Walhalla, no prólogo dos Nibelungen.

Também findara o borgonha, bebia-se do mosela. Zuniam nas noites os aviões da RAF, entre sustos e estampidos. Desfolhavam-se as túlias da Glockengiesserwall, os olmos da rua Heimhuder. E vinha-se para fim do outono, com tristeza e o escuro, como se descendo por subterrâneo.

E ora porém, pois, conforme, os maiores dias vão assim no comum, sem avisações; a

não ser quando tudo pode ser conferido, depois. Márion disse:

— “Jantamos amanhã com Annelise e o marido.”

— “*Ach so,*” — entredisse Heubel — “vamos à casa do Capitão K., meu amigo.”

Soube, mais, que com o casal K. morava o Dr. Schw., sogro, médico retirado, que gostava de cursar conferências sobre quaisquer temas. Daí, aí, gravei ainda que Márion e a capitãzinha continuavam a avistar-se, nessa pausa da guerra. E, outro-tudo que a tanto se prendesse, foi falado longe dos meus ouvidos, ocupados, ali e aqui, a apanhar outras conversas.

— “Ah, se ao menos até o Natal acabasse esta guerra!” — clamava-se, longe das presenças da Gestapo. — “Ah” — rogava Márion — “esta guerra acabasse!”

Mas dizia e esplendia, ostensiva, preparando as roupinhas do bebê.

Notem: antes do Natal, a mão do *fatum* volveu a Heubel, num meio gesto: foi ele chamado de novo às filas, para o acampamento de Münster, onde veteranos infantis voltaram a aprender, de a a z, dia sobre dia, as partes de todo combater.

— “Nosso Hans-Helmut continua guiando automóveis e dactilografando?”

— “Oh, sim, sim, sim...” — Márion se bendizia, olhos de ver anjos no ar, o ventre manso e tanto se arredondando.

Pelo inverno, fora o regelo e frimas, tudo era o ruim vento de leste e aquela rotina da guerra. Vi Márion menos vezes. [8] Aconteceu, raro também, que Hans-Helmut viesse a Hamburgo, por breves licenças. Delas, uma para conhecer o filho — Déty, preclaro, ridor, tão gorduchinho — chegado, como via geral os meninos, guardando ainda o exser de algum país de idade.

Seguindo assim, seja, semanas, roncavam mais estragadores os bombardeios do ar. Na penumbra do grande hall da Hauptbahnhof, maior era a muda procissão dos soldados que des-embarcavam. Inge, moça vizinha, encomendou ao namorado dúzia de prendas búlgaras. Olhávamos para os Balcãs. Mas, entre o jornal e o rádio, crescendo os dias, todos penávamos de pensar em abril, como se suas primeiras flores já vindo envenenadas.

Por azo, em noite menos fria, foi que me encontrei com Márion e a mãe, no teatro. Estava fina e radiante. — “Viajo amanhã. Vou vê-lo...” — pois. — “Vai despedir-se. A Divisão de Hans-Helmut move-se para outra parte...” — informou *Frau* Madsen, quase ao meu ouvido, tal a poupar o supérfluo sofrer arranhado pelas palavras.

Apressei num cartão duas linhas para meu amigo, e entrei a revocar assunto, dando ainda como firme infalível a suposta invulnerabilidade de Heubel. Depois, como a peça era viva e diferente do tempo, um pouco nos alegramos.

No Outro intervalo não me admirei de ver, distante, Annelise. Estava com um senhor de idade, e expediu a Márion aceno e sorriso. — “É o pai?” — conferi. — “Sim, o Dr. Schw. Seco, *unsympathisch?*” — concedeu Márion, para sua groselha. Nem isso, nem melhor — achei, com meu sanduíche de enguia defumada. Observando-o, que para nosso lado não olhava: externo, espesso, sem feitio nem aura.

Márion falava do marido, dela, do filho. *Frau* Madsen implorava-me, recados de Londres. Despedi-me e caminhei, aproveitando a lua. Na estação de Dammtor, um trem sem fim atravessava a noite, comboio militar, canhões e tropa, rodando para o Sul, vindo da Dinamarca.

Enquanto a aguardar o alarma aéreo, eu costumava ouvir as corujas — huhuuuuu — um ululo; não instavam agouro, imitavam apenas o vento nos arames da rua. Com a neve e o luar, podiam-se distinguir, empoleiradas nas árvores. E, aurantemente, tristonhamente, tinha-se de pensar nas antigas baladas, em que sempre vem um cavaleiro, solitário através de florestas, ou um conde palatino ou margrave transpondo o Reno e tocando tom de luto na trompa de caça. Depois, adormeci, sonhando a dor das separações e os rouxinóis dos *lieder*. E as horas, abrolhosas, que a guerra diante de nós suspendia.

[9] Porém, nos dias, que propor ou adivinhar, se Márion mesma não disse tudo? Tão ainda dissesse, onde ao menos ajudá-los? O destino flui, o homem flutua. Nem mais irrogável e pesado há, que uma sombra.

— “Sabe, foi bom... Passamos a noite numa casa de camponeses, tudo tão certo, tão pobre... Levei vinho, farnel, jantamos. De manhã, oh, decerto nem achei triste a nossa despedida. Choramos...”

— Para onde o mandaram, Marionzinha? Pode você confiar isso a um “estrangeiro inamistoso”?

— “Que sei, que sei? — esta guerra não acaba!

— Ele voltará bravo e bom, Márion.

— “Mas, voltar, demora... Sinto que vou sofrer muitos dias, depois muitos dias, depois muitos dias... Sofrer no sangue, sofrer no sonho... Tenho de tremer de sofrimento...”

De remate, turvaram-se seus olhos.

— “Nisso, não quero pensar, não devia dizer a ninguém... Mas, você crê, de verdade, em sorte e estrela?”

— Hans-Helmut, Márion, acredita.

— “Ah, pergunto: você — acredita?”

— Por que não? A fé e as montanhas...

— “Nem sei se está sendo sincero. Mas disse: Hans-Helmut e...”

— Seu crer o salva Márion...

— “Meu amigo — sem querer, você aflige-me...”

— Mas, hem...

— “Eu não devia falar, pensar... Desta vez, ele partiu acabrunhado, profundo, sei que sem segurança. E sim... Temo que tenha *medo*...”

— Momentos de depressão contam pouco, ele permanece... — “Não digo. Seu rosto era outro, você visse. Meu amigo, tem de ajudar-me, mandar-lhe cartas animadoras, muitas... Minha mãe e eu vamos rezar, de joelhos, noites inteiras, tudo vale! Não choro. Ah, marque o endereço: Feldpostnummer 16962 D, apenas.”

Vale, você intrépida pequena Márion, em seu apartamento da Hahnemannstrasse e entre berço e retrato, vocês três. Ora estronda a guerra, para lá do Danúbio: bombas massacram Belgrado. “... *Prinz Eugen, der edle Ritter*...” — clangoram históricas fanfarras, alto-falando os sucessos especiais. Tratemos de Heráclito, de Sófocles — arre ondeia a suástica sobre Himeto, Olimpo e Parnasso — detém ninguém o correr dos carros couraçados. Vem os soldados cruzam-se com o regresso de [10] andorinhas e cegonhas. Já se combatia em Creta. Mas, sob canhões e aviões, o incerto velho oceano, roxo mar dos deuses, talassava, talassava... E, do fundo de longas batalhas, tinia o telefone, trazendo-me voz aquecida:

— “Sou eu, Márion, recebi carta, leio! Você pensa... Teve também um cartão? Mas, diz quase nada! Fala numa cidade mediantemente grande, pastores com a gugla, camponesas de largos aventais floridos... Dá o movimento do porto, as plantações de cucuruza... Sim, tenta dizer-nos que está na Romênia... Em Constanza, você acha? Ah, tudo continuará bem, *oh ia, ho ia*, Deus a o proteger... Deixe, não, de responder logo, obrigada. Precisamos de ajuda...”

Sim, todos nós. *Los! Vorwaerts!* Milhões, de vez, penetram no Leste — rasgam a Rússia — máquinas de combate rolam através da estepe, como formigas selvagens. Porém diante, um duro defensor morria matando, ou se abriam só ruínas e o caos da destruição, como no segundo versículo: a terra mal criada — despejada e monstruosa — *tôhu-vabôhu*.

E correm conquistas, entrou outubro, multidões vão caindo. Márion, tenho novidade... De setembro, 18. Outro cartão, a lápis:

“... *E o pior é ter de avançar, dias inteiros, pela planície que nunca termina. Meus olhos já estão cansados. Raramente enxergo um trigal, choupanas. Chove, e a lama é*

*aferrada, árdua, O russo se retrai com tal rapidez, que nunca os vemos. Quando você estiver com Márion, diga-lhe que nela penso todo o tempo, e no menino...*”

Longo o rumo dos horizontes, o barro negro da Ucrânia, pássaros de bandos revoando o incêndio de searas, e um coração de amante a contrair-se, grande como a paisagem sármata e a desolação sagrada da ausência.

“*Meu caro Hans-Helmut, — veio, faz três dias, teu cartão. Márion pediu-me, quer cada linha de ti...*” Difícil é ter e inculcar uma confiança, quando em volta só se pensam imagens de temor e sofrimento... *Márion e eu esperamos conserves tua consciente crença. Márion...*”

— Alô? Sim, é Márion... Pode vir ver-me? Minha mãe está no Harz, meu sogro em Halsternbeck... Venha, é terrível...”

Decerto. Só um lance poderia recortar-se assim, e esperadas palavras expliquem tal palidez, os olhos aumentados.

— “Você veio. Obrigada...”

— Que é, Márion, carta?

— “As que o correio devolveu: o *“empfaenger unerreichbar”*...”

[11] — “Destinatário inalcançável”... “Decerto não localizadas as unidades, no tumulto da ofensiva...”

— Não, a organização é implacável perfeita. Tenho só esperança: Hans-Helmut prisioneiro... Se não, se... Mas, então tudo está perdido?

— Mas, mal, Marion...

— “Estou comportada. Chorei, toda a manhã.”

— Você não chorou bastante...

“Não, é que agora tudo se quietou. Posso pousar no sofrimento. Ah: o ódio de Kriemhilde a Hagen... neste mundo de altos monstros!”

— Quem, bem, Márion?

— “Tem você lembrança de quando Hans-Helmut e eu estivemos com os K.!? Deus devia antes ter-me partido três ossos!... Você sabe, o Dr. Schw., pai de Annelise? Veja um homem crasso, persuadido, sem grão de alma. Vivendo de cor os conceitos: glória, o que mal sei, mais-pátria e raça... os desses. Discursam, pisando na mão de uma criança...”

— É o outro, o capitão?

— “Perdoe-me, conto. Propriamente, tudo e nada. Descrevia aquele as tantas façanhas da Wehrmacht, na França, na Bélgica. Annelise e o pai escutavam, em momentos o Dr. Schw., às doutrinas, com intercalações. Meu Hans-Helmut! ... Tendo-me ao lado, se mostrava feliz, ingênuo. Ao café, o doutor quis, não menos, suas narrações de campanha. Ah, e não lhe fiz sinal, não lhe tapei a boca!...”

— Hans-Helmut?

— “Sorria, para mim, fumava seu charuto... *“Ora, eu, da guerra, só vi uns cachorros e cavalos, mortos, felizmente...*” — foi disse. Vendo você o rolado olhar do Dr. Schwartz; daí, cerrou-se em emburro e carranca. Seu desdém era rancor, demonstrativo. Turvou-se e gelou-se, lá, de nada a boa-vontade de Annelise. A seguir, quase, saímos...”

— E, desde...

— Dali a meia semana, Hans-Helmut reconvocato. Causal? Ao apresentar-se, avisaram-no: não continuava em Estado-Maior, sim na tropa. Teria urdido o quê, o capitão K.? Pois transferia-se Hans-Helmut à companhia sob comando dele, assim. Pensamos ainda isso a seu favor... Sabe como o capitão o viu? — “Aqui não haverá espécie de intimidade, tibieza, epicurismos!” — repelente, vexante.

— Sem treinamento, desjeitado para o exército, aguerridíssima! E no momento de ofensiva, à vanguarda... Por que você não tentou, Márion, não foi a Annelise?

— “Se fiz! Tive de com ela romper, quando também desprezou-me... Andamos depois a outros, nulos recursos. E era o que oprimia Hans-Helmut: não o medo, o risco, ânsia de livrar-se. Só horror enorme à maldade... Assim puderam matá-lo — primeiro, nele, alguma coisa... Mas, não! diga, diga, então...”

Ele, Márion. Não voltará; não o veremos. Veio a exata fórmula, papel tarjado. Hans-Helmut Heubel passou, durante um assalto, e deram-lhe ao corpo a cruz-de-ferro. Seus traços ficarão em chão, ali onde teve de caber no grande fenômeno, para lá do Dnieper, nas estepes de Nogai. Ninguém fale, porém, que ele mais não existe, nem que seja inútil hipótese sua concepção do destino e da vida. Ou que um dia não venham a ser “*bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra*”.

## ANEXO 2

ROSA, João Guimarães. *Ave, Palavra*; nota introdutória de Paulo Rónai. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. 274 p.

### [3] O MAU HUMOR DE WOTAN

Hans-Helmut Heubel relia a Cabala ou a Bíblia e cria num destino plástico e minucioso, retocável pelo homem. Por saudade, com isso me ponho em remontar à causa ou série de causas que me trouxeram a conhecê-lo. E retorno a Márion.

Márion Madsen, gentil afino de origens — alemã, dinamarquesa e belga — foi rapidamente quase minha namorada, durante um dia, à beira do Alster, em 1938. Maduros os morangos, tendo flor os castanheiros, já se falava com ira na Inglaterra, por causa da Tchecoslováquia. Mas os jovens casais remavam seus barcos para debaixo dos salgueiros-chorões, paravam por lá escondido tempo, só saíam para se encostar no cais da Uhlenhorster-Faerhaus, onde garçons de blusa branca serviam-lhes sucos de maçãs e sorvetes, enquanto a orquestra, ao livre, solvia Wagner e Strauss. Mesmo assim, Márion, loura entre canário e giesta e mais num *tailleur* de azul só visto em asas de borboletas, hesitava em ceder primaverazmente às gratidões do amor.

— “Vou-me casar e ter filhos...” — prometia.

— Para obedecer ao *Fuehrer*, Márionchen?

Tão graciosa que fosse, os olhos pegavam seriedade gris demais. Levou minuto para responder, e dava:

— “O *Fuehrer* não encontra tempo para amar... O *Fuehrer* sagrou-se à política...”

Não se podia insistir. Márion furtava a mirada, e tornou a mencionar casamento. Casou-se, dali a mais de ano, quinze dias talvez antes do ataque à Polônia. Passou a ser *Frau* Heubel, mulher de Hans-Helmut. Do modo, por falho namoro e pela forte camaradagem seguinte, vim a conhecer um meu amigo, que a Europa me descobriu.

Conseguiram eles do *Finanzamt* algumas divisas, e foram para lua-de-mel em Bruxelas. Estavam em paz por lá, durante Mlawa, durante Kutno e a destruição de Varsóvia. E nisso houve qualquer lógica recerta, porquanto Hans-Helmut formara-se o menos belicoso dos homens, nada marcial, bem mesmo nem germânico, a não ser pelo estimar a ordem em trabalho contínuo, [4] mais uma profundidade nebulosa no indagar a vida e o pausado método de existir.

Nos gostos, porém, tocavam-no subtilidades de latino: de preferência ao sólido, escolhia o leve e lépido, o bonito; aconselhava Márion a maquilar-se; e, sempre que vez, como tradição, baixava à Itália amada de Goethe, de Teutos e Cimbros, para comer melhor e tentar esportes de inverno, entre as mais formosas mulheres do mundo, em Cortina d’Ampezzo.

Ao voltarem a Hamburgo, a Polônia estava finda. Falava-se na paz, o povo sonhava paz, e Hitler, pairando em Berchtesgaden, intuicionava sua paz forçosa.

Hans-Helmut apresentou-se, mas não o recrutaram: aguardasse convocação. Em feito, a sorte com ele trabalhava; e que a merecia, a mais de entreter a certeza íntima e preconcebido otimismo — meios que põem em favor da gente o exato destino correto.

Por todo o outono andávamos, e velhas eram nossas conversas. Meu amigo tinha sensato interesse por tudo o que do Brasil, e eu votava-o a um dia para cá migrar, dono de qualquer fábrica, de bebidas, por exemplo. Então ia-se a outra cerveja e entrando pelos grandes universais assuntos. Fora uma judia a derradeira amiguinha de Heubel, que, e pelo dito, não simpatizaria com o Partido. Mas Márion, romântica, tonta e femininamente prenhe de prudência, experimentava aos poucos trazê-lo à linha de *heil Hitler* mais enfático. Minha

aliada era a mãe, *Frau Madsen*, que me fazia repetir, seguidos, cada discurso de Churchill. Lutava-se, em sinuoso, pelo direito de uma alma, nos amáveis serões em que brincavam-se adivinhações inocentes ou se jogava o *skat*.

Por contra, Hans-Helmut depressa converteu Márion à sua essencial filosofia. De maneira, ela menos se acabrunhou, quando o chamaram enfim à farda, em dezembro.

— “Nada lhe acontecerá...” — recitava, sacudindo a amarela cabecinha, sorrindo assim e parda-azulmente nos olhos. E foi despreocupado que Hans-Helmut partiu, envergava o *feldgrau*, plantado nas grandes botas de campanha; só com sombra de prévia saudade, decerto.

O inverno de 1939-1940 foi muito. Passeando em cima do Alster gelado, Márion contava-nos do marido. Não era a vida cômoda, no acampamento de Münster, onde metade da tropa adoecia de pneumonia ou gripe, enquanto o resto se adestrava sem cessa, suando a se arrastar na neve, horas, a 30° sob zero, naquela charneca de Lueneburg.

[5] Mas Hans-Helmut se colocara, por poder de sua estrela: distribuído ao Estado-Maior da Divisão, dobrava funções de chofer e dactilógrafo. Escapara então ao rigor do *drill* prussiano, e ganhava número de probabilidades para sair vivo do comprido da guerra, chances e estrapaças.

Isso, aliviava-nos, porquanto Heubel míope e de medíocre físico, com lentes grossas. No escritório, sim, agradava imaginá-lo, sua prezada silhueta mercantil-metafísica, acudindo à palavra “burguês”, mais vivo sublimada, no que seu sentido tenha de menos obtuso.

Mas, passaram o frio, o inverno, pela Lombardsbruecke trens com soldados, os dias de Oslo, Narvik e Lillehammer. Vezes, mesmo Márion sabia de nada. Só que Hans-Helmut vivo, com saudade e saúde. Não esteve na Noruega. Esteve na França. Depois de *blitz* e armistício, dele tivemos carta.

Achava-se aboletado, cerca de Chantilly, em castelo, onde havia um parque ameno e infundáveis vinhos, adega soberana. Eram cartas vagarosas, graças, inclusive, a crescente amor pela França. Recomecei a aceitar sua tese: Hans-Helmut não dava, no coração, mínimo pouso à guerra, e pois o destino fora da guerra o suspendia.

Quem irá, porém, esmiuçar o grão primigerador, no âmago de montanha, ou o nó causal num recruzar-se de fios, dos milhões desses que fiam as Nomas?

Porque todo minuto poderia ser uma origem.

Por caso, talvez, aquele em que Márion conheceu Annelise. Difícil, mais, todavia entender: por que teve Márion de vir a conhecer Annelise? E entanto tudo se veja começado descuidada ou deixadamente, em Heubel mesmo — para aceitarmos sua crença pia.

Annelise, tão amena quanto Márion, era mulher do Capitão K., também hamburguês, também na França, em Chantilly. As duas se fizeram amigas; cartas vindo e indo, Hans-Helmut e o Capitão inteiraram-se amigos, talmente. Eram, bem, da mesma idade, as esposas tinham achado a fraternização, e mesmo não seria isso incomum, nos exércitos do II.º e 1/2 Reich. Mas, pois, decorreu que a 117ª Divisão retornou a Hamburgo, para casernar, enquanto nós, nós outros, chorávamos ainda a França, e a *Luftwaffe* quebrava o seu martelo na bigorna inglesa.

Hans-Helmut voltou corado, mais gordo. Sentava-lhe razoável o uniforme, realçando o ar de bonomia clara, que fazia a gente gostar mais dele. Trouxera, além dos presentes de Márion, um corte de pano para smoking e dúzia de garrafas do bom [6] borgo|nha. Trazia também a França. Sim, requintara-se, em várias coisas.

— “*Les Français, vous savez... Tja, die Franzosen... Sabem beber, inventaram essa arte... Um cálice, antes do jantar, l'apéro, un verre... O conhaque, à noite: Encore une fine! Pà"asit, ma p'tite!*” — tocava copo com Márion. — “*Tu es pas mal... Je t'aime...*”

Contava que, em Paris, duas mulheres, sorte de elegantes, o tinham convidado, juntas, para hora íntima.

— “*Doch!... Acendi um cigarro, nongschalaantmantt... E respondi: — Oon leh vverrá... Oh, douce France!*”

Márion sorria, segura de sua estricteza lealdade nórdica. Os dois se namoravam, quais e quando. Ai alguém perguntou: — “*E a guerra?*”

Heubel endireitou o busto, alisou devagar a túnica, sério desesperadamente.

— *Gut... nossa Divisão vinha na retaguarda... no caminho quase não houvera combates... So war's...*”

De fim, pimpou na ponta do nariz um dedo, por engraçado trejeito remexendo os lábios.

“*Da guerra, vi apenas cavalos e cachorros mortos, felizmente...*”

Nunca o notara mais honesto, desvincado. Resumindo em nada sua experiência guerreira, negava a realidade da guerra, fiel ao sentir certo e à disciplina do pensamento. Tornou ao copo, beijou a mão de Márion, e repetiu aquilo de corpos animais, num tom medido, do modo com que falam os lentos hanseatas.

— “*Da guerra, mesmo, avistei só uns cavalos mortos, e cachorros, felizmente...*”

Era um nenhum relato, dito de acurtar conversa. Contudo, tomara força e forma: solta, concisa, fácil para guardada; e ficara assim coisa: que nem uma moedinha de dez *pfennig*, um palito, um barço. Nenhum de nós porém pensava nisso. Recordo, o borgonha cheirava a cravo, tinha gosto de avelãs, de saliva de mulher amada. E a rádio de Breslau enviava-nos cançãozinha:

... “*Ach Elslein, liebes Elselein,  
wie gern war ich bei dir!*”

Hans-Helmut trabalhava com o pai, proprietário em Halstembeck de um viveiro de plantas, e, como interessava aos alemães o reflorestamento, não lhe foi de muito obter um u.k. — licença de desmobilização temporária. Passamos a nos encontrar com [7] mais frequência. Amistosos, discutimos. Ele abria argumentação justa e desconsolada, lógica tranqüila: — “Sul-americano, você deseja a vitória dos países conservadores. Mas, nós, alemães, mesmo padecendo o Nazismo, como podemos querer a derrota? Que fazer?”

Eu buscava contra Hitler um *mane-téquel-fares*, a catástrofe final dos raivados devastadores. Mas, a seguir, calava-me, com o meu amigo a citar Goebbels, o sinistro e astuto, que induzia a Alemanha, de fora a fundo, com a mesma inteligência miasmática, solta, inumana, com que Logge, o deus do fogo, instigava os senhores do Walhalla, no prólogo dos Nibelungen.

Também findara o borgonha, bebia-se do mosela. Zuniam nas noites os aviões da RAF, entre sustos e estampidos. Desfolhavam-se as túlias da Glockengiesserwall, os olmos da rua Heimhuder. E vinha-se para fim do outono, com tristeza e o escuro, como se descendo por subterrâneo.

E ora porém, pois, conforme, os maiores dias vão assim no comum, sem avisações; a não ser quando tudo pode ser conferido, depois. Márion disse:

— “Jantamos amanhã com Annelise e o marido.”

— “*Ach so,*” — entredisse Heubel — “vamos à casa do Capitão K., meu amigo.”

Soube, mais, que com o casal K. morava o Dr. Schw., sogro, médico retirado, que gostava de cursar conferências sobre quaisquer temas. Daí, aí, gravei ainda que Márion e a capitãzinha continuavam a avistar-se, nessa pausa da guerra. E, outro-tudo que a tanto se prendesse, foi falado longe dos meus ouvidos, ocupados, ali e aqui, a apanhar outras conversas.

— “Ah, se ao menos até o Natal acabasse esta guerra!” — clamava-se, longe das presenças da Gestapo. — “Ah” — rogava Márion — “esta guerra acabasse!”

Mas dizia e esplendia, ostensiva, preparando as roupinhas do bebê.

Notem: antes do Natal, a mão do *fatum* volveu a Heubel, num meio gesto: foi ele chamado de novo às filas, para o acampamento de Münster, onde veteranos infantes voltaram a aprender, de a a z, dia sobre dia, as partes de todo combater.

— “Nosso Hans-Helmut continua guiando automóveis e dactilografando?”

— “Oh, sim, sim, sim...” — Márion se bendizia, olhos de ver anjos no ar, o ventre manso e tanto se arredondando.

Pelo inverno, fora o regelo e frimas, tudo era o ruim vento de leste e aquela rotina da guerra. Vi Márion menos vezes. [8] Aconteceu, raro também, que Hans-Helmut viesse a Hamburgo, por breves licenças. Delas, uma para conhecer o filho — Déty, preclaro, ridor, tão gorduchinho — chegado, como via geral os meninos, guardando ainda o exser de algum país de ideidade.

Seguindo assim, seja, semanas, roncavam mais estragadores os bombardeios do ar. Na penumbra do grande hall da Hauptbahnhof, maior era a muda procissão dos soldados que des-embarcavam. Inge, moça vizinha, encomendou ao namorado dúzia de prendas búlgaras. Olhávamos para os Balcãs. Mas, entre o jornal e o rádio, crescendo os dias, todos penávamos de pensar em abril, como se suas primeiras flores já vindo envenenadas.

Por azo, em noite menos fria, foi que me encontrei com Márion e a mãe, no teatro. Estava fina e radiante. — “Viajo amanhã. Vou vê-lo...” — pois. — “Vai despedir-se. A Divisão de Hans-Helmut move-se para outra parte...” — informou *Frau* Madsen, quase ao meu ouvido, tal a poupar o supérfluo sofrer arranhado pelas palavras.

Apressei num cartão duas linhas para meu amigo, e entrei a revocar assunto, dando ainda como firme infalível a suposta invulnerabilidade de Heubel. Depois, como a peça era viva e diferente do tempo, um pouco nos alegramos.

No Outro intervalo não me admirei de ver, distante, Annelise. Estava com um senhor de idade, e expediu a Márion aceno e sorriso. — “Ë o pai?” — conferi. — “Sim, o Dr. Schw. Seco, *unsympathisch*?” — concedeu Márion, para sua groselha. Nem isso, nem melhor — achei, com meu sanduíche de enguia defumada. Observando-o, que para nosso lado não olhava: externo, espesso, sem feitio nem aura.

Márion falava do marido, dela, do filho. *Frau* Madsen implorava-me, recados de Londres. Despedi-me e caminhei, aproveitando a lua. Na estação de Dammtor, um trem sem fim atravessava a noite, comboio militar, canhões e tropa, rodando para o Sul, vindo da Dinamarca.

Enquanto a aguardar o alarma aéreo, eu costumava ouvir as corujas — huhuhuuuu — um ululo; não instavam agouro, imitavam apenas o vento nos arames da rua. Com a neve e o luar, podiam-se distinguir, empoleiradas nas árvores. E, aurantemente, tristonhamente, tinha-se de pensar nas antigas baladas, em que sempre vem um cavaleiro, solitário através de florestas, ou um conde palatino ou margrave transpondo o Reno e tocando tom de luto na trompa de caça. Depois, adormeci, sonhando a dor das separações e os rouxinóis dos *lieder*. E as horas, abrolhosas, que a guerra diante de nós suspendia.

[9] Porém, nos dias, que propor ou adivinhar, se Márion mesma não disse tudo? Tão ainda dissesse, onde ao menos ajudá-los? O destino flui, o homem flutua. Nem mais irrogável e pesado há, que uma sombra.

— “Sabe, foi bom... Passamos a noite numa casa de camponeses, tudo tão certo, tão pobre... Levei vinho, farnel, jantamos. De manhã, oh, decerto nem achei triste a nossa despedida. Choramos...”

— Para onde o mandaram, Marionzinha? Pode você confiar isso a um “estrangeiro inamistoso”?

— “Que sei, que sei? — esta guerra não acaba!

— Ele voltará bravo e bom, Márion.

— “Mas, voltar, demora... Sinto que vou sofrer muitos dias, depois muitos dias, depois

muitos dias... Sofrer no sangue, sofrer no sonho... Tenho de tremer de sofrimento...”

De remate, turvaram-se seus olhos.

— “Nisso, não quero pensar, não devia dizer a ninguém... Mas, você crê, de verdade, em sorte e estrela?”

— Hans-Helmut, Márion, acredita.

— “Ah, pergunto: você — acredita?”

— Por que não? A fé e as montanhas...

— “Nem sei se está sendo sincero. Mas disse: Hans-Helmut e...”

— Seu crer o salva Márion...

— “Meu amigo — sem querer, você aflige-me...”

— Mas, hem...

— “Eu não devia falar, pensar... Desta vez, ele partiu acabrunhado, profundo, sei que sem segurança. E sim... Temo que tenha *medo*...”

— Momentos de depressão contam pouco, ele permanece... — “Não digo. Seu rosto era outro, você visse. Meu amigo, tem de ajudar-me, mandar-lhe cartas animadoras, muitas... Minha mãe e eu vamos rezar, de joelhos, noites inteiras, tudo vale! Não choro. Ah, marque o endereço: Feldpostnummer 16962 D, apenas.”

Vale, você intrépida pequena Márion, em seu apartamento da Hahnemannstrasse e entre berço e retrato, vocês três. Ora estronda a guerra, para lá do Danúbio: bombas massacram Belgrado. “...*Prinz Eugen, der edle Ritter*...” — clangoram históricas fanfarras, alto-falando os sucessos especiais. Tratemos de Heráclito, de Sófocles — arre ondeia a suástica sobre Himeto, Olimpo e Parnasso — detém ninguém o correr dos carros couraçados. Vem os soldados cruzam-se com o regresso de [10] andorinhas e cegonhas. Já se combatia em Creta. Mas, sob canhões e aviões, o incerto velho oceano, roxo mar dos deuses, talassava, talassava... E, do fundo de longes batalhas, tinha o telefone, trazendo-me voz aquecida:

— “Sou eu, Márion, recebi carta, leio! Você pensa... Teve também um cartão? Mas, diz quase nada! Fala numa cidade mediamente grande, pastores com a gugla, camponesas de largos aventais floridos... Dá o movimento do porto, as plantações de cucuruza... Sim, tenta dizer-nos que está na Romênia... Em Constanza, você acha? Ah, tudo continuará bem, *oh ia, ho ia*, Deus a o proteger... Deixe, não, de responder logo, obrigada. Precisamos de ajuda...”

Sim, todos nós. *Los! Vorwaerts!* Milhões, de vez, penetram no Leste — rasgam a Rússia — máquinas de combate rolam através da estepe, como formigas selvagens. Porém diante, um duro defensor morria matando, ou se abriam só ruínas e o caos da destruição, como no segundo versículo: a terra mal criada — despejada e monstruosa — *tôhu-vabôhu*.

E correm conquistas, entrou outubro, multidões vão caindo. Márion, tenho novidade... De setembro, 18. Outro cartão, a lápis:

*“... E o pior é ter de avançar, dias inteiros, pela planície que nunca termina. Meus olhos já estão cansados. Raramente enxergo um trigal, choupanas. Chove, e a lama é aferrada, árdua, O russo se retrai com tal rapidez, que nunca os vemos. Quando você estiver com Márion, diga-lhe que nela penso todo o tempo, e no menino...”*

Longo o rumo dos horizontes, o barro negro da Ucrânia, pássaros de bandos revoando o incêndio de searas, e um coração de amante a contrair-se, grande como a paisagem sármata e a desolação sagrada da ausência.

*“Meu caro Hans-Helmut, — veio, faz três dias, teu cartão. Márion pediu-me, quer cada linha de ti...”* Difícil é ter e inculcar uma confiança, quando em volta só se pensam imagens de temor e sofrimento... *Márion e eu esperamos conserves tua consciente crença. Márion...*

— Alô? Sim, é Márion... Pode vir ver-me? Minha mãe está no Harz, meu sogro em Halsternbeck... Venha, é terrível...”

Decerto. Só um lance poderia recortar-se assim, e esperadas palavras expliquem tal palidez, os olhos aumentados.

— “Você veio. Obrigada...”

— Que é, Márion, carta?

— “As que o correio devolveu: o *“empfaenger unerreichbar”*...”

[11] — “Destinatário inalcançável”... “Decerto não localizadas as unidades, no tumulto da ofensiva...”

— Não, a organização é implacável perfeita. Tenho só esperança: Hans-Helmut prisioneiro... Se não, se... Mas, então tudo está perdido?

— Mas, mal, Marion...

— “Estou comportada. Chorei, toda a manhã.”

— Você não chorou bastante...

“Não, é que agora tudo se quietou. Posso pousar no sofrimento. Ah: o ódio de Kriemhilde a Hagen... neste mundo de altos monstros!”

— Quem, bem, Márion?

— “Tem você lembrança de quando Hans-Helmut e eu estivemos com os K.!? Deus devia antes ter-me partido três ossos!... Você sabe, o Dr. Schw., pai de Annelise? Veja um homem crasso, persuadido, sem grão de alma. Vivendo de cor os conceitos: glória, o que mal sei, mais-pátria e raça... os desses. Discursam, pisando na mão de uma criança...”

— E o outro, o capitão?

— “Perdoe-me, conto. Propriamente, tudo e nada. Descrevia aquele as tantas façanhas da Wehrmacht, na França, na Bélgica. Annelise e o pai escutavam, em momentos o Dr. Schw., às doutrinas, com intercalações. Meu Hans-Helmut! ... Tendo-me ao lado, se mostrava feliz, ingênuo. Ao café, o doutor quis, não menos, suas narrações de campanha. Ah, e não lhe fiz sinal, não lhe tapei a boca!...”

— Hans-Helmut?

— “Sorria, para mim, fumava seu charuto... *“Ora, eu, da guerra, só vi uns cachorros e cavalos, mortos, felizmente...”* — foi disse. Vendo você o rolado olhar do Dr. Schwartz; daí, cerrou-se em emburro e carranca. Seu desdém era rancor, demonstrativo. Turvou-se e gelou-se, lá, de nada a boa-vontade de Annelise. A seguir, quase, saímos...”

— E, desde...

— Dali a meia semana, Hans-Helmut reconvocato. Causal? Ao apresentar-se, avisaram-no: não continuava em Estado-Maior, sim na tropa. Teria urdido o quê, o capitão K.? Pois transferia-se Hans-Helmut à companhia sob comando dele, assim. Pensamos ainda isso a seu favor... Sabe como o capitão o viu? — “Aqui não haverá espécie de intimidade, tibieza, epicurismos!” — repelente, vexante.

— Sem treinamento, desjeitado para o exército, [12] aguerridíssi|ma! E no momento de ofensiva, à vanguarda... Por que você não tentou, Márion, não foi a Annelise?

— “Se fiz! Tive de com ela romper, quando também desprezou-me... Andamos depois a outros, nulos recursos. E era o que oprimia Hans-Helmut: não o medo, o risco, ânsia de livrar-se. Só horror enorme à maldade... Assim puderam matá-lo — primeiro, nele, alguma coisa... Mas, não! diga, diga, então...”

Ele, Márion. Não voltará; não o veremos. Veio a exata fórmula, papel tarjado. Hans-Helmut Heubel passou, durante um assalto, e deram-lhe ao corpo a cruz-de-ferro. Seus traços ficarão em chão, ali onde teve de caber no grande fenômeno, para lá do Dnieper, nas estepes de Nogai. Ninguém fale, porém, que ele mais não existe, nem que seja inútil hipótese sua concepção do destino e da vida. Ou que um dia não venham a ser *“bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra”*.

## [108] A VELHA

Sua primeira menção, um tanto confusa, foi em qualquer manhã, pelo telefone. Uma senhora, muito velha e doente, pedia que o Cônsul lhe fosse à casa, para assunto de testamento. *Frau Wetterhuse*.

O recado se perdia, obrigação abstrata, no tumulto diário de casos, o Consulado invadindo-se de judeus, sob mó de angústias, famintos de partir, sofridos imenso, em desengano, público pranto e longo estremecer, quase cada rosto prometendo-se a coativa esperança final do suicídio. Vê-los, vinha à mente a voz de Hitler ao rádio — rouco, raivoso. Contra esses, desde novembro, se implacara mais desbordada e atroz a perseguição, dosada brutal. Viesse a guerra, a primeira ordem seria matá-los?

O nome *Wetterhuse* extinguiu-se num zumbido, com o que o Norte tem de mais brumoso. Mas, seguinte, na semana, voltava, a súplica, embaixada-de-jó, apelo insistido. Prometi-me de ir lá. Fazia todo o frio.

Sumia-se no dia noturno a bela, grande cidade hanseática, nem se avistavam seu céu de ferro molhado e as silhuetas das cinco igrejas, suas torres de cobre em azinhavre. Dava-se, que nem caudas de cobras, delgados glaciais chicotes — nevando, fortes flocos — o vento mordaz. Saindo para o *Glockengiesserwall*, se bem que abafado em roupas, eu tivera que me enregemer, ao resfrio cravador e à umidade, que transia. Via-se, a cada canto, o emblema: pousada num círculo, onde cabia oblíqua a suástica, a águia de abertas asas. A fora, as sombras dos troncos de árvores, na neve, e as curvas dos corvos, o corvo da desdita. Dizia-se que, este, muitos anos faz, seria o mais duro inverno, de concumulados gelos: morriam muitos pássaros. O coração daquela natureza era manso, era mau? Sentia-se um, ao meio de tal ponte, à face do caos e espírito de catástrofe, em tempo tão ingeneroso, ante o critério último — o pecado de nascer — na tese anaximândrica. Todos pertencíamos, assim, mesmo, à vida.

A casa era no *Harvesterhude*, umbrosa, meio a um jardim que no verão teria sido amável, com seus olmos e os maciços de tuias e rododendros. Toquei e levaram-me ao salão — como se subterrâneo. Havia lá uma invernia de austeridade, o cheiro de [109] irrenovável mofo e de humanidade macerada. Tapeçarias, reposteiros de falbalás, muito antigos móveis, tudo se unia num esfumado: as cinzas da neve. Assustava a esdruxularia daquele ambiente solífugo e antimundano, de sopor e semiviver, o sentido de solidão; circunstando um ar frio. Tinham acendido lareira. Dos lustres descia uma luz, de velas, era luz em cemitério. Esperava-se encontrar, em torno, duendes e lêmures. Encontravam-se criaturas — ao todo cinco mulheres, todas velhas, que se retraíam, estafermáticas, estornicadas nas vestes de veludo ou gorgorão de lã, de golas altas, longas mangas, terrível decoro.

Ao centro, numa poltrona em estrado — deveria ficar mais alta que nós, segundo um rito — a mais anciã. Era extraordinária de velha, exaustamente o rosto, todo angulado, cavado de sulcos, e em cujo esqualor olhos havia, ex-azuis, sem íris, de despupilada estátua. Passaria dos noventa, parecia centenária. Desde as aparências, porém, sabia-se que a gentil-dama, feita às sociais sobrançerias e ao comando íntimo, e a quem o recato levava a levantar-se do leito de semiparalítica, e ser vestida e colocada ali, em elevado assento, de mágoa hirta, de sua lívida vontade. E precisava de ser ouvida. Beije-i-lhe a mão, os trêmulos dedos definhados.

Era a *Dame Verônika*. *Dame Angélika*, sua filha, e três parentas, as outras, ressemblantes, com, que nem que perucas, os tão brancos cabelos, que teriam sido amarelo-palha. Ordenadamente se sentavam, cada qual com mal pegado sorriso, prontas a conservar-se de parte, sentindo-se demasiado presentes ao versar do assunto conspirável. O qual, a justo ver, elas desconheciam.

Desfez-se um silêncio. *Dame Verônika* tomou a voz. Dissesse tão-só frases de polidez; repetia-as, balbuz, sob algum afrontamento, com um arrulha de asma. Ora fechava os olhos, sacudia, levíssima, a cabeça em frinas, reprincipiava. Devia de estar repassando-se de algo,

muito passado, trazido de um túnel, relutante na resistência à evocação, fato de estrangulada memória. Confundia-se; eu tinha de prestar ouvidos. De repente, encarou-me mais, dava-me o todo gris dos olhos. E começara a falar em português.

Falava-o, tão perfeitamente, e não mais naquela dicção fosca, mas ressurgida, anos d'ora-atrás. E vi — que a voz pertence às estâncias da idade: que, bem assim, nesse teor de tom, que eu jamais ouvira, conversar-se-ia, outro tempo, em solar e saraus, em tertúlias, merendas e cavacos. Era como se falasse figura, de um álbum desbotado.

[110] — “Vivi em vosso pais, vossa pequena formosa cidade de Petropolyís... Conheci vosso bom Imperador — ele estudava o hebraico. Vosso Imperador estimava meu marido, Káspar... Dr. Káspar Eswepp, sabeis? Vosso Imperador nos convidava ao paço...”

Relembrava — revocava — sorriu-se a um persistir de imagens? E estremeceu. Voltava às brumas do presente, à sua gélida pátria. Só então entrou a falar sob força de fatos: dos campos-de-prisão, as hitlerocidades, as trágicas técnicas, o ódio abismático, os judeus tratados. Olhávamos, ali, na parede, de corpo inteiro, o marido. — “Ele era judeu, sabeis?”

E — o retamente, o raso: a filha, também tão idosa *Dame* Angélika, seria teuto-hebréia uma *mischling*, “mestiça do primeiro grau”, segundo o código hediondo. Dona Verônica o disse, de soçobro. A filha, por sua eiva aboriginal, corria grave perigo. Ela, a Mãe, tinha de solicitar-se daquilo.

Sofria, seca. Preparava-se? Para desvendar-me seu motivo: o drama, sobreestranho, o coração da coisa, vagarosíssima verdade:

— “Minha filha não é filha do meu marido. Nem ela, nem ele jamais o souberam... Foi em vosso pais... O pai da minha filha era um amigo nosso, que nos freqüentava... O pai de minha filha não era de sangue judeu...”

Teve um sorrisinho titânico. Endireitou o busto, alisava-se o rosto, num ademã de extrema dignidade, fizera-se altiva. Num momento, ela precisara de profundar um poço, arrancar em si o que tanto sepultara à força do tempo, desistir do longo benefício do olvido. E já era a dor de dar, à fé, uma sua turpitude secreta, exsuscitar um negrego, a fermentira. Seu coração não pesava um miligrama?

Ali, as outras quatro mulheres permaneciam, salvaguardadas, em circunstância de surda sociedade, sem participação emotiva. Aquelas meditavam o que não podiam entender — *Dame* Angélika, damas Filippa, Osna e Alwyna.

Dona Verônica não se voltara para a filha; só a mim encarava, ávida. Não sem intuito descobri-me o inarrável. Tinha de satisfazer o problema, intentar o sarcimento. Sanar o obviável. — “Não? Sim?” E queria reforçar-se com minha opinião, tomar conselho. A filha não tinha sangue da outra raça. — “Por que, pois?” Pertencia-lhe, fidedigna, declarar aquilo, fatal como o sol, verificazer o real, renegar o inautêntico. Tomaria o grave passo. A tanto preço — o de se inquinhar e malsinar-se, para o [111] pouco restante da vida. Em dizer, porém, que não lhe era possível prestar fatos, produzir testemunhas, recorrer no caso à prova de sangue, nem ao menos apelar para a razão pública. Tão longe, tantos anos... Mas, quem sabe, poderia ter o apoio de um grande, forte país, de gente tão fidalga, de tanta ponderância! — “Sim. E?” Pegou o lenço, tivera um jacto de, tosse. Ansiosa, querulante: — “Foi em vossa formosa, pequena cidade de Petropolyís...”

Não, em fato. Não. Tive de sacudir a cabeça. *Dame* Angélika nem mesmo era brasileira. Tudo indeterminado, sem fundamento certo, apenas o citar de um romance perdido no antigo, tão esfiapável, pátina, voz para memória. Quem iria querer crer? Ela mesma, Dona Verônica, não se lograva de ilusões. Ah, vivera demasiado tempo, distanciara-se das possibilidades manejáveis das coisas. Teve o chluque de um soluço. Ofegou. Ia abater-se. Súbito, porém, rompendo-se do desalento, algo flamejou nela, que nem um rebrilho de alma — uma glória — e exclamou:

— “*Ele foi um vosso compatriota, um homem nobre... O amor de minha vida!...*”

Sopitou-se, desopressa. Como poder pagar sua dívida dourada? Levantei-me; eu nem era um cooperador passivo do destino. Também aquelas senhoras presentes se levantaram, em sincera, distinta cortesia. Ali, borbulhavam pensamentos.

Desfalecidos espíritos. Só silêncio. Dona Verônica mostrava-nos seu comprido rosto, escalavrado, blafardo, diáfano pergaminho. Dona Angélica passava-lhe meiga a mão por trás da cabeça. Todos nós jazíamos de pé, em volta dela. A longa mulher. O sistema do mundo. A velha vida.

### [210] A SENHORA DOS SEGREDOS

NÃO sei se creio em quiro e cartomantes; em astrólogos, sim, quase acredito. Pelo menos, duas vezes tive fé em *Frau Heelst*, dada e gabada então como horoscopista de Hitler.

Foi em Volksdorf, perto de Hamburgo. De auto, por entre muros, casas e árvores, chegava-se lá num pulo. E, como a consulta dessas em grupo vai-se melhor, éramos Ulrike Wah, Grétel Amklee, Lene Speierova, Ara e eu.

Custoso agora traduzi-las — Lena, Guida e Ulrica — as três teutas moças, tão longe deixadas, mas que, com a gente, aquela tarde, à gaia se atiravam a poder querer espiar tico de seus destinos. Ulrike, a bávara, solta, sem pausas; trigueira dinarica, se bem que de corpo subido e pernas longas, como os de uma nórdica. Grétel, sua prima, da Turíngia, simples louca, que vinha de achar o mar do amor, e redizia, em jeito de susto: — *Die Liebe ist das Element des Lebens!* E Lene, sudeta, estonta ruiva, de esquinados perverdes olhos, eslavos ossos do rosto, bonita, mais influenciando logo azo inquietante e impreciso. Tais assim, ao menos, no tempo, na memória, em comitiva.

*Frau Heelst* recebeu-nos não profissional, com lisa benevolência. Era uma ampla senhora, lavada e enxugada, livre nas roupas, segura. Admirei-lhe as maneiras e sua ciência dos astros, que devia ser plena, a ponto de dar-lhe tanto desdém do ritual cabalístico. Tinha apenas perto de si um gato, amarelo, sentado, que trazia tudo para dentro de seus olhos e gerava no ambiente eletricidade e amoníaco.

Principiando por Grétel, *Frau Heelst* curvou-se no trabalho. Folheou tabelas, empregou lápis e compasso, traçou um círculo. Em concentração de matemático e não de vidente, foi formando números, trigonometria, signos. Ao cabo dos cálculos, voltou-se. E anunciou — tendências inatas, passado principal, futuro próximo — o que a Grétel tocava, segundo o céu antigo.

Grétel escutou-a, sem reagir, sem um pestanejo. Falou, enfim:

— Sinto, cara senhora, mas o explicado, até onde sei, a mim não pode aplicar-se, absolutamente não.

[211] *Frau Heelst* não hesitou um til. Só:

— Assim, minha filha, as indicações que me deu devem ter sido de algum modo inexatas. Nasceu mesmo às 6 da manhã, e em 1915?

Rápida, foi Ulrike Wah quem apontou o erro: Grétel não era de Erfurt, como desatentamente dissera, mas nascida em Dar-as-Salaam, na África Oriental, de onde teria vindo menina. E latitude e longitude muito contam, nos assinalamentos siderais.

*Frau Heelst* amimou o gato. Com o mesmo composto afinco, retomou a tarefa, que não durou menos nem mais que da primeira mão. Muita coisa há, de se crer para ver: os novos resultados se disseram certos. Ouvindo que ia depressa casar-se, e ter quatro filhos, a confirmação de Grétel correu larga, agradecida:

— *Die Liebe ist das Element des Lebens!*

E veio então a vez de Lene Speierova, de Marienbad, na festa flor dos anos, vestida de escuro verde. Esperávamos.

Súbito, sim, mal começara a recolher-se, consultando as efemérides, *Frau Heelst* se

desassestou. Apanhou-nos os olhos, com uma mirada em arco, e informou, um tanto desviadamente, que o estudo astral da moça punha-se mais difícil, se fechava confuso, destarte cansada, que preferia não prosseguir. Dava por atenuar-se nas palavras, traindo-a porém o sobrecenho, todo o tom.

Lene insistiu, um centímetro. *Frau Heelst* demorou, dona de si. Naturalmente, nós, em falsa meia-argazarra, tínhamos de dar-lhe apoio: que, sem dúvida, convinha adiar, em melhor hora voltávamos. Mas Lene teimou, por sete varas:

— Pelo amor do quê, *Frau Heelst*! Devo saber a minha sorte...

De mim a mim, tive que algum lance a picara, talvez o modo impetuoso de Ulrike, qualquer finta em seu olhar, ou a involuntária praga meridional: — *Himmelherrgottsakra!* — em que pensasse perceber um subtom de ironia. Porque as duas já vinham cruzando antipatia limpa, quase de tribo a tribo, inevitável, e que agora parecia afiar-se em pequenino ódio, dos mais hostis.

Daí, já *Frau Heelst*, cirúrgica, se decidira:

— *Ja, richtig...* — era a sina da outra, a seu querer; pegasse, pois, fel e mel, a obrigação do enfrento.

Mas, profunda é a malícia de uma maga, ou sua sabedoria: acrescentou que o estudo teria de ser adentro de portas, somente para Lene, e uma mais, testemunha; e, para nosso pasmo, escolheu Ulrike. Concordaram as duas, de brusco estreitas, uma e outra, na firmeza germânica.

[212] Saímos, os outros, para a sala onde se fez por abrir honesta conversação sem cor, sobre o trem do tempo. Mas, de mal-guarda, nossa fala era apenas rumor, humano demais como o de pão mastigado, e cada um bebia sua sombria curiosidade, como um vinho frio.

Revieram: viu-se Lene em choro, trazia-a Ulrike, abraçadas, choravam juntas.

— Terrível!... Terrível... — foi a revelação única que Ulrike nos passou, num sussurro.

E, no entanto, no rosto de *Frau Heelst*, à porta, só líamos brandura e seriedade, e nada a não ser pura bondade em seus olhos azuis.

\*

Mas minha segunda ida a Volksdorf se deu só em meados de junho, e portanto depois quase de ano, quando o Dr. Goebbels andava visitando Dantzig, e eu tinha para *Frau Heelst* uma pergunta pronta:

— Haverá guerra?

— *Ach, nee...* De modo nenhum. Sossegado esteja.

A resposta era a resposta. Mas não a previra eu em jeito tão claro.

O gato estava lá, dentro do círculo de sua cauda. Os olhos mencionavam os de Lene, outro vestido de Lene, de quem me faltavam notícias, a não ser que estava noiva de um sujeito de má fama, e por isso em luta com a mãe, que ela queria dar como louca e interdita. Eu ali, afinal, não passava de um estrangeiro, e os tempos eram perigosos. *Frau Heelst* serviu-me chá.

Triviando conversa, pedi para saber como seria investigável astrologicamente aquele assunto, de paz ou guerra neste mundo sublunar; e ela grau em grau se descerrou, visto que o terreno da ciência é o da sã comunicação lata.

Sim, podia-se tirar o gráfico do destino de um país, dum regime, desde que conhecida a data de seu começo. Para o III Reich, por dizer...

— E por que não recorrer aos horóscopos dos rapazes em idade militar?

— Oh, não, não, não... — e *Frau Heelst* riu arredondado.

— Esses não vêm aqui...

Isso por isso, não a não, sim a sim, fomos falando, entreponto, das coisas guardadas,

sobreestranhas, servas do fausto e do funesto. Quem sabe, valeria preparar, *in abstracto*, [213] horoscópios virtuais, boa cópia deles... Com as estatísticas, globalmente, dos nascimentos nas diversas partes do país... Talvez já pairasse, sobre centenas de milhares de vidas, o influxo ominoso de Marte.

Mas, para o fim, *Frau Heelst* dissuadiu-me de especular naquilo, pois guerra não iria haver, pelo menos a guerra em grandes dimensões. Declarava-o com afã prudente, e mesmo demonstrativa, patriótica. Foi quase afetuosa a nossa despedida.

Tanto, que passei a lembrá-la — grande loura, à banca de seu ofício, na trípode, dobrada sobre os altos arcanos. Assim como recordei Ulrike Wah, alegre elástica, seus movimentos de onça abstinente. Ou Crétel Amklee, a densa inocência; e Lene Speierova, brasas na cabeça, revirante cabelo. Relembrei-a, vez menos, vez mais, por todo o junho, julho, agosto.

Teria para a recordar, para diante.

Mas, justo no dia, estava eu pensando outras coisas, aquela manhã precisamente, quando de Volksdorf me chamaram ao telefone. *Frau Heelst*, travada, aflita. Falou, falou, frases, urgente, desajuntava-as:

.Se lhe seria consentido emigrar, para o Brasil, para a América, qualquer canto de cidade nossa, onde ganhar seu sustento... Se podia vir ver-me, combinar o quê, pronto receber os papéis, partir...

Não, não era mais possível. Nada deixavam os astros. Doze dias depois, começava a guerra.

*Correio da Manhã*, 6 de dezembro de 1952  
*Letras e Artes*, 22 de março de 1953

### [214] **HOMEM, INTENTADA VIAGEM**

POR exemplo: José Osvaldo.

O qual foi um brasileiro, a-histórico e desvalido, nas épocas de 39 ou 38, a perambular pela Europa para-a-guerra, híspida de espaventos. Veio a Hamburgo. Trazia-o uma comunicação do nosso Cônsul em Viena: “*Não tem passaporte nem título de identidade e diz já ter sido repatriado duas vezes por esse Consulado-Geral. Deve haver aí algum papel, que o refira.*”

E como de feito: achado que, pela terceira vez, no pouco de três anos, revia-se aqui, na estrangeiria e na máxima lástima, contando com que de novo o mandássemos para casa. Veterano, de disparatada veterância, coisa tão dessemelhada. Ele era corado, baixo, iria nos trinta anos. O bem-encarado, bem-avindo, sem semblante de bobático, sem sentir-se de sua situação, antes todo feito para imperturbar-se. Cumpria-se em serenidade fresca, expedindo uma paz, muito coada, propríssima. A uns, pareceu-nos algo nortista, a outros um tanto mineiro; bem alguma espécie. Nisso, e mais, por enquanto, não falava. Fora-se-lhe o último *pfennig*, do que Moreira da Silva em Viena lhe ministrara, no bolso nem tusta. Levava porém roupa aseada e não amarrotada inexplicadamente, e até com no peito uma flor, dessas de si semi-secas, sempre-viva. Assim bem-trapilho, um rico diabo. Mas, lil, lilil, pelo Evangelho, quase lilial que nem os lírios do campo, jovializava.

Tinha-se, em autoridade consular, de chefiar-lhe a ida, na sexta-feira, pelo navio da linha regular da Hamburg-Süd, que partia para o Brasil, gozando da “regalia de pacote” e, então, com a regra de conduzir repatriados. Era só requisitar-se a passagem. Estávamos, porém, em começo de semana, tendo o José Osvaldo de esperar os quatro dias. Com quantia mínima que recebeu, para comida e cama em albergue, deu-se por socorrido magnificamente.

Ele em enleio de problemas não se retardava.

Nesse tempo, não deixou de vir passá-lo, o inteiro possível, no Consulado — de abertura a fechamento — bem se dava a ver um viajante desprovido de curiosidade. Comparecia, sentado no [215] banco, no compartimento do público, junto ao balcão que separava a sala-grande, onde os Auxiliares trabalhavam. Olhava-os, quieto, brejeiro às vezes, com sorrisos seriosos. Falava língua nenhuma, jejuava em tudo. Seu fluido, neutro, não incomodava. Freqüentava ali, como se, em lugar do interior, em porta de farmácia: o aspecto e atitude desmentindo as linhas tortas de seu procedimento. Não seria louco, a não ser da básica e normal doideira humana, a metafisicamente dita. Valeria, sim, saber-se o grau virtual de sua aloprabilidade. A gente nem tem idéia de como, por debaixo dos enredos da vida, talvez se esteja é somente e sempre buscando conseguir-se no sulco pessoal do próprio destino, que é naturalmente encoberto; e, se acaso, por breve trecho e a-de-leve, se entremostra, então aturde, por parecer gratuito absurdo e sem-razão. Convém ver. Só raros casos puros, aliás, abrem-nos aqui um pouco os olhos.

Notavelmente, o de Zé Osvaldo. Não é dizer fosse um raso vezeiro vagamundo, por ânimo de vadição e hábito de irrealidade, atreito às formas da aventura. Outra a sua famigeração e circulo de motivos: sujeitos a um rumo incondicional, à aproximação de Outro tempo, projeto de vastidão, e mais que se pense; propósito de natureza — a crer-se em sua palavra. E o saberia? Sem efeito, que é que a gente conhece, de si mesmo, em verdade? Nem pretendia explicar-se, certo a certo, em quando respondia a umas perguntas, ali, observado entre lente e lâmina, sentado no banco, no faz-nada. Comum como uma terça-feira, otimista como um pau de cerca, risonho como um boi no Egito, indefeso como um pingo d'água sozinho, desmemoriado como um espelho. Dava trabalho, retrilhar-lhe as pegadas.

Sua cidade, o Rio. Não tinha ninguém. Tinha aquilo, que lhe vinha repetidamente sempre, tântalas vezes: a necessidade de partir e longinquir, se exportar, exairar-se, sem escopo, à lontanía, às penúltimas plagas. Apenas não a simples veleidade de fugir ao normal, à lengalenga lógica, para espriaiar cuidados, uma maneira prática de quimerizar. Mas, o que se mostrava a princípio exigência pacífica, ia-se tornando energia enorme de direção, futurativa, distanciância — a fome espacial dos sufocados. Então, se metia num navio, fizera já assim em quantas ocasiões. Voltara toda-a-vida à Europa: fora repatriado em Hamburgo, Trieste, Helsinque, Bordéus e Antuérpia. Ia-se, ao grande léu, como os tantos outros de sua abstrata raça, em íntimo intimados a seguir derrota, ignorantes de seu clandestino.

Por começo, engajara-se sem formalidades em vapores gregos ou panamenhos, como trabalhador de bordo, viajava de [216] forasta. Mas era um ser pegado com a terra, no enxuto, não-marinheiro, nem tinha tatuagem. Pojavam em longe porto, ele se escapava. Agora, por último, nem mais se alistava: subintrava-se a bordo, sorrelfo às ocultas, com justeza matemática, sem isso nem isso, quer-se o que se quer, penetrava. O mar era-lhe apenas o meio de trajeção, seu instrumento incerto, distância que palpita. O mar, que faz lonjura. Ele era sempre da outra margem.

De suas artes em terra, não se tirariam marábulas, matéria de contos arábicos. Só — a licença aberta, a abstinência e percorrência, o girogirar, o vagar a ver. Sempre a Outros ultras, perléguas: itivo e latitudinário, paraginoso, na mal-entendida viagem, todo através-de. Até o desvaler-se de vez e miserar-se, e pôr ponto. Aí, caía num Consulado, socorria-se de seguridade, davam-lhe a repatriação.

Vago, vivo Zé Osvaldo, entre que confusas, em-sombras forças mediava, severas causas? Contou-nos os sucessivos episódios do que se lhe dera, de ingentes turlupinadas e estradas, desta vinda e feita.

Descido em Gênova, fora-se adentro, como sempre, trotamundo e alheio. Apanhou-o a polícia italiana. Mas não sabiam com ele o que resolver, a falta de documentos empalhando qualquer processo de expulsão. Deram-no à guarda da fronteira, que o levou, de noite, à

beirada da Iugoslávia, e traspassaram-no para lá, de sorrate — subterfugido. Parece que o costume era obrarem às vezes desse jeito, naquelas partes. Porque, depois, os da polícia iugoslava fizeram-no para o lado-de-lá húngaro, também de noite e escondidamente, sob carabinas. Pego pelos húngaros, contrabaudearam-no de novo para a Iugoslávia. Idem, os iugoslavos abalançando-o outra vez para a Hungria. E os húngaros, afinal, para a Áustria. Mas, por aí, já ele se aborrecera de tanto ser revirado transfronteiras. Antes que Outros saíssem-lhe por diante para apajeá-lo, tratou de enviar-se a Viena, como pôde.

Simples gracejo, perguntamo-lhe: por que não tentava pôr por obra, aqui, sua arte de astuto, introduzindo-se â socapa num dos navios surtos no porto, a zarpar para o Rio? Seja por brio de esportividade, ou fosse por concordância ingênua, isso o botou influído. Por todo o dia, desapareceu. Mas, quando voltou, no seguinte, foi para confessar seu malogro, com igual sossego. Estivera no porto, no ver a ver. Achara navio a valer, mais de um. Mas o esforço não provou bem, a vigilância ali era um a-fio.

Segue-se que enfim partiu, na sexta. Sumária foi sua expedição. Não tinha bagagem, nem mesmo pacotilha. Sumiu-se, liso e recontente, o sorriso sem defeito, na lapela a sempre-viva. [217] Ninguém se lembrou de dar-lhe algum dinheiro, só se pensou nisso tarde, já despachado o navio; com o atropelo de divertimentos e trabalhos, a gente não só negligencia, mas mesmo negligeia e negligê. Agora, já se estaria longe, navegantibundo, a descer o Elba, a entrar no Mar do Norte.

Mas, na outra manhã, cobrava-nos a Hamburg-Süd a importância de dez marcos, a ele favorecidos contra recibo tosco a lápis, e em termos de “esta requisição”. O desenvolvido Zeosvaldo, capaz e calmo, sabendo fazer de si, servidamente! E não ia voltar — como o entanto, o vento, a ave?

Sim que, anos depois, realmente retornou à Europa, não lhe puderam tolher a empresa. De novo, também, foi repatriado, para a epilogação. O nada acontece muitas vezes. Assim — na entrada da Guanabara — sabe-se que ele se atirou de bordo; perturbado? Acabou por começar. Isto é, rematou em nemque-quando, zeosvaldo, mar abaixo, na caudalosa morte. Só morreu, eom as coisas todas que não soubesse.

Inconseguiu-se?

*O Globo*, 18 de fevereiro de 1961

Crônica bucólica

LUCIA FIGUEIRA PEREIRA

Só a olho nu não dá para ver... a natureza bucólica... a beleza da paisagem...

O MAU HUMOR DE WOTAN

J. GUIMARÃES ROSA

Wotan, de mau humor... a história de Wotan... o mau humor do deus...

A Rússia e o Socialismo

DEMOCRACIA E TOTALITARISMO

EDMUNDO MONIZ

A Rússia e o socialismo... a democracia e o totalitarismo... a situação política...

Continuação da crônica bucólica... a paisagem bucólica... a natureza bucólica...

Continuação da crônica de Wotan... a história de Wotan... o mau humor do deus...

Continuação da crônica sobre a Rússia e o socialismo... a democracia e o totalitarismo...



Andre Gide

UM MOMENTO com ANDRE GIDE

MARIO FEDIOSA

Um momento com Andre Gide... a entrevista... a conversa com o escritor...

Vertical text on the right margin containing various notices and small advertisements.

UM ROMANCE EVOCATIVO

Um romance evocativo... A vida de um homem...



UMA AMERICANA AUSTRIA

Uma americana austriaca... A história de uma mulher...



Filia Universitaria... Anúncio de uma instituição educacional.

Andaia... Anúncio de uma loja de roupas.

AUXÍLIOS DA CRUZ VERMELHA AMERICANA AUSTRIA

Auxílios da Cruz Vermelha Americana... Apoio humanitário para refugiados.

Aumentou o total da produção francesa... Notícias econômicas sobre a França.

Estabilização dos salários... Medidas governamentais para controlar o custo de vida.

MODA E ELEGÂNCIA



O MAU HUMOR DE WOTAN

O mau humor de Wotan... Análise literária ou crítica cultural.

BONIFICAÇÃO Real Moda

Bonificação Real Moda... Anúncio de uma promoção de moda.

CONCURSO DE MANEQUINS

Concurso de manequins... Anúncio de um concurso de beleza.

LEBELSON MODAS... Anúncio de uma loja de roupas.

Estabilização dos salários... Continuação da discussão sobre salários.

CHANTEUNG... Anúncio de uma loja de roupas.

CHARME... Anúncio de uma loja de roupas.

CLINICA DA FACE... Anúncio de um consultório médico.

CLINICA DA FACE... Continuação do anúncio médico.

TECNICA DE CONTAS

Técnica de contas... Artigo sobre métodos contábeis.

USADO O SOM COMO FERROVIA

Usado o som como ferrovia... Artigo científico sobre tecnologia sonora.

MEDIO DE PUBLICIDADE

Mélio de publicidade... Artigo sobre estratégias de marketing.

A MODA

A moda... Artigo sobre tendências e estilos de moda.

COMISSÃO DE ENERGIA ATOMICA

Comissão de energia atômica... Artigo sobre energia nuclear.

UNIAO ECONOMICA ENTRE A FRANÇA E A ITALIA

União econômica entre a França e a Itália... Artigo sobre relações internacionais.

CINTA

Cinta... Anúncio de um produto têxtil.

USADO O SOM COMO FERROVIA

Usado o som como ferrovia... Continuação do artigo científico.

MEDIO DE PUBLICIDADE

Mélio de publicidade... Continuação do artigo de marketing.

A MODA

A moda... Continuação do artigo sobre moda.

COMISSÃO DE ENERGIA ATOMICA

Comissão de energia atômica... Continuação do artigo sobre energia.

UNIAO ECONOMICA ENTRE A FRANÇA E A ITALIA

União econômica entre a França e a Itália... Continuação do artigo sobre relações.



# PORTA DE LIVRARIA Antonio Olinic Bilac - Homem de Aço

### MARIO DA SILVA BRITO

A fé que tinha, que ali se nutria em decorrência do prestigio adquirido como homem de letras, os problemas do momento pareciam-lhe irrelevantes.

Um era o homem de cabana, o outro o homem de rua. O primeiro era o homem de letras, o segundo o homem de ação. Bilac era o homem de ação. Ele não se contentava com a vida de escritor, ele queria ser homem de ação. Ele queria ser homem de ação. Ele queria ser homem de ação.

Porém a imprensa não foi tão generosa quanto a de outros países. Bilac não conseguiu a mesma repercussão que teria tido em outros países. Ele não conseguiu a mesma repercussão que teria tido em outros países. Ele não conseguiu a mesma repercussão que teria tido em outros países.

Ele não conseguiu a mesma repercussão que teria tido em outros países. Ele não conseguiu a mesma repercussão que teria tido em outros países. Ele não conseguiu a mesma repercussão que teria tido em outros países.



Festa Folklorica na Praça de Forst, Transilvania

## Folclore Austriaco

Albuquerque teve oportunidade de assistir a uma excelente festa popular realizada em setembro do ano passado na localidade de Forst, Transilvania, da qual fizemos em seu local o momento que se vê acima.

Albuquerque teve oportunidade de assistir a uma excelente festa popular realizada em setembro do ano passado na localidade de Forst, Transilvania, da qual fizemos em seu local o momento que se vê acima.

## Em Claro e Escuro

Direcu Quintanilha (Para O GLOBO)

**Inconsciente e lírica! Mas sempre!**  
**É frôntica de uma cidade perdida,**  
**Nôrrega algumas vezes,**  
**Unde bebodes sorvem, lentamente,**  
**A depressão dos desamados.**

**Atranco luas cêstis! Desamado! no luar!**  
**Branco faz de sua vida recente**  
**Entre cas e mar.**

**Quanto tempo?**  
**Agora formas que se escappam,**  
**Tu rosto se esgarça, brama e ferrete,**  
**Vielas escassas de procaros**  
**Imprecissas.**

**Ah! Mas inconsciente e lírica!**  
**Nem sei mais se existes**  
**Entre cas e mar!**

**Nem sei mais.**

## Guimarães Rosa conta: HOMEM, INTENTADA VIAGEM

Por que não se dá ao homem a liberdade de ir e vir? É a pergunta que surge no espírito de quem lê o livro "Homem, Intentada Viagem" de Guimarães Rosa. O livro é uma narrativa que trata da vida de um homem que tenta escapar da rotina e da monotonia da vida cotidiana.

O livro é dividido em capítulos que descrevem a jornada do protagonista, desde a sua partida até a sua chegada a um novo destino. O autor utiliza uma linguagem rica e poética, explorando temas como a liberdade, a identidade e a busca por significado.

## O Romance de Lawrence

ALGENTO GOMES

Quando se lê o romance "Lawrence" de D. H. Lawrence, percebe-se a profunda conexão entre o indivíduo e a sociedade. O autor explora a luta do protagonista por sua liberdade pessoal e emocional.

O romance é caracterizado por uma linguagem crua e direta, refletindo a natureza visceral dos sentimentos dos personagens. Lawrence aborda temas como o desejo, a repressão e a busca por autenticidade.

## GIDE: DEZ ANOS DEPOIS

O GIDE em 1960, lembrando o aniversário de dez anos da publicação de "O Gide em 1950"

Dez anos depois, o legado de Gide permanece vivo e relevante. Sua obra continua a desafiar e inspirar leitores em todo o mundo. O autor é lembrado por sua coragem e sua busca por liberdade de expressão.

Seus escritos continuam a ser estudados e debatidos, oferecendo insights valiosos sobre a condição humana e a sociedade. Gide é considerado um dos maiores escritores do século XX.

Intelectual-27

Intelectual-27

Intelectual-27

OS  
BROS

# Um Caso Liquidado

Al Graham Greene buscou, em lugares bem afastados da Inglaterra, ambientes e uma estética atípica para desenvolver suas histórias. Em "Um Caso Liquidado", o romance narra a história de um médico atípico que se dedica a ajudar os pobres e marginalizados da sociedade. O livro é uma forma de crítica social, mostrando a realidade da Inglaterra da época. O protagonista, um médico chamado Querry, vive em um mundo de pobreza e desespero. Ele se dedica a ajudar os pobres e marginalizados da sociedade. O livro é uma forma de crítica social, mostrando a realidade da Inglaterra da época.

que é uma realidade, mas que representa um ideal por demais abstrato e não parece atingir ao homem, se não se estiver.

Um estudo sobre a realidade crítica ("Die Dichtung der Gegenwart", de Hans Reiss) afirma que a literatura é uma forma de crítica social. O livro "Um Caso Liquidado" é uma forma de crítica social, mostrando a realidade da Inglaterra da época.

# Amor no Escuro

Como se antes da hora oprimida não tivesse terminado, e como se fosse possível, o homem o que quer que sejam que se dá a conhecer em nós. O ar era leve e doce, e o mundo o mesmo de luz e um beicinho.

Emocionado desolado por longas horas. Morim ouvindo a dizer a mulher que ia com o marido para o trabalho. Mas não parecia ser o mesmo. O marido estava com o ar de quem não estava bem. Ela estava com o ar de quem não estava bem. O marido estava com o ar de quem não estava bem. Ela estava com o ar de quem não estava bem.

# Clarice Lispector

Passo Graham Greene um estudo sobre a realidade crítica ("Die Dichtung der Gegenwart", de Hans Reiss) afirma que a literatura é uma forma de crítica social. O livro "Um Caso Liquidado" é uma forma de crítica social, mostrando a realidade da Inglaterra da época.

# PORTA DE LIVRARIA

## América Latina e América Inglesa

O GLOBO 3-6-61 Página 9

Antônio Olinto

Um dos obstáculos opostos ao reconhecimento dos povos latino-americanos no mundo foi a convicção de sua inviabilidade. O mundo europeu estava ainda reconhecendo o professor polaco Wladimir Bronecki, que havia escrito a História e a Crônica da América Latina. O reconhecimento dos povos latino-americanos no mundo foi a convicção de sua inviabilidade.

AMÉRICA JACOBINA LACOMBE  
Tanto quanto a América Latina, a América Inglesa também sofreu o mesmo destino. O reconhecimento dos povos latino-americanos no mundo foi a convicção de sua inviabilidade.

# América Inglesa

América Inglesa, o mundo europeu estava ainda reconhecendo o professor polaco Wladimir Bronecki, que havia escrito a História e a Crônica da América Latina. O reconhecimento dos povos latino-americanos no mundo foi a convicção de sua inviabilidade.

# América Latina

América Latina, o mundo europeu estava ainda reconhecendo o professor polaco Wladimir Bronecki, que havia escrito a História e a Crônica da América Latina. O reconhecimento dos povos latino-americanos no mundo foi a convicção de sua inviabilidade.

# Historias Contadas na Academia

JOSÉ MONTELO

UMA crônica de reminiscências, publicada em "O Jornal do Brasil" de 11 de fevereiro de 1961, sob o título "O Cavaleiro", e em "O Estado de São Paulo" de 12 de fevereiro de 1961, sob o título "Gôndolo de um Poeta".

# Historias Contadas na Academia

JOSÉ MONTELO

UMA crônica de reminiscências, publicada em "O Jornal do Brasil" de 11 de fevereiro de 1961, sob o título "O Cavaleiro", e em "O Estado de São Paulo" de 12 de fevereiro de 1961, sob o título "Gôndolo de um Poeta".

# Historias Contadas na Academia

JOSÉ MONTELO

UMA crônica de reminiscências, publicada em "O Jornal do Brasil" de 11 de fevereiro de 1961, sob o título "O Cavaleiro", e em "O Estado de São Paulo" de 12 de fevereiro de 1961, sob o título "Gôndolo de um Poeta".

# Historias Contadas na Academia

JOSÉ MONTELO

UMA crônica de reminiscências, publicada em "O Jornal do Brasil" de 11 de fevereiro de 1961, sob o título "O Cavaleiro", e em "O Estado de São Paulo" de 12 de fevereiro de 1961, sob o título "Gôndolo de um Poeta".

# Guimarães Rosa conto

## A enxada

SUA primeira memória, um tanto confusa, foi em qualquer momento, talvez no fim de uma tarde, muito quente e com o vento forte. Era uma tarde de verão, com o sol muito quente e com o vento forte. Era uma tarde de verão, com o sol muito quente e com o vento forte.

# Guimarães Rosa conto

## A enxada

SUA primeira memória, um tanto confusa, foi em qualquer momento, talvez no fim de uma tarde, muito quente e com o vento forte. Era uma tarde de verão, com o sol muito quente e com o vento forte. Era uma tarde de verão, com o sol muito quente e com o vento forte.